

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO  
CULTURAL



**DISSERTAÇÃO**

**IGREJA NOSSA SENHORA DO SOCORRO: REFLEXÕES SOBRE OS  
USOS EDUCATIVOS DO PATRIMÔNIO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM TOMAR  
DO GERU/SE**

**Maria Socorro Soares dos Santos**

**Pelotas, 2013**

## **Ficha catalográfica**

S237p Santos, Maria Socorro Soares dos.

Igreja Nossa Senhora do Socorro: reflexões sobre os usos educativos do patrimônio no ensino fundamental em Tomar do Geru/SE / Maria Socorro Soares dos Santos. – Pelotas, 2013.  
142 fl., il.

Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos.

1. Patrimônio Cultural. 2. Educação Patrimonial. 3. Igreja Nossa Senhora do Socorro. I. Título.

CDU 37:719(813.7)

Bibliotecário João Paulo Borges da Silveira (CRB 10/2130).

**Maria Socorro Soares dos Santos**

Igreja Nossa Senhora do Socorro: reflexões sobre os usos  
educativos do patrimônio no ensino fundamental em Tomar do Geru/SE

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Memória Social  
e Patrimônio Cultural da Universidade  
Federal de Pelotas, como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Memória Social e  
Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos

Pelotas, 2013.

*À minha mãe Margarida, razão do meu esforço e da minha vida.  
Aos meus irmãos e aos meus sobrinhos, que me apoiaram com seu amor.  
E aos que se orgulham por serem geruenses.*

**Banca Examinadora:**

**Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos - ICH/UFPEL – Orientador**

**Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira - ICH/UFPEL**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmem Gessilda Burgert Schiavon – FURG**

## AGRADECIMENTOS

Somente o meu querer seria impossível para realizar este tão sonhado trabalho. Assim, preciso saudar a presença decisiva de algumas pessoas na minha vida, especialmente a presença de Deus, força maior que me sustenta nesta caminhada.

Aos professores do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela contribuição enriquecedora para a minha vida pessoal e acadêmica, dentre eles destaco Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, meu orientador Beto Santos e Lúcio Menezes Ferreira. A minha querida professora e amiga Verônica Nunes, pois sem seu encorajamento, direcionamento e incentivo, provavelmente eu não teria tentado tal façanha e, quiçá, teria conseguido vencer os desencontros desta lida. Elegi esses para expressar toda a minha gratidão aos grandes contribuidores da minha formação, meus professores.

Em especial, à minha mãe e aos meus irmãos e respectivas famílias, pelo seu amor, carinho, compreensão e otimismo. À Mauro, pela força, paciência e cooperação em todos os momentos. Portanto, não posso deixar de externar minha gratidão aos testemunhos do meu passado, meus amigos. A Maria José, Adilson Moreira, Maria Luzia e Joilson, meus grandes cúmplices, incentivadores e colaboradores de todas as horas; Ana Cecília, Adryelle, Analice e Angelina pelos estímulos e colaborações;

A todos meus colegas do mestrado interdisciplinar, que durante um ano de aulas e vivências promoveram um rico e agradável ambiente de discussões e visões diferentes sobre a questão patrimonial, memória social, entre outras, com opiniões das diversas áreas de conhecimento: História, Artes, Jornalismo, Música, Biblioteconomia, Restauração, Antropologia, Turismo, Arquitetura e Arqueologia. Assim, destaco as queridas amigas Amanda Costa, Cibele Dias, sem vocês meus dias em Pelotas não teriam sido tão maravilhosos e frutíferos; sem falar na dupla porto-alegrense Magda Villanova e Sirlei Toledo, aprendi tanto com essas 'gurias'. A Ana Paula, pelas demonstrações de generosidade e amizade; e a Nayla Rodrigues por nossas longas conversas e passeios pelas ruas pelotenses. Ufa, quantos momentos inesquecíveis vivi em terras pelotenses e gaúchas!

Devo reconhecer e agradecer o aporte da Capes pelo financiamento da minha pesquisa e da missão de estudos na *Universidad de Buenos Aires*. Esse intercâmbio me proporcionou aprendizagens inenarráveis. *Muchas Gracias!!! Gracias también a mis amigos que conocí en la ciudad porteña*, Hercílio de Medeiros y Paulo Vasconcellos.

Ao IPHAN pela disponibilidade de fontes solicitadas, em nome da professora Terezinha Oliva, e ao pároco André pelas colaborações e gentilezas que me dispensa ao receber na nossa igreja.

Aos incentivos e reconhecimento dos professores municipais, assim como a atenção dos representantes do poder público local, em particular a Secretaria de Educação de Tomar do Geru/SE. Por fim, as vozes coautoras desse trabalho: alunos, professores e diretores, força motriz desse caminhar, e a todos que fazem as escolas participantes dessa pesquisa: Escola Agrícola “Dr. Albano Franco”, Escola Municipal “Valdete Dórea” e Escola Municipal “Antonio Aguiar Velames” pela mobilização e colaboração incondicional dessas pessoas.

Enfim, a todos que embora não estejam mencionados neste espaço, mas que durante a minha vida demonstraram carinho, estímulos e amizade, sintam-se agradecidos, pois figuraram em diversos momentos e emprestaram fios que me fizeram tecer este texto.

## RESUMO

A dimensão patrimonial deve estar presente nas escolas, se não como objeto de estudo especificamente, mas como meio de acesso a outros campos de conhecimento através da interdisciplinaridade. O objetivo dessa pesquisa é analisar as compreensões dos usos, ou os não usos, da Igreja Nossa Senhora do Socorro, enquanto bem patrimonial, pelas escolas da cidade de Tomar do Geru/SE. A esse templo é atribuído pelo IPHAN valor patrimonial devido sua relevância histórica e artística nacional. Dessa forma, a comunidade necessita redirecionar seus saberes e suas experiências para a valorização desse patrimônio, testemunho arquitetônico da presença da Companhia de Jesus na antiga aldeia do Geru. O campo pesquisado são professores do polivalente, de História e Artes, e alunos das escolas municipais de Tomar do Geru: Valdete Dórea, Albano Franco e Antonio Aguiar Velames. Utilizaram-se os aportes metodológicos da história oral para a aplicação de entrevistas com os pesquisados a partir de um roteiro de perguntas semiestruturado. A ausência do sentimento de valorização, de pertencimento e de apropriação desse bem por parte dos partícipes da comunidade geruense pode refletir no processo de transformação e de continuidade dos significados e usos deste monumento e de seu acervo, em sua trajetória histórico-temporal. Para isso é fundamental que a educação direcione forças, desenvolva ações concretas e acima de tudo conheça e construa conhecimentos continuamente sobre a sociedade da qual ela faz parte e atua.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural; Educação Patrimonial; Igreja Nossa Senhora do Socorro.

## ABSTRACT

The heritage dimension must be present in schools, if not as an object of study specifically, but as a means of access to other fields of knowledge through interdisciplinary. The goal of this research is to analyze the understandings of the uses, or uses not, of the Nossa Senhora do Socorro Church, as well as heritage property, through the schools of the Tomar Geru / SE city. The temple that is assigned by IPHAN asset value due to its historical significance and national artistic. Thus, the community needs to redirect their knowledge and experiences to the appreciation of this heritage, architectural testimony of the presence of the Society of Jesus in the ancient village of Geru. The researched fields are teachers of multipurpose, history and arts, and students of municipal schools from Tomar do Geru: Valdete Dorea, Albano Franco and Antonio Aguiar Velames. We used the methodological contributions from oral history for the application of interviews to the respondents from a guide of semi-structured questions. The absence of the feeling of appreciation, belonging and ownership of the asset by this community and participants can reflect on the process of transformation and continuity of meanings and uses of this monument and its collections in their historical-temporal trajectory. For this it is essential that education directs forces, develop concrete actions and above all know and continuously build knowledge about the society of which it is part and acts.

**Keywords:** Cultural Heritage; Heritage Education; Nossa Senhora do Socorro Church.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Mapas especificando a localização de Sergipe e a atual área de Tomar de Geru.

**Figura 2:** Capa do Catecismo da nação Kiriri.

**Figura 3:** Igreja de *Il Gesù*, em Roma.

**Figura 4:** *Iglesia San Ignacio de Loyola/Buenos Aires*

**Figura 5:** Interior da Igreja *Il Gesù*, Roma.

**Figura 6:** Capela de Santo Inácio de Loyola, na Igreja de *Il Gesù*, Roma.

**Figura 7:** Esculturas do altar da capela de S. Inácio de Loyola, Igreja de *Il Gesù*, Roma.

**Figura 8:** Cruzeiro e fachada da Igreja Nossa Senhora do Socorro.

**Figura 9:** Interior da Igreja Nossa Senhora do Socorro.

**Figura 10:** Atlante sustentando a coluna no altar-mor da Igreja Nossa Senhora do Socorro.

**Figura 11:** Igreja do Pilar, anterior a 1866.

**Figura 12:** Fachada da Igreja do Pilar, atual.

**Figura 13:** Retábulo de Santa Ana da Igreja do Pilar/Buenos Aires.

**Figura 14:** Detalhe do retábulo de Santa Ana da Igreja do Pilar/Buenos Aires.

**Figura 15:** Cálculo da área da Igreja.

**Figura 16:** Nicho interno da Sacristia.

**Figura 17:** Arcaz e nicho de Sant'Ana Mestra.

**Figura 18:** Atlante sustentando a coluna do altar-mor.

**Figura 19:** Imagem de Sant'Ana Mestra.

**Figura 20:** Resplendor.

**Figura 21:** Púlpito.

**Figura 22:** Lavabo.

**Figura 23:** Uma das credências.

**Figura 24:** Detalhe da imagem de São Inácio de Loyola.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ANBA – *Academia Nacional de Bellas Artes/Argentina*;

AGN – *Archivo General de la Nación Argentina*;

FURG - Universidade Federal do Rio Grande;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

ICH - Instituto de Ciências Humanas;

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica;

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico/MG;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional;

LDB – Lei de Diretrizes e Bases;

LEPAARQ - Laboratório de Antropologia e Arqueologia;

MEC – Ministério da Educação;

MG – Estado das Minas Gerais;

NEP - Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória;

SE – Estado de Sergipe;

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

UBA – *Universidad de Buenos Aires*

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco;

UFPel - Universidade Federal de Pelotas;

UFS - Universidade Federal de Sergipe.

## **SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO .....** ..... 14

**CAPÍTULO I – A IGREJA NOSSA SENHORA DO SOCORRO: VALORES E SENTIDOS .....** ..... 23

1.1 A Igreja do Geru: Uma Questão de Valor..... 32

1.2 Patrimônio: Identidades e Memórias ..... 40

1.3 Missão de Estudos na Universidad de Buenos Aires/UBA: Igreja Nossa Senhora do Pilar e seus Retábulos Barrocos ..... 44

1.3.1 Locais de pesquisa em Buenos Aires ..... 45

1.3.2 Igreja Nossa Sehora do Pilar..... 46

**CAPÍTULO II – CONEXÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL COM O SOCIAL: EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO .....** ..... 53

2.1 Educação Patrimonial: Uma Metodologia..... 57

2.2 Aportes da História Oral ..... 67

2.3 Percursos Metodológicos ..... 71

**CAPÍTULO III – REFLEXÕES SOBRE AS COMPREENSÕES DOS USOS EDUCATIVOS DO PATRIMÔNIO DA IGREJA NOSSA SENHORA DO SOCORRO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM TOMAR DO GERU .....** ..... 77

3.1 No Percurso das Escolas: Do Valdete ao Antônio Aguiar ..... 78

3.2 A Igreja Nossa Senhora do Socorro: Patrimônio Vivenciado ..... 83

3.3 Os Objetos em Perspectivas: Olhares Sobre o Patrimônio ..... 90

3.4 Usos do Patrimônio da Igreja do Geru nas Escolas: Ressonâncias e Dissonâncias nas Vozes dos Entrevistados.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>124</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	<b>137</b>
Anexo 1 – Informações sobre os entrevistados.....	137
Anexo 2 – Roteiro de entrevista com os alunos .....	138
Anexo 3 – Roteiro de entrevista com os professores .....	139
Anexo 4 – Modelo das Cartas de Cessão de direitos sobre depoimento oral .....	141

## INTRODUÇÃO

*“Não reparaste, ao caminhar por essa cidade que, entre os edifícios que a constituem, alguns são mudos e outros falam? E que há ainda outros que finalmente – sendo mais raros – até cantam?” (PLATÃO, Diálogo entre Faístos e Sócrates, séc. III, a.C.)*

A Igreja Nossa Senhora do Socorro faz parte da minha história de vida. Ao ingressar na universidade para o curso de história um dos meus objetivos era aproveitar a oportunidade para estudar e conhecer mais a realidade histórica de Tomar<sup>1</sup> do Geru<sup>2</sup>, especialmente a Igreja Nossa Senhora do Socorro, único bem edificado de maior destaque histórico e artístico do município. Assim que ingressei na Universidade Federal de Sergipe, ainda inexperiente e imatura, fui buscando aos poucos equipamentos e mecanismos que pudessem me levar a desenhar e desenvolver algum trabalho acadêmico e científico que provocasse o despertar da comunidade escolar para o potencial pedagógico e para a valorização daquele patrimônio geruense e nacional.

---

<sup>1</sup>Em 1758 a antiga aldeia do Geru foi elevada a categoria de vila Távora, que por Ordem do Conselho Ultramarino (24/04/1759) passou a ser chamada de Tomar do Geru [Sic] (FLEXOR, 2000, p. 567). Na verdade passou a ser chamada apenas de Tomar, pois a denominação de Tomar do Geru foi a partir da Lei estadual nº 524 de 06/02/1954 (IBGE, 1959). Tomar é o nome de uma cidade portuguesa nascida junto ao Rio Nabão. Ali se desenvolveu uma urbe romana. A denominação do antigo município de *Sellium* para Tomar, parece ter sido gerada espontaneamente, uma vez que assumiu diversas variações: *Thomar* ou *Thomaris*, ou ainda *Thomarium*, até se fixar a fórmula atual, *Tomar* (PEREIRA, 2009, p. 15). A origem do nome Tomar está envolta em uma larga discussão, inicialmente *Nabanus* ou *Tomar*, ligada à origem árabe, que estaria em *Tamaramá*, que significa água com gosto de tâmara, por consequência, água doce. Dentre outras hipóteses estão também as que consideram a conexão do termo com tomilho ou tomo, ligada a um grande campo onde era cultivada essa planta, de uma propriedade rural anteriormente ali existente. A denominação *Tomaris* está inscrita na lápide de Gualdim e, em 1319 surgiu na bula de Adriano IV a forma *Thomarium*. A mais pitoresca declaração foi colhida em 1313, de um camponês do referido sítio, que pensava que a origem do termo estava no grito de montaria de javali: “*tóma-lo, tóma-lo*” (FRANÇA, 1994, p. 10).

<sup>2</sup> A palavra Geru também apresenta interpretações variadas e uma corruptela de AJURU. No entendimento de Macedo Soares (1889) a palavra ajuru significa: a=gente, juru=boca, boca de gente ou fala de gente (MACEDO SOARES, 1889). Para Sampaio (1901) e Guaraná (1916) Geru, que significa: ajur-û, pescoço escuro, nome de uma casta de papagaios (*Psittacus*); altera-se às vezes para agerú e gerú (SAMPAIO, 1901, p.109); (GUARANÁ, 1916, p. 305). A interpretação passada pela tradição oral no município de boca ou entrada está próxima do entendimento de Macedo Soares.

Inquietações e questionamentos de uma geruense me levaram a percorrer esse caminho. Queria reparar nos edifícios de minha cidade, queria saber o que eles falavam, o que eles cantavam. Enfim, quais os significados materializados na Igreja Nossa Senhora do Socorro. Por que lá eu nasci, brinquei, cresci, rezei, festejei e vivi. Além disso, estudei nas escolas públicas dessa cidade – Tomar do Geru/SE. Na época que estudei nessa cidade, pouco se sabia sobre a história do município. Tampouco se estudava na escola sobre esses assuntos. Assim, confesso que os meus sinais de inquietação sobre a história do Geru foram se transformando, se formulando melhor e se multiplicando em indagações maiores na universidade. Devido às pouquíssimas oportunidades que foram oferecidas pelas escolas na minha formação básica, só posso considerar minhas inquietações iniciais como sintomas ou sinais. Assim, o fato de ser geruense e professora de história me motivou a realizar essa pesquisa.

A Igreja Nossa Senhora do Socorro predomina sobre o casario que cerca a Praça da Igreja Matriz. Pois se situa no ponto mais alto da cidade de Tomar do Geru<sup>3</sup>. À frente do templo está fixado o cruzeiro, marco do cristianismo. Em seguida, localizamos em seu portal a inscrição em algarismos romanos MDCLXXXVIII, o ano de 1688, a mais remota datação encontrada no prédio e provavelmente a data de conclusão da obra. Uma porta com duas folhas e almofadada separa os domínios dos mortais e dos santos, dos espaços profano e cristão. Esse templo religioso possui dois pavimentos: o primeiro é composto por uma nave, a capela-mor, dois corredores laterais, a sacristia e a torre sineira. No segundo pavimento encontram-se o coro e o salão paroquial.

Atualmente a Igreja está em pleno uso. É o lugar onde acontecem as principais cerimônias religiosas católicas do município de Tomar do Geru (Figura 1). O edifício e todo o seu acervo estão tombados desde 1943, encontram-se inscritos nos livros de Tombo Federal: Livro Histórico, com o número 196; e o Livro de Belas Artes, com a inscrição 262-A. Dessa forma, este objeto de estudo tem importância artística e histórica atribuídas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

---

<sup>3</sup> Tomar do Geru situa-se na região Sul do Estado de Sergipe, divisa com a Bahia, com 12.855 mil habitantes, tendo como o gentílico de geruense. A cidade é conhecida popularmente por Geru. **Fonte:** IBGE/censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2011.

A Companhia de Jesus ergueu no século XVII a Igreja Nossa Senhora do Socorro na aldeia do Geru com o intuito de difundir a fé cristã e catequizar os gentios kiriri. Na época estes índios habitavam desde o rio Paragassu e o São Francisco até o rio Itapicuru, formavam um importante grupo linguístico cultural do nordeste brasileiro (GARCIA, 1822, p. 222, *apud* DANTAS, 1983, p. 2).

A Igreja Católica, nesse momento, valia-se da arte barroca para comunicar os dogmas do cristianismo aos nativos do Novo Mundo. Nessa região, situada no Sul da capitania de Sergipe Del Rey, os padres missionários fixaram residência em Geru e o local foi transformado em um dos mais importantes redutos jesuíticos na história do atual Estado de Sergipe. Para vislumbrar a localização do espaço geográfico, apresentam-se abaixo mapas do país e do Estado:



**Figura 1:** Mapas especificando a localização de Sergipe e a atual área de Tomar de Geru.  
**Fonte:** BORGES, Cibele. Rio Grande: FURG, 2011.

Esta pesquisa pretende refletir sobre a relação entre o patrimônio cultural e a educação no sentido de analisar as compreensões dos usos, ou os não usos, da Igreja Nossa Senhora do Socorro enquanto bem patrimonial pelas escolas da cidade de Tomar do Geru. Visto que, a esse templo, o IPHAN atribuiu valor patrimonial

devido sua relevância histórica e artística nacional. Assim, a comunidade necessita redirecionar seus saberes e suas experiências para a valorização desse patrimônio. Valorização no sentido de ter como objetivo final a preservação. Pois, a ausência desse sentimento de valorização, de pertencimento e de apropriação desse bem por parte dos partícipes da comunidade geruense pode refletir no processo de transformação e de continuidade dos significados e usos deste monumento e seu acervo em sua trajetória histórico-temporal. Nesse sentido, a concepção de pertencimento, enquanto sentimento de pertencimento desvela também a noção de participação e corresponsabilidade dos membros do grupo.

Esse trabalho também visa evidenciar as diversas relações e interpretações da Igreja Nossa Senhora do Socorro para o campo pesquisado e contribuir para instigar a reflexão sobre a compreensão dos usos desse patrimônio cultural pelas escolas da localidade através das perspectivas crítica, criativa e participativa. Para isso, elucidaremos a trajetória e as atuais proposições em que se baseiam os estudos do Patrimônio Cultural, da Educação Patrimonial, da Memória e Identidade e da História Oral. Assim como, desenvolver um apanhado histórico e artístico sobre o objeto de pesquisa – a Igreja Nossa Senhora do Socorro – e as circunstâncias atuais do campo pesquisado.

É válido ressalvar que esta dissertação não objetiva o campo da Educação ou da História especificamente, e sim as áreas do Patrimônio Cultural e da Educação Patrimonial. Logo, como essas temáticas são interdisciplinares, nesse trabalho há a conjugação de conhecimentos da História, da Educação, das Artes, da Arquitetura, enfim das Ciências Humanas.

Após o levantamento bibliográfico das temáticas pertinentes a esta pesquisa, o trabalho metodológico se baseou na análise de entrevistas de alunos e professores. É pertinente destacar que através da Superintendência Regional do IPHAN/SE foi disponibilizado o acesso ao Processo de Tombamento da Igreja Nossa Senhora do Socorro (PROCESSO nº 291-T-41). Em pesquisa de campo, além das entrevistas com os participantes desta etapa, foram efetuadas fotografias da Igreja e de seus ornamentos exteriores e interiores, das obras que compõem o conjunto de seu acervo: mobiliário e imagens sacras. Ao mesmo tempo, foi realizada a medição dos bens móveis agregados à arquitetura e dos exemplares de seu

acervo como: os altares e os seus nichos, o arcaz, o lavabo e as imagens dos santos.

As entrevistas foram efetuadas com os alunos e com os professores de Tomar de Geru<sup>4</sup>, das disciplinas de História e de Artes do 9º ano das escolas municipais Valdete Dórea e Albano Franco, com os professores e os alunos do 5º ano das escolas Valdete Dórea e Antonio Aguiar Velames, com os diretores dos três educandários citados, com o representante da equipe técnico-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e seu respectivo secretário. No total, foram entrevistados dois técnicos pedagógicos, três diretores, cinco professores e doze alunos do ensino fundamental, seis do primeiro segmento e os outros seis do segundo segmento do fundamental<sup>5</sup>.

As questões propostas nas entrevistas buscaram: detectar os conhecimentos históricos e artísticos dos entrevistados sobre o templo estudado e sobre o seu acervo, como exemplos de bens patrimoniais da cidade; identificar se a Educação Patrimonial é explorada nas aulas das disciplinas de Artes e de História; averiguar se a Igreja Matriz e seus bens móveis são objetos de análises em sala de aula. Mesmo que estes não sejam objetos de estudos específicos, mas que por meio deles os alunos possam acessar outros campos de conhecimento através da interdisciplinaridade.

As entrevistas orais com professores, alunos, diretores e técnicos pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação foram realizadas entre os meses de julho e agosto de 2011. Após serem transcritos, os dados obtidos foram analisados e interpretados por meio da bagagem teórica adquirida através da consulta bibliográfica, constantemente visitada e acrescida durante o processo de desenvolvimento do trabalho de investigação.

As entrevistas foram analisadas levando em consideração seu caráter qualitativo, no sentido que Robert Farr (1982) definiu como “método para estabelecer (...) perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (Apud, GASKELL, 2008, p. 65). Essa técnica também

---

<sup>4</sup> Segundo os dados do IBGE/2010, a realidade do ensino fundamental neste município (incluindo a rede estadual, municipal e privada) apresenta-se da seguinte forma: 3.123 matrículas, 162 professores e 34 escolas. **Fonte:** IBGE/censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2011.

<sup>5</sup> Informações dos entrevistados em anexo 1.

serviu para explorar o universo de opiniões e as diversas relações e interpretações sobre a realidade estudada, e não quantificar pessoas e opiniões. A história oral permite a evocação e a recuperação das vivências e dos pontos de vista da voz silenciada, das lembranças e dos saberes que permanecem invisíveis na historiografia tradicional.

É preciso estudar o documento oral não só como fonte única, com o intuito de recuperar pontos de vistas dos testemunhos, mas também considerar o ponto de vista de sua construção pelo historiador, que emana de uma “invenção” da fonte. Se a memória é produzida socialmente, as fontes também o são, tanto as orais como as escritas. Portanto, devemos frisar que a coleta de significados por meio da história oral tornou-se claramente um instrumento privilegiado, abrindo novos campos de pesquisa e ampliando as possibilidades de interpretações.

Quanto à seleção das disciplinas de História e de Artes, como foco desse trabalho, deu-se pelo fato da vinculação da Igreja Nossa Senhora do Socorro com as questões históricas e artísticas. Porém, a abordagem do patrimônio cultural pode ser desdobrada em outras disciplinas, como: o Português, a Matemática e a Biologia, dentre outras. Quanto à seleção das turmas analisadas, os 5º e os 9º anos, deu-se por serem os últimos anos dos dois segmentos do ensino fundamental, nos quais também se evidenciam informações recebidas pelos educandos nos anos ou séries anteriores.

De acordo com as entrevistas realizadas, os professores e os alunos de Tomar do Geru reconhecem a importância do bem patrimonial da Igreja Nossa Senhora do Socorro para a cidade. Considerado até como o mais importante bem cultural do município. Diante disso, mais uma vez justifica-se a escolha desse bem patrimonial da cidade dentro do universo cultural que Geru apresenta, além do meu interesse pessoal.

O desenvolvimento da Educação Patrimonial em salas de aula é relevante. Contribuindo para a ampliação dos conhecimentos dessa coletividade sobre a sua própria história e fortalecendo o exercício da cidadania por meio da preservação do patrimônio cultural. Com essa intenção foi necessário saber, inicialmente, como as escolas de ensino fundamental abordam o patrimônio do local e, ao mesmo tempo, como são desenvolvidas as atividades que objetivam a apropriação e o respeito da comunidade para com os bens culturais do lugar.

A Educação Patrimonial não tem como principal objetivo educar ou alfabetizar culturalmente, mas sensibilizar o indivíduo para as questões culturais do seu entorno. Também não implica na obrigatoriedade de transmissão de informações sobre o patrimônio cultural. O ideal é a troca de conhecimentos entre a comunidade e os agentes mediadores das ações pedagógicas. Isso implica na colaboração e intercâmbio de saberes. No ambiente escolar tais atividades devem ultrapassar os limites de cada disciplina, o que torna a atividade pedagógica transdisciplinar, interdisciplinar e multidisciplinar. A Educação patrimonial deve ser entendida como um campo de conhecimento no âmbito educacional que gera ações e reflexões acerca do patrimônio.

O trabalho será apresentado em três capítulos. O primeiro, intitulado **A Igreja Nossa Senhora do Socorro: valores e sentidos** terá como foco o processo de construção e atribuição de valor ao bem patrimonial em análise. Para isso, estão presentes nesse texto questões pertinentes ao patrimônio, às políticas utilizadas pelo SPHAN na época do tombamento do prédio e de seu acervo. É válido destacar que não é objetivo deste trabalho a análise do processo de Tombamento dos bens. A questão patrimonial também perpassa pelas temáticas da História, da História da Arte, da Memória e da identidade. As últimas são expressões com múltiplos conceitos e sentidos na contemporaneidade. E por fim, o relato da missão de estudos na *Universidad de Buenos Aires*, entre os meses de agosto a outubro/2012.

No segundo capítulo, **Conexão do patrimônio cultural com o social: Educação para o Patrimônio**, a Educação Patrimonial é apresentada como alternativa de integração da sociedade com o patrimônio cultural. Para isso, será delineada a trajetória e proposições dessa metodologia ressaltando sua importante contribuição para instigar e desenvolver compreensões dos usos pedagógicos dos bens patrimoniais. Assim como os aportes da história oral e os percursos metodológicos para a realização dessa pesquisa.

O último capítulo, nomeado como **Reflexões sobre as compreensões dos usos educativos do patrimônio da Igreja Nossa Senhora do Socorro no ensino fundamental em Tomar do Geru** tratará sobre os usos, ou os não usos, do objeto patrimonial em foco nas aulas de História e de Artes dos 5º anos/4ª séries e dos 9º anos/8ª séries do ensino fundamental das escolas municipais Aguiar Velames, Valdete Dórea e Albano Franco do município de Tomar do Geru. O texto buscará

analisar e refletir as compreensões de usos da Igreja e o seu acervo como potencializadores pedagógicos no ambiente escolar, visando à valorização e à preservação da Igreja Nossa Senhora do Socorro. Como se vê, a pesquisa será limitada à Igreja Nossa Senhora do Socorro e ao seu acervo, dada a sua potencialidade histórica e artística. Ou seja, pelo seu valor patrimonial e pelos seus significados na memória dos grupos sociais do lugar. O propósito de relacionar esse patrimônio com a educação é despertar a comunidade escolar para a utilização dos bens patrimoniais da localidade no processo de ensino-aprendizagem. Uma vez que, para a preservação do patrimônio cultural é essencial saber os significados e (re)construir novos sentidos desse bem para os diversos segmentos sociais, e neste caso, o segmento da comunidade escolar.

Contudo, não é aspirado neste estudo atingir um distanciamento e neutralidade absoluta, necessários a uma investigação científica, dadas as dificuldades em desconsiderar os meus laços afetivos com a realidade estudada. Sou fruto desse meio, pois realizei a maior parte da minha educação básica nesse município. Dessa forma, as atividades que modelam e transformam os espaços e os significados nessa sociedade também me atingem de alguma forma. As ações previstas no trabalho almejam provocar a reflexão, a difusão do conhecimento, o respeito e a preservação dos bens patrimoniais pelos educandos, educadores e, por consequência, pelos cidadãos de Tomar do Geru. É preciso que o patrimônio seja reconhecido como propriedade da comunidade local.

Logo, a realização dessa pesquisa conflui atitude, respeito, pensamento, amor e sonho. Sonho de que chegará o dia em que as escolas e a sociedade se apropriarão do patrimônio cultural como potencializador das ações educativas, ou melhor, de que as escolas se preocupem com a difusão e construção dos conhecimentos e preservação do patrimônio cultural. Quanto ao questionamento de que essas questões são universais ou se essa é a realidade de inúmeros municípios no Brasil? Tais respostas não serão empecilho para tentar transformar e melhorar a forma de enfrentar o dilema de inserir o patrimônio cultural no cotidiano escolar. Por isso, este caminhar denota também para mim crescimento pessoal e acadêmico.

É necessário alertar que não é objetivo deste estudo apresentar juízo de valor e/ou a solução imediata para as deficiências que poderão aparecer na realidade analisada. As reflexões aqui apresentadas são frutos de um processo permanente

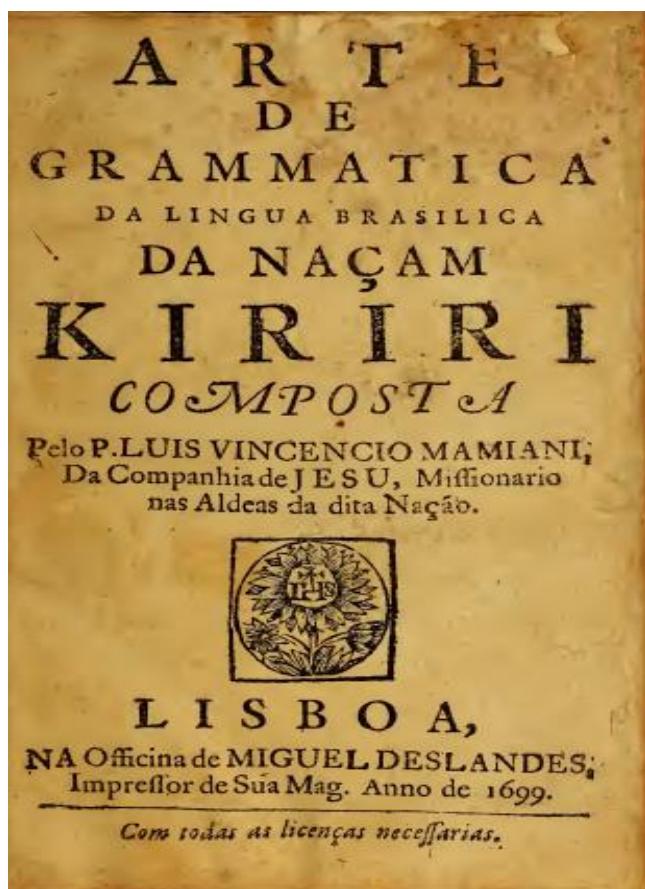
de ação e reflexão ao longo do percurso de pesquisa movimentado pela objetivação e subjetivação. Dessa forma, as construções e reconstruções deste caminhar entremeado de encontros e desencontros contribuíram para o enriquecimento constante deste trabalho científico.

## **CAPÍTULO I**

### **A IGREJA NOSSA SENHORA DO SOCORRO: VALORES E SENTIDOS**

A região onde se localiza a atual cidade de Tomar do Geru, no sul do Estado de Sergipe, era habitada pelos índios Kiriri antes da chegada dos colonizadores portugueses. Esta população primitiva ocupava os territórios que se estendiam entre os rios Paragassu, São Francisco e Itapicuru. (Figura 2) A área foi explorada pelos portugueses no ano de 1584, quando se efetuaram os primeiros contatos entre os europeus e os habitantes autóctones. Esses encontros se tornaram mais frequentes a partir do século XVII (DANTAS, 1983, p. 1). Entre o fim dos Quinhentos e início dos Seiscentos, a região do Rio Real, inclusive Geru, foi atingida pela expansão pastoril liderada por Belchior Dias Moreia. (FREIRE, 1977, p. 48).

Segundo Dantas (1983), no ano de 1668 os índios da aldeia do Geru se relacionavam pacificamente com os brancos, prestando-lhes serviços diversos. Em 1676, estes gentios do Novo Mundo foram utilizados como força de combate nas chamadas “guerras justas”, isto é, as guerras consideradas defensivas pela Coroa. Frente à documentação consultada, essa antropóloga concluiu que o Geru era uma aldeia indígena pacífica, mesmo antes da fixação da Companhia de Jesus neste local. Após a compra das terras à Ordem dos Carmelitas, em 1683, os Jesuítas fixaram residência na aldeia do Geru, no ano de 1688, com o objetivo de difundir ensinamentos religiosos e de converter os nativos ao cristianismo. Ao mesmo tempo, os padres missionários buscavam utilizar a mão de obra indígena para o novo empreendimento rural da Ordem religiosa que se estabelecia na região (DANTAS, 1983).



**Figura 2:** Capa do Catecismo da nação Kiriri.

**Fonte:** Disponível em: <<http://biblio.ethnolinguistica.org/autor:luis-mamiani>>. Acesso em: 10 out. 2011.

A igreja do Geru foi edificada como sede da Companhia e para a difusão e conversão dos índios daquela região, levantada com o apoio do jesuíta Luiz Mamiami della Rovere. Ao retornar a Roma, o Padre Rovere angariou importantes donativos e os enviou para a construção da “mais ornada e bela de todas as Igrejas missionárias fora a da Baía” (LEITE, 1945, p. 326). Nesse período, também foram elaboradas a Gramática e o Catecismo Kiriri pelo Padre João de Barros. Porém, foi o Padre Luis Vincencio Mamiami quem estruturou e imprimiu a Gramática, cujo nome circula o mundo. (Figura 2) Assim, sob a invocação e devoção religiosa de Nossa Senhora do Socorro, a aldeia do Geru ganhou fama na região, “como centro intenso de vida religiosa” (LEITE, 1945, p. 326).

Na época, em combate ao protestantismo, a Igreja Católica se utilizou da arte Barroca, que predominou na Europa desde os anos de 1600 até 1750 (JANSON, 1972). Por meio do Concílio de Trento, realizado entre 1545 a 1563, a Igreja de Roma estabeleceu a luta contra a Reforma inicialmente pretendida pelo

padre católico alemão Martinho Lutero (1483-1546), conhecida como a Contrarreforma, que através das artes se propunha a eclipsar o protestantismo e impedir que os fiéis se afastassem do catolicismo. Regras e métodos foram defendidos pela cúpula do Concílio e um dos princípios foi que em todas as artes deveriam prevalecer a emoção e a sentimentalidade. Criava-se assim a monumentalidade e a teatralidade da arte barroca.

A palavra “barroco” recebeu várias interpretações. Porém a mais comum entre os teóricos da arte remete ao termo utilizado entre os joalheiros da Península Ibérica, para designar uma pérola irregular. Logo, a definição pejorativa de “barroco” para o estilo que caracterizou a arte de fins do século XVI até o primeiro quartel do XVIII na Europa, decorreu do significado de “pérola imperfeita ou defeituosa”, resultante de uma produção artística que se afastou da clareza e simplicidade utilizadas pelos artistas da Renascença.

Essa periodização varia de acordo com o país em questão. Segundo Adalgisa A. Campos (2006), no Império colonial português e espanhol adquiriu outra dimensão, inclusive convivendo com o Rococó. O Barroco foi mais que um estilo artístico, foi uma visão de mundo que envolveu formas de pensar, representar, criar, sentir, comportar-se, viver e morrer (CAMPOS, 2006. p. 7). Logo, o barroco “foi antes de tudo, um estilo de vida, e este estilo impregnou profundamente o modo de ser da civilização brasileira, tornando-se fonte de seu povo e de sua cultura” (CENTURIÃO, 1999, p. 281).

O cristianismo utilizou as formas artísticas contemporâneas – barrocas – para encantar e atemorizar os espíritos dos crentes e alcançar maior receptividade aos ensinamentos cristãos. A riqueza e a grandiosidade dos templos e o sentido cenográfico das decorações interiores, o realismo dramático das esculturas e das pinturas agregadas aos altares, às paredes e aos tetos das construções, caracterizam a teatralidade e o monumentalismo arquitetônico das igrejas católicas barrocas (CALVACANTI, 1978).

Exemplo das questões citadas é a Igreja de *Il Gesù* (Figura 3), sede da Companhia dos Jesuítas, erguida em Roma no ano de 1568 pelos arquitetos *Giacomo della Porta* e *Jacopo Barozzi*, alcunhado como *il Vignola* (JANSON, 1972). Segundo *Riegl* na obra “*Die Entstehung del Barockkunst in Rom*”, a igreja erigida em Roma tornou-se para os Jesuítas um modelo para suas igrejas em outros países

(Apud, PATETTA, 2012 ). Um exemplar semelhante é a *Iglesia San Ignacio* em Buenos Aires (Figura 4), que conheci em virtude da realização da missão de estudos em Buenos Aires.



**Figura 3:** Igreja de *Il Gesù*, em Roma.  
**Fonte:** Disponível em: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)



**Figura 4:** Igreja de *San Ignacio*, Buenos Aires.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2012.

As características do principal templo jesuítico do mundo, a Igreja de *Il Gesù* de Roma são: a nave<sup>6</sup> principal prolongada, com a visão direcionada para a abside, onde se localiza o presbitério<sup>7</sup>, o coro e o altar maior. Proporcionando melhor visibilidade dos ofícios litúrgicos aos fiéis, e mais audível para os crentes a voz do sacerdote. Há também a intersecção da nave com a cúpula.

Guardando-se as devidas proporções, a Igreja de Nossa Senhora do Socorro em Tomar do Geru segue essa tipologia, porém com algumas adaptações e diferenças. Como se sabe, a Companhia de Jesus era ‘flexível’ em seu estilo arquitetônico, e as construções realizadas no Novo Continente se adaptavam às condições históricas, culturais e sociais locais. Logo, os Jesuítas buscavam alternativas para suas edificações de acordo com os materiais oferecidos em cada região. Assim, como as diferenças apresentadas pelos templos jesuíticos na

<sup>6</sup> “Parte interior da igreja, desde a entrada até o santuário” (NUNES, 2008, p. 105).

<sup>7</sup> “Área compreendida entre o altar-mor até as grades que o separam do corpo da igreja, na qual, geralmente, os presbíteros assistem ao ofício divino” (NUNES, 2008, p. 116).

Argentina e no Brasil, existem também variações dentro do próprio território nacional brasileiro.

A Igreja de *Il Gesù* de Roma apresenta uma fachada tripartida. O módulo central se destaca dos laterais pelas pilastras duplas com capitéis<sup>8</sup> coríntios, ressaltado pelo frontão triangular que o arremata. Elementos em curvas e contracurvas e volutas unificam o módulo central, mais alto, com os laterais. Medalhões salientes, nichos que abrigam estátuas de santos, frontões triangulares e cimbrados se distribuem no frontispício<sup>9</sup>, ressaltando as partes reentrantes, o pórtico principal e as portas de entrada ao edifício. A planta em cruz latina permitiu a elevação da soberba cúpula,<sup>10</sup> embasada por um tambor octogonal e que faz o coroamento da caixa mural do edifício. A planta em cruz latina define o desenho da cruz com dois braços desiguais, o vertical maior (a nave) e o horizontal menor (o transepto<sup>11</sup>), como a cruz na qual Cristo foi pregado, e simboliza o ato da Crucificação.



**Figura 5:** Interior da Igreja *Il Gesù*, Roma.  
**Fonte:** Cartão postal, acervo Maria Socorro Soares.

<sup>8</sup> Capitel é o arremate da coluna, na parte superior.

<sup>9</sup> Fachada principal.

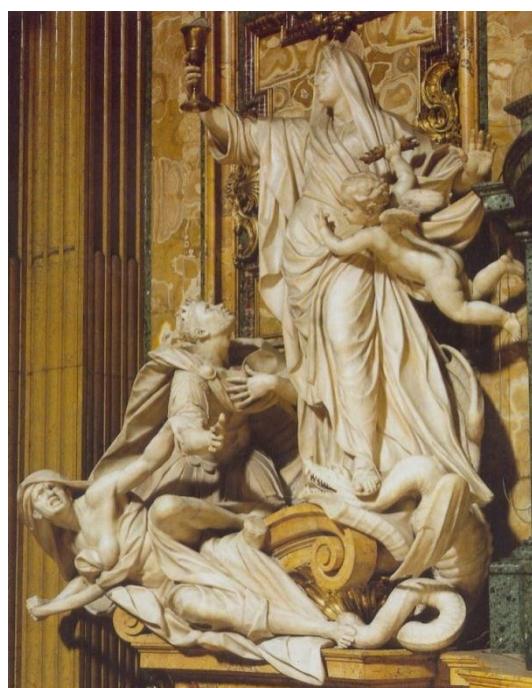
<sup>10</sup> Parte superior, semi-esférica, em cobertura de alguns edifícios (ÁVILA, 1980).

<sup>11</sup> Transepto é a galeria transversal que separa a nave central da capela mor da igreja, formando os braços da cruz nos templos que apresentam a planta em cruz latina (ÁVILA, 1980, 90).

No interior (Figura 5), projetado por *il Vignola*, o piso da nave central é revestido com placas de mármore, na técnica da incrustação, que explora pedras com cores diferenciadas que compõem um rico mosaico. As paredes da nave são vazadas por arcos romanos que dão acesso às capelas, ladeados por pilastras com fustes<sup>12</sup> canelados e capitéis coríntios dourados. Estuques com elementos florais ou em frisos, estátuas de santos e o púlpito completam a luxuosa ornamentação da nave. A luz penetra no espaço interno do templo por meio das janelas do tambor da cúpula, erguida no cruzamento da nave com o transepto. Essa luz irradia do alto e vem dos céus, simbolicamente é uma luz divina que se derrama em frente ao arco cruzeiro,<sup>13</sup> e apela o olhar do crente para o altar principal. Na capela-mor<sup>14</sup>, as decorações de mármore e de estuque repetem aquelas que ornamentam a nave. O teto da abside recebeu pintura mural que apresenta uma apoteose de santos, anjos e querubins.



**Figura 6:** Capela de Santo Inácio de Loyola, de *Il Gesù*, Roma.



**Figura 7:** Esculturas do altar da capela de na Igreja S. Inácio de Loyola, Igreja de *Il Gesù*, Roma.

**Fonte:** Cartões postais, acervo Maria Socorro Soares.

<sup>12</sup> Parte principal da coluna, entre o capitel e a base.

<sup>13</sup> Arco de entrada da capela-mor.

<sup>14</sup> Capela principal, espaço onde fica o altar-mor da igreja.

Na capela lateral que homenageia Santo Inácio de Loyola (Figura 6), o fundador da Ordem Jesuítica, mármores de diferentes cores, esculturas, estuques e pinturas murais compõem a luxuriosa ornamentação barroca. Nas laterais do altar (Figura 7), representações da fé lutam contra as alegorias da heresia e do arrependimento, auxiliadas por anjinhos que esvoaçam por entre as imagens simbólicas. A composição destes dois grupos escultóricos é dinâmica, marcada pelas diagonais, pelo desequilíbrio e pela movimentação teatral e dramática dos gestos e das expressões faciais das estátuas. O movimento da luta flagrado pelo escultor implicou na tremulação dos panejamentos<sup>15</sup> e no desequilíbrio das figuras. Note-se que as representações do mal estão prestes a cair dos pedestais do altar nas quais foram assentadas. Contrariando a arte renascentista, que primava pela clareza e pela harmonia simétrica, a arte barroca explorou a complexidade, o desequilíbrio e a assimetria. O conjunto das decorações da capela, como do interior ou do exterior de II Gesù, explicitam a cenografia da estética barroca italiana cristã.

O estilo barroco influenciou a arte religiosa brasileira a partir da chegada das Ordens cristãs durante o século XVI, nessa nova área colonial. Essas Ordens missionárias tinham como principal objetivo difundir a fé católica e converter os nativos do “Novo Mundo” ao cristianismo. Os missionários Franciscanos, Beneditinos, Carmelitas e Jesuítas encontraram no território brasileiro uma grande diversidade de grupos indígenas que habitavam a região da costa. Em geral, as formas de organização social dos nativos eram semelhantes, eram tribos semi-sedentárias que viviam da agricultura, da coleta, da caça e da pesca. Assim, os padres missionários alcançaram a antiga Aldeia do Geru, situada distante do litoral e, principalmente, da sede da Capitania de Sergipe Del Rey. Com a fixação da residência dos Jesuítas, esse local se transformou em um dos mais importantes redutos dessa ordem religiosa na história do atual Estado de Sergipe.

O edifício da Igreja Nossa Senhora do Socorro é caracterizado pelas formas singelas da fachada e pela copiosa ornamentação dos altares em seu interior. No espaço fronteiro ao templo foi erguida a cruz, instrumento de suplício, salientando o espaço de transição entre o território profano e o religioso. (Figura 8) Na fachada

---

<sup>15</sup> Roupagem de figuras pintadas ou esculpidas, com relação às dobras ou ondulações de suas vestes. Às vezes, o panejamento serve para identificar o estilo de determinado artista, ou mesmo o estilo artístico da obra (ÁVILA, 1980).

principal, o frontão é definido por linhas retas, curvas e contracurvas, como na igreja de *II Gesù*, com a torre sineira de um lado da fachada propriamente dita, que identifica a planta interior de uma só nave ou de salão, numa composição assimétrica que peculiariza os frontispícios barrocos.



**Figura 8:** Cruzeiro e fachada da Igreja Nossa Senhora do Socorro.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

Os elementos decorativos dos altares (Figura 9 e 10), o grande número de figuras humanas que se agitam expressando emoções marcadas pela dramaticidade, e os efeitos de luz e sombra, além do contraste entre o frontispício e o interior do templo, caracterizam a Matriz como um exemplar da arte barroca brasileira. O conjunto de talha<sup>16</sup> dourada deste templo é harmonioso e planejado

<sup>16</sup> A arte da talha apareceu no mundo ibérico, e principalmente em Portugal, é uma das expressões mais significativas do espírito barroco e também considerado como o processo mais original e convincente de entender os princípios contrarreformistas. A talha é um tipo de linguagem que busca por meio do estímulo dos mecanismos sensoriais do fiel atraí-lo e conduzi-lo à aceitação dos dogmas da Igreja, às vezes até, sem que este tome consciência (ALVES, 1989, p. 466).

para ser visto em perspectiva. Ou seja, todas as suas linhas direcionam o olhar dos fiéis para o sacrário e o trono do altar-mor, independente do local que se observe.



**Figura 9:** Interior da Igreja.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.



**Figura 10:** Atlante<sup>17</sup> sustentando a coluna.

**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2005.

A esse templo, construído com pedra e cal, foi atribuído o valor patrimonial pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atualmente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No ano de 1943, a igreja de Tomar do Geru foi tombada como Patrimônio Nacional, inscrita nos livros Histórico e de Belas Artes. Para melhor entendermos esse processo de construção e atribuição de valor à Igreja Nossa Senhora do Socorro, torna-se necessário explicitarmos algumas questões atuais pertinentes ao patrimônio e à política patrimonial utilizada pelo SPHAN na época do seu tombamento.

## 1.1 A Igreja do Geru: Uma Questão de Valor

Consideramos como patrimônio cultural os artefatos construídos socialmente, dotados de caráter eletivo, polissêmico, e dignos de proteção (PRATS, 1998). Para Prats (1998), patrimônio cultural, além de ser uma construção social, é também uma invenção, tais condições se complementam. Ele associa os processos de invenção à capacidade de gerar discursos sobre a realidade, com vistas em adquirir poder. Logo, a ideia de construção social está interligada com os processos de legitimação, ou melhor, de assimilação social destes discursos. Nesse sentido, o patrimônio não surge espontaneamente e o seu valor cultural não deve ser naturalizado, pois não é uma propriedade intrínseca do artefato, e sim, uma invenção, uma construção e uma atribuição legitimada por vários tipos de discursos.

Segundo Poulout (2008), a história da invenção e da divulgação do patrimônio foi constituída e legitimada através da exposição e da escritura. O que remete aos estudos dos meios utilizados para o (re) conhecimento, para a análise das suas formas de identificação e de gestão, jurídicas e acadêmicas, e para as suas práticas e fruições. Para Dominique Poulout, a noção de patrimônio envolve a transmissibilidade, o reconhecimento como de propriedade de uma comunidade, e

---

<sup>17</sup> Figura (ou meia figura) humana em escultura sustentando a coluna, pilastra, etc. (ÁVILA, 1980, 128).

um conjunto de valores políticos que visam promover algumas mudanças, e ao mesmo tempo, afirmar uma continuidade.

Uma política do patrimônio vai além da salvaguarda de bens, apesar de frequentemente ser reduzida a tal atitude. Devemos questionar o processo de constituição desses bens materiais ou imateriais, os critérios de escolha dos objetos patrimoniais e a justificativa para a sua proteção. Como também, identificar os argumentos para a sua legitimação e os atores envolvidos, investigar a posição do Estado e o nível de envolvimento da sociedade com o patrimônio cultural de um determinado local. Assim como não podemos olvidar quem o escolheu para tal, não podemos também fixar nossa atenção apenas nos atributos desse bem. Pois, por trás da materialidade desse objeto há um conjunto de valores e de grupos sociais que o legitimam como um símbolo cultural significativo para uma coletividade. A seguir, abordaremos tais questões, relacionando-as com o bem patrimonial em questão, a Igreja Nossa Senhora do Socorro de Tomar de Geru.

No processo de construção da nação brasileira, veio imbuída a invenção do seu patrimônio cultural, evidenciado pela prática social formulada pelo SPHAN, entre os anos de 1930 e 1940, de atribuição de valor a objetos e bens materiais que “se transmutam simbolicamente em elos de identidade que unem todos os membros constituintes da nação, ainda que eles jamais venham a se conhecer” (CHUVA, 2009, pp. 29-30). A necessidade de proteger o “patrimônio nacional” deflagrado na Revolução Francesa, aos poucos foi criando raízes no mundo Ocidental com a criação das nações. E no século XX, a noção de monumento histórico e as práticas de conservação extravasaram os limites da Europa (CHOAY, 2001). Nesse sentido, no Brasil, Márcia Romeiro Chuva (2009) registrou que as práticas de preservação cultural devem ser consideradas como dispositivos de integração territorial, ou melhor, nacional.

A isso também associamos o projeto de nacionalização implementado pelo governo de Getúlio Vargas, no intuito de constituir uma “memória nacional” brasileira. Em virtude da proporção que abarcaria a designação de patrimônio histórico e artístico nacional, o SPHAN, em sua gênese entre os anos de 1937 e 1946, apontou as edificações como os grandes símbolos ou signos materiais da nacionalidade brasileira. Nesse período, este órgão federal protegeu legalmente,

através do tombamento, mais de 40% de todo o patrimônio inscrito nos Livros de Tombo até o início do século XXI (CHUVA, 2009).

Tombamento é um dispositivo instituído pelo Decreto-lei nº 25/1937<sup>18</sup>, pelo qual se efetiva a salvaguarda dos bens culturais pelo Estado do Brasil. Ato administrativo da autoridade competente, que “declara ou reconhece valor histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, bibliográfico, cultural ou científico de bens que, por isso, possam ser preservados” (SOUZA FILHO, 2006, p. 83). Seu objeto de proteção é “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público”. Os bens tombados devem ser inscritos em um, ou mais de um, dos quatro Livros de Tombo: Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico; das Belas Artes; das Artes Aplicadas. Ao serem inscritos, os bens não podem ser destruídos, demolidos ou mutilados. Interferências restaurativas e pinturas só podem ocorrer com autorização prévia da instituição de proteção.<sup>19</sup>

No Estado de Sergipe, entre os anos 1941 e 1943, a exemplo do que refere Chuva (2009), foram tombados pelo SPHAN vinte e um bens patrimoniais de arquitetura rural ou urbana e de monumentos e artefatos religiosos. Atualmente, o total de bens tombados nacionalmente nesse Estado compreende um total de vinte e cinco exemplares de bens patrimoniais. Foram acrescentados apenas os conjuntos arquitetônicos e paisagísticos das cidades de Laranjeiras (1996) e São Cristóvão (1967); a Casa Rio Branco, nº 35, em Estância (1962); a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, também em São Cristóvão (1962).<sup>20</sup> A maioria dessas obras tombadas possuem duplas inscrições, no Livro Histórico e no Livro de Belas Artes.

Em 1941, o Reverendo Dom José Tomaz Gomes da Silva recebeu uma notificação do diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, com o número 486, determinando a inscrição nos Livros de Tombo de sete obras de arquitetura religiosa no Estado: Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora (Divina Pastora), *Igreja de Nossa Senhora do Socorro de Tomar (Gerú)*<sup>21</sup>, Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória (São Cristóvão), Igreja Matriz do Coração de Jesus (Laranjeiras), Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (São Cristóvão), Igreja

<sup>18</sup> Decreto-lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, conceitua e organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=284> Acesso em: 18 set. 2011.

<sup>19</sup> Ver Decreto/Lei nº 25/1937.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm> Acesso em: 18 set. 2011.

<sup>21</sup> Grifo meu.

Matriz de Santo Amaro (Santo Amaro), e Igreja Matriz Nossa Senhora do Socorro (Socorro).<sup>22</sup>

Nas décadas de 30 e 40, o projeto de “unidade nacional” foi cingido pela ampliação das teias de relações dispersas em órgãos existentes no território brasileiro, que representavam a administração federal nas diferentes regiões do país. Nesse caso, o SPHAN sagrou os conceitos de patrimônio histórico e artístico nacional, os quais “levariam à imposição de valores civilizatórios, estéticos e morais” para a construção do “patrimônio nacional” (CHUVA, 2009, p. 31). Dessa forma, ter uma cultura autenticamente brasileira significava identificar um patrimônio materializado no espaço territorial da nação de caráter homogêneo, que fosse reconhecido pela população, sem maiores questionamentos.

O lugar de destaque dado habitualmente à cultura do passado explica-se pela existência já razoavelmente cristalizada, neste caso, de um campo consensual para o qual convergem as opiniões e interesses de parcelas mais amplas da população – opiniões e interesses que certamente entrariam em conflito se referidos a aspectos do presente mergulhados em debates aquecidos do ponto de vista social e político. Voltando-se para o passado, a prática patrimonialista lida com obras em princípio dissociadas historicamente (embora não filosoficamente ou ideologicamente) dos contextos sociais nos quais se originaram, podendo passar despercebidas ou mostrar-se ‘neutras’ (TEIXEIRA COELHO, p. 287 *apud* REISEWITZ, 2004. p. 92).

Logo, as políticas de preservação patrimonial eram de atribuição exclusiva do Estado, que em nome do interesse público, conferia a determinados bens a capacidade de simbolizarem a nação. Ao mesmo tempo, foi definido o conceito de patrimônio histórico e artístico nacional. Os valores atribuídos a esses bens – fundamentados sobre os valores históricos e artísticos – se constituíram como marcas do tempo no espaço nacional, embora a legislação expressa no Decreto-lei nº 25 de 1937, mencionasse também os valores: arqueológico, etnográfico, paisagístico, bibliográfico, etc. Esses bens patrimoniais deveriam ser vinculados a fatos memoráveis da história do Brasil, por seu valor excepcional. Ou seja, esses outros valores eram afluentes dos históricos e artísticos.

<sup>22</sup> Informações obtidas a partir do dossier de tombamento da Igreja Nossa Senhora do Socorro, fornecido pelo IPHAN. **Fonte:** PROCESSO nº 291-T-41. Igreja Socorro de Tomar do Geru, Itabaianinha, Sergipe. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1943.

Ao considerarmos o aspecto do grupo e dos interesses hegemônicos nos quadros do SPHAN, basicamente composto por arquitetos ligados à vertente modernista, e que naquela época também lutavam pelo reconhecimento no âmbito da produção arquitetônica do período colonial como raiz da arquitetura moderna brasileira, compreendemos melhor a atribuição dada às edificações, como exemplares representativos simbólicos da nacionalidade e da continuidade de um passado selecionado (CHUVA, 2009). Com isto, a arquitetura barroca do período colonial brasileiro passou a ser a “autêntica arquitetura nacional”, entendida como a mais genuína representação do país:

A *descoberta* do barroco pelos modernistas e a prioridade dada aos monumentos e objetos da arte colonial na constituição do patrimônio naquele momento não se identificava com o tom triunfalista da história oficial, embora significassem a concentração na vertente luso-brasileira da cultura nacional (FONSECA, 2005, p. 107).

A leitura que o SPHAN possibilitava dos bens e conjuntos tombados partia de sua relação com o processo histórico de ocupação das regiões do Brasil, considerando que a presença portuguesa predominava sobre as influências negra e indígena, devido à escassez de indícios materiais relevantes deixados por esses grupos. Como também, a prioridade dada à arquitetura religiosa. A maior parte dos bens inscritos nos Livros de Tombo era justificada pelo lugar e sentido que tinham as igrejas nas colônias luso-espanholas (FONSECA, 2005, pp. 107-108).

Para ilustrar um dos aspectos desse tipo de leitura, citamos dois exemplos de expressões utilizadas pelo arquiteto Lúcio Costa no ano de 1941. Na época, o arquiteto era um dos maiores responsáveis pelos tombamentos dos bens patrimoniais brasileiros. Em texto publicado na *Revista do SPHAN*, para denominar vestígios que remetiam à cultura indígena, seja pela aparência física ou modelagem, Lúcio Costa registrou como “figuras estranhas”, ao fazer referência às imagens de anjos da Igreja do Geru, e classificou a manifestação do índio em meio ao conjunto arquitetônico, como uma “maneira mais ou menos tosca de fazer ou de interpretar os modelos europeus usuais, como é o caso de Belém do Pará, os de Voturuna, São Roque, Reis Magos e Geru” (COSTA, 1941, p. 138).

Como cabia apenas ao Estado o papel de intérprete e guardião dos valores culturais do Brasil, foi criada a *Revista do SPHAN* em 1937, para demarcar o espaço

de produção “oficial” sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. Assim, delineou Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 1937, o campo de atuação dessa publicação: “Não é uma propaganda do Sphan”. E complementou o intelectual responsável pelo SPHAN: “O objetivo visado aqui consiste, (...) em divulgar o conhecimento dos valores de arte e de história que o Brasil possui, e contribuir empenhadamente para seu estudo” (*Apud*, CHUVA, 2009, p. 261).

Os critérios de escolha do que seriam os bens símbolos da nacionalidade brasileira, davam-se pela sua relação com os “fatos memoráveis da história do Brasil” e, pelo valor excepcional decorrente das noções de história e de arte que circulavam no país, e em especial no SPHAN. Nos registros consultados e referentes à Igreja Nossa Senhora do Socorro de Tomar do Geru, antes e depois da atribuição do valor artístico e histórico no âmbito federal, podemos observar esta realidade. Com a preocupação de demarcar o espaço dos arquitetos no seu campo de produção e, de legitimar os discursos sobre o patrimônio brasileiro, em 1941 Lúcio Costa escreveu um texto intitulado *A arquitetura dos Jesuítas no Brasil*, que foi publicado pela Revista do SPHAN.

Nesse artigo o arquiteto formulou questões referentes à arquitetura colonial relevada pelos arquitetos modernistas e abordou a produção arquitetônica e artística cultivada pela Companhia de Jesus no Brasil, inclusive a edificação em ênfase. Apresentou conceitos e indicou as fundamentações dessas manifestações artísticas, aportado nas discussões historiográficas vigentes. Esse texto tinha o objetivo de classificar os estilos das igrejas e dos seus interiores, por meio do método comparativo. Assim, exemplificava a sua teoria com as manifestações arquitetônicas jesuíticas das diversas regiões brasileiras. Como mencionado, o teórico classificava os objetos como: tosco, harmonioso, belíssimo, bárbaro, impetuoso, curioso, magnífico, vigoroso. Dessa maneira, Lúcio Costa se referiu à Igreja do Geru:

Exemplar *belíssimo* de transição entre o estilo desse período e o seguinte é o que se pode admirar no que ainda resta da *magnífica* igreja de Geru, em Sergipe, - infelizmente dilapidada por um padre *insensato* – obra mestiça e *vigorosa* que se enquadra no surto de arte ocorrido de fins do século XVII a meados de setecentos, naquela região, e que constitui, a bem dizer, uma escola à parte (COSTA, 1941, pp. 137-138, grifo nosso).

A Revista exerceu um importante papel no processo de constituição e legitimação da hegemonia das concepções do patrimônio histórico e artístico nacional, que foram veiculadas, “por meio de privilégio dado ao recorte temático, que coincidia em grande medida, com o recorte na seleção dos bens tombados” (CHUVA, 2009, p. 264). Assim, a Igreja do Geru passou a fazer parte da política cultural e foi integrada à “causa” do patrimônio nacional. Pela descrição do arquiteto Lúcio Costa, na data em que foi redigido o artigo, a “magnífica” igreja não estava em bom estado de conservação. Porém, é provável que o prédio da igreja tenha sofrido restauração entre os anos de 1941 e 1943, visto que a primeira notificação de inscrição do bem nos Livros de Tombo foi em 1941. E em 20 de março de 1943, o edifício e todo o seu acervo foram tombados pelo SPHAN, inscritos nos livros de Tombo Federal: Livro Histórico, com o número 196; e o Livro de Belas Artes, com a inscrição 262-A. A última restauração da qual se tem registro em placa existente no edifício e, em um catálogo da paróquia, ocorreu entre os anos de 1989 e 1991.

A autoridade do SPHAN sobre a legitimidade do processo de atribuição de valores aos tombamentos era reconhecida, tanto no âmbito da instituição, quanto fora dela. A forma de condução dos processos era fechada, com apenas o ponto de vista do órgão estatal, estritamente técnico. A partir da década de 70, essa autoridade passou a ser questionada e foram consideradas outras opiniões e outros atores. O usufruto, de um alto grau de autonomia desta instituição, com relação à sociedade, foi declinando e perdeu o caráter de ser o único porta-voz dos grupos sociais, na construção do patrimônio nacional (CHUVA, 2009).

Não basta selecionar e proteger juridicamente um bem ou um conjunto de bens, também é necessário que os atores sociais se disponham e tenham capacidade de funcionarem como interlocutores do patrimônio, seja para aceitar as propostas efetuadas, como para contestá-las ou transformá-las (FONSECA, 2005, p. 43). Podemos considerar, nesse caso, o Padre Serafim Leite, que no ano de 1945, salientou que Geru “famosa aldeia Quiriris [sic], tem na sua Igreja alguns dos mais vigorosos exemplares de obra de talha e escultura do século XVII” (p. 322). Assim como também o fez o historiador da arte francês Germain Bazin, que em 1956 contestou algumas afirmações feitas por Lúcio Costa, ao registrar que:

a bela decoração de talha do arco-cruzeiro e dos altares colaterais que constitui a riqueza deste santuário e que foi restaurada recentemente<sup>23</sup>, não é do fim do século XVII, como indicava Lúcio Costa na Revista do SPHAN em 1941, e sim de aproximadamente 1720. A capela-mor foi modificada em época recente. A fachada é do século XIX (1956, pp. 176-177).

Ainda que o bem patrimonial esteja protegido em sua integridade física, através de políticas estatais e, que haja estudiosos discutindo sobre as significações e valores que justifiquem a sua preservação, há outro fator de fundamental importância para a conservação do bem patrimonial – o sentido que este tem para a sociedade, em seus diversos segmentos, e não apenas para um pequeno grupo especializado. É válido pensar que, nas condições de acesso às significações, aos sentidos e aos valores atribuídos ao patrimônio para o seu grupo social é necessário que esse determinado grupo também possa se apropriar, simbolicamente e afetivamente, dos seus bens patrimoniais. Logo, o “ser considerado” patrimônio implica uma forma de relação com as pessoas, comunidade ou sociedade. E essa relação possui um caráter dinâmico, muda de acordo com o grupo social, com o tempo histórico e com os valores que lhes são conferidos.

As modalidades de recepção desse universo simbólico pelos diversos grupos sociais são diferentes. Cada recepção produz sentidos elaborados pelo ato de apropriação que cada indivíduo faz do bem patrimonial. Chartier registrou que os textos não estão depositados nos objetos que o suportam como receptáculos “e não se inscrevem no leitor como fariam em cera mole” (1988, p. 24). Os processos de construção de sentidos ou de interpretações são variáveis e plurais, cruzados pelas competências e experiências de cada leitor.

Nesse sentido, o complexo processo de recepção tem relação direta com os diversos usos dos bens e suas apropriações. Embora possa haver uma identificação consensual entre algumas pessoas com o bem. Não necessariamente, a compreensão ou a apropriação do patrimônio será igual para todos os membros de uma coletividade. No caso em estudo, por mais que os cidadãos de Tomar do Geru se identifiquem com a Igreja de Nossa Senhora do Socorro, cada indivíduo dessa coletividade se apropria desse bem patrimonial de acordo com as suas

---

<sup>23</sup> Esta informação corrobora a ideia do que foi apontado anteriormente, que em face ao tombamento, o bem foi restaurado.

competências: uns pelos valores estéticos, outros pelos símbolos culturais da cidade agregados ao monumento, outros ainda, pelos diferentes usos religiosos do catolicismo realizados no templo: casamentos, batizados, festas e procissões, que implicam em questões de lembrança afetiva e de memória individual. Por mais que tenha sido outorgado o título de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional à igreja de Geru, como de seu acervo, nem todos os geruenses e nem todos os brasileiros se identificam e fazem a mesma leitura deste bem.

Diversos significados se congregam nos bens patrimoniais ao longo do tempo. Para Chartier (2000), as ressignificações absorvidas e construídas no próprio espaço das práticas culturais no seu cotidiano, resistem e permanecem como laços identitários na dinâmica das sociedades. Nesse viés, a memória fornece subsídios para a construção do patrimônio, que parte do compartilhamento das representações do passado entre a maioria dos membros de determinados grupos, seja a nível local, regional ou federal. Por mais que haja uma identificação comum, essas representações não são necessariamente compartilhadas da mesma forma entre os membros de uma coletividade. As apropriações e as representações dos bens patrimoniais nutrem as identidades individuais e coletivas, tornando-se elementos essenciais para a preservação do patrimônio social.

## 1.2 Patrimônio: Identidades e Memórias

O edifício da Igreja Nossa Senhora do Socorro se destaca e predomina sobre o casario que cerca a Praça da Igreja Matriz de Geru, pois se situa no ponto mais alto da cidade, dando a impressão de que está ali em zelo constante e protegendo toda a localidade e a sua população. As ruas parecem surgir a partir do largo da Igreja, e não ao contrário. O templo foi assim projetado para facilitar a sua visibilidade. A arquitetura da Igreja tornou-se um ícone da cidade e, ao mesmo tempo, um ponto de apoio da memória individual e coletiva dos habitantes, criando laços de coesão social.

Neste subtítulo, será feita uma reflexão sobre a relação entre os conceitos de patrimônio, de identidade e de memória, expressões com múltiplos significados e

sentidos imputados na contemporaneidade. A relação entre patrimônio e identidade pode ser entendida a partir do que o teórico Dominique Poulot, em 1997, afirmou: “a história do patrimônio é a história da construção dos sentidos de identidade, e mais particularmente dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais” (Apud, FERREIRA, 2006, p. 1).

No mundo contemporâneo, a categoria de patrimônio cultural está tão vinculada ao conceito de identidade, que o primeiro termo tornou-se sinônimo de vínculos sociais (POULOT, 2008). Porém, este autor alerta que, como o patrimônio cultural pode ser falseado e simulado, estes termos não podem ser confundidos como sinônimos. Patrimônio Cultural também pode ser imaginário, as pessoas imaginam o passado no presente.

A antropologia da memória concerne nas modalidades de sua aplicação (indivíduos ou grupos das sociedades), taxonomia das diferentes manifestações da memória: protomemória ou memória procedural – a memória repetitiva ou a memória-hábito, de Bergson. E a memória imperceptível, desenvolvida por um grupo ou por um indivíduo, sem que os mesmos tomem consciência de seu próprio desenvolvimento. A memória propriamente dita implica em recordar ou reconhecer, como também no esquecimento. De um lado, a metamemória vincula-se à representação do que cada um tem de seu passado, e por outro, o que é dito dele. A metamemória é reivindicada, ostensiva. Essas taxonomias só têm valor para as memórias individuais, sendo a primeira delas de baixo nível e, as outras duas de alto nível, as quais dependem diretamente da faculdade da memória. E a metamemória é a representação dessa faculdade (CANDAU, 2011).

Quando é transferido para o grupo ou sociedade, o sentido de protomemória torna-se inválido, pois nem todas as pessoas de um grupo andam, se alimentam, rezam, dançam, por exemplo, da mesma forma. Cada um tem suas particularidades. Para Candau (2011), os grupos só podem considerar a possessão da memória e da metamemória. Mas nem todos os componentes de um grupo recordam segundo uma modalidade cultural determinada e socialmente organizada. Grande parte dos membros de um grupo é capaz disso, de maneira mais ou menos diversificada. Daí se pode concluir que a memória coletiva é uma representação. Essa representação é também uma forma da metamemória. Ou seja, um enunciado que os componentes

de um grupo desejam produzir a cerca de uma memória supostamente comum a todos eles (CANDAU, 2011).

A memória coletiva supõe um compartilhamento. Mas, isso não quer dizer que todos os indivíduos de um grupo compartilham de igual forma das mesmas lembranças. Segundo Candau, a memória coletiva é objeto de tripla armadilha nas Ciências Humanas, aqui enumeradas: 1 confundir as lembranças memorizadas com as manifestadas; 2 entre a metamemória e a memória coletiva, ou seja, discernir o que é o ato de dizer, de escrever ou de pensar com a memória coletiva; 3 entre o ato de memória e o conteúdo dessa ação, induzir para a existência de uma memória compartilhada face à constatação de fatos memória (CANDAU, 2001, p. 28).

Geralmente, os enunciados que evocam a memória coletiva acompanham a celebração de uma identidade local. Nesse caso, a Igreja Nossa Senhora do Socorro, enquanto representação arquitetônica e bem patrimonial pode ser descrita como um índice da identidade representada pelos geruenses, e/ou pela nação. Porém, não podemos utilizar o termo identidade cultural ou coletiva para designar o estado do grupo inteiro, pois só a maioria pode compartilhar da memória desse bem cultural. Esta identidade cultural pode ser dotada de certa essência, devido à possibilidade da existência de um núcleo de memória ser compartilhado pela maioria dos membros de um grupo.

Como visto, não podemos confundir o discurso metamemorial com a memória, pois este não dá conta da existência real da memória coletiva, mas ele é sim um indicador fundamental. A realidade dessa memória não pode ser apenas comprovada pelos atos de memória coletiva como festas, comemorações, museus, lendas, etc. Uma coletividade pode ter os mesmos marcos memoriais, mas não necessariamente compartilha das mesmas representações do passado (CANDAU, 2011).

Memória e patrimônio são indícios da nossa relação com o passado. O que nos identifica como indivíduo e como partícipes de uma coletividade é a memória. Sem esta, a consciência de identidade não é possível. Logo, memória e identidade estão intrinsecamente interligadas, sendo que a primeira nutre a segunda. As construções de identidades não partem de:

um conjunto estável e objetivamente definível de ‘traços culturais’ – vinculações primordiais –, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações contextos, circunstâncias –, de onde emergem os sentimentos de pertencimento (CANDAU, 2011, p. 27).

A identidade é relacional e está sempre em mutabilidade com o outro. Joel Candau (2011) questiona o grau de pertinência, tanto no caso da memória quanto da identidade, das denominadas retóricas holistas. Mas para este autor, é possível afirmar a existência de um núcleo memorial, um fundo cultural, compartilhado pela maioria das pessoas de um grupo, no qual se aplica certa essência da noção de identidade.

A memória e a identidade são construídas socialmente, e se sustentam uma na outra para produzir histórias de vida, de lugares, de coletividades. Logo, o patrimônio é elaborado no movimento dessas duas construções; quanto mais numerosas são as memórias, mais esse campo se expande. O patrimônio é uma prática da memória, que caminha junto com um projeto de afirmação de si mesma. Porém, este projeto sempre estará inacabado (CANDAU, 2011).

Todavia, segundo Poulot (2008), quando consideramos que o patrimônio é uma instituição, e é também um imaginário, a relação entre patrimônio cultural e identidade como sinônimas perde sua validade. O patrimônio atesta e afirma os valores e as pessoas se imaginam no passado, como no presente. Contudo, essa relação pode sofrer falseamentos ou simulações de interpretações. E o autor complementa:

Os patrimônios devem ser compreendidos como conjuntos de matérias e, indissociavelmente, como saberes, valores e regimes de sentido, elaborados ao longo dos processos de formação de identidades coletivas, das comunidades, particularmente as nacionais, mas sem dependerem exclusiva e absolutamente, em seguida, dos ‘interesses’ de quem os colocou em ação em primeiro lugar, e sem serem apenas um ‘reflexo’ de uma outra riqueza de território (POULOT, 2008, p. 38).

Assim, a Igreja de Nossa Senhora do Socorro é um exemplar do patrimônio histórico e artístico pertence à nação brasileira desde 1943. E por mais que seu pertencimento seja público as apropriações que cada pessoa faz dela é única, independentemente de quem a “descobriu”, melhor, de quem lhe atribuiu o valor

patrimonial. Se a Igreja de Geru é um exemplo da cultura luso-brasileira cravada no interior da região Nordeste do Brasil, os sentidos e os significados deste objeto patrimonial não estão inscritos em si mesmos, mas no âmbito das relações sociais e simbólicas, os quais se realizam entre as pessoas, os lugares e os artefatos.

### **1.3 Missão de Estudos na Universidad de Buenos Aires/UBA: Igreja Nossa Senhora do Pilar e seus Retábulos Barrocos**

Esse texto é parte da pesquisa desenvolvida na Missão de Estudos na cidade de Buenos Aires, Argentina, no período compreendido entre os dias 1º de agosto a 29 de outubro de 2012, sob a orientação do professor Ricardo Gonzalez. Essa Missão é fruto do Convênio entre o Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Social/UFPel/Capes e a *Universidad de Buenos Aires*.

Meu projeto inicial versava sobre as artes difundidas nos séculos XVII e XVIII e, sobre a forma de como esse sistema da Contra-Reforma operava no território Americano em contextos de cultura lusitana e hispânica, bem como suas apropriações e reelaborações, tendo como objeto de estudo a *Iglesia San Ignácio*, em Buenos Aires. A partir da análise formal e iconológica deste templo, estabelecer uma relação comparativa com a Igreja Nossa Senhora do Socorro, em Tomar do Geru, objeto de pesquisa do meu mestrado. Mesmo sendo dois templos construídos pela Companhia de Jesus, os dois apresentam grandes diferenças artísticas. Então, segundo orientação do professor Ricardo Gonzalez, seria mais viável enfocar a análise nos retábulos da *Iglesia Nuestra Señora del Pilar*.

Lamentavelmente, essa mudança aconteceu no último mês da Missão de Estudo, por motivos que agora não convém tratar. Mesmo assim, as pesquisas nas bibliotecas nos arquivos e em outros centros de pesquisa continuavam tendo relação com a temática do barroco hispano-americano com a estética barroca em Buenos Aires. Porém, tive que recorrer novamente aos vários locais de pesquisa já visitados, para investigar a respeito da *Iglesia del Pilar*, o que anteriormente tinha sido executado sobre a *Iglesia San Ignácio*.

Enfim, apresentarei brevemente os resultados dessa pesquisa que teve como objetivo analisar a composição das talhas dos altares da *Iglesia Nuestra Señora del Pilar* relacionado-as com aquelas do barroco brasileiro. Portanto, aqui me detenho na apresentação desse templo e dos altares laterais, bem como os locais de pesquisa que utilizei na capital argentina. Esse recorte deve-se ao fato de que o desenvolvimento desse trabalho no intercâmbio com a UBA serviu para enriquecer a minha vivência acadêmica e também complementar a minha pesquisa de dissertação, por isso não cabe aqui apresentá-la na íntegra.

### 1.3.1 Locais de pesquisa em Buenos Aires

A experiência nas bibliotecas de Buenos Aires me proporcionou vivências diferentes das bibliotecas brasileiras. Nos acervos que visitei e pesquisei o sistema para acessar os livros era particular. Quando chegávamos ao local contatávamos um funcionário responsável pela entrega de livros, explicitávamos o tema de investigação e ele nos trazia os livros disponíveis, os quais ele acreditava que poderiam nos interessar. Caso tivéssemos interesse era possível ler ou fotocopiar os exemplares (dependendo do estado físico do material e das regras da instituição de pesquisa).

Os locais de pesquisa que visitei foram: a *Biblioteca Nacional (BN)-(Librería y Fototeca)*; o *Archivo General de la Nación (AGN)*; a *Academia de Bellas Artes (ANBA)*; a *Biblioteca del Museo de la Ciudad*; a *Casa del Historiador (Patrimonio e Instituto Histórico)*; a *Biblioteca da Facultad de Filosofía y Letras*; o *Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Pavignani*; a *Biblioteca Central Augusto Raúl Cortázar*; a *Biblioteca de La Manzana de las Luces*; a *Biblioteca del Museo de Arte Hispanoamericano Isaac Fernández Blanco*; a *Biblioteca Esteban Echeverría y CEDOM – Centro de Documentación Municipal (Palacio de la Legislatura de la ciudad de Buenos Aires)*; a *Biblioteca de Maestro (Ministerio de Educación de la Nación)*. Em todo estes estabelecimentos basta chegar, se apresentar com um documento de identificação e falar sobre o que se deseja pesquisar. Apenas na BN

é necessário obter uma credencial de investigador para consultar seu acervo, seja de livros, fotografias, jornais e outros.

Os temas pesquisados foram sobre a arte colonial na América, o que me auxiliou a refletir sobre a arte barroca da *Iglesia Nuestra Señora del Pilar*, sobre o patrimônio cultural e sobre a educação patrimonial ou *enseñanza del patrimônio*. Apesar da educação patrimonial não ter sido meu objeto de pesquisa em Buenos Aires, percebi que a produção de material sobre o tema é muito escasso no país. Com as minhas pesquisas nas instituições da capital argentina fui confirmando algumas percepções do meu dia a dia em Buenos Aires, através dos programas televisivos com intuito educativo que assisti transmitidos pela televisão estatal, de materiais avulsos que visualizei a venda nas bancas de jornal (livrinhos para crianças com a história dos grandes heróis nacionais, em especial *San Martín e Domingo F. Sarmiento*), ou durante as visitas aos museus e cemitérios, onde encontrava turmas escolares.

O ensino da história para os ‘chicos’ é pautado nas histórias dos heróis nacionais como *San Martín*, *Sarmiento*, entre outros. Como por exemplo, em 17 de agosto foi o aniversário de *San Martín*, então a TV estatal dedicou várias horas da sua programação para homenageá-lo, foi exibido um documentário sobre *San Martín*, que me chamou atenção pelo seu roteiro, que grosso modo, exibia quatro crianças refazendo o trajeto heróico da vida do vulto histórico. Essas minhas percepções instigaram meu interesse com a temática da educação patrimonial, que é parte integrante dessa dissertação.

### 1.3.2 Igreja Nossa Sehora do Pilar

O livro *Reseña histórica del templo Ntra. Sra. del Pilar (Recoleta)*, de autoria de Enrique Udaondo e publicado em 1918,<sup>24</sup> é uma obra de fundamental importância para estudar essa igreja. O autor reúne os antecedentes históricos da construção,

---

<sup>24</sup> UDAONDO, Enrique. **Reseña histórica del templo Ntra. Sra. del Pilar (Recoleta)**. Buenos Aires: Casa Mirau, 1918. Disponível para consulta na *Biblioteca Nacional* e na *Biblioteca Nacional de Maestros*, em Buenos Aires. Por se tratar de uma obra anterior a 1930, a *Biblioteca Nacional* só permite a consulta local e não permite copiá-lo.

desde a doação do terreno, as obras de edificação do Convento da Recoleta, até as transformações sofridas pelo prédio no decorrer dos tempos. A publicação se tornou uma obra referencial sobre o tema e foi grande a sua contribuição para essa pesquisa.

Dom Juan de Garay, o fundador da cidade da Santíssima Trindade, porto de Santa Maria de Buenos Aires, ditou a divisão das terras aos moradores em 1580. O terreno no qual foi erguido o convento inicialmente foi doado a Rodrigo Ortiz de Zárate. Por volta de 1716, com a filha deste cidadão, chamada Herrera y Hurtado, foi firmada a escritura de doação do terreno ao convento dos recoletos. Em 1715 o espanhol nascido em Zaragoza, Juan de Narbona, construiu uma capela, quatro celas e oficinas, com seus próprios recursos financeiros (UDAONDO, 1918). O padre jesuíta Cayetano Cattaneo definiu essas construções iniciais como:

Las casa son bajas, de un solo piso, la mayor parte fabricadas de tierra cruda: consisten por lo general en cuatro paredes de forma rectangular sin ventana alguna, o a lo sumo, con una tomando luz de la puerta. Pocos años atrás eran todas de tierra, como dije y la mayor parte cubiertas de paja (UDAONDO, 1918, pp. 20-21).

Os prédios foram reformados e ampliados originando o novo templo e o convento, sob projeto de Andrés Blanqui, sobre os quais o mesmo jesuíta registrou: “fabricaron en Buenos Aires la de los PP. Franciscanos reformados, con plantas modernas bellísimas que podrían figurar con reputación en cualquiera parte de Europa; y siendo bastante altas con cúpulas y campanarios, hacen de los una vista preciosa” (UDAONDO, 1918, p. 21). No interior da trama urbana é comum que as igrejas apresentem a fachada principal voltada para o átrio, tanto na Europa como no Brasil, quanto nas colônias espanholas da América.



**Figura 11:** Igreja del Pilar, anterior a 1866.  
**Fonte:** Esteban Gonnet, Fototeca da Biblioteca Nacional da Argentina.

No dia 30 de maio de 1734, a igreja do Pilar foi consagrada pelo Frei José de Palos, mais tarde foi elevada à categoria de Basílica, no ano de 1934. No século XIX, o complexo da Recoleta passou por várias e importantes modificações. Em 1866 foram colocados azulejos na cúpula da torre sineira, foi redecorado o campanário e os muros fronteiros ao átrio receberam grades de ferro (ANBA, 1998, pp. 155-156). O prédio está localizado na Rua Junín, número 1904, no bairro Recoleta. Ao lado da igreja encontra-se o famoso Cemitério da Recoleta. A fachada do templo apresenta elementos clássicos: os arcos romanos das aberturas e nichos, os capitéis toscanos das pilastres duplas que ladeiam o pórtico de entrada, os frontões triangulares, tanto no que encima este pórtico como no que arremata o frontispício. Ao mesmo tempo, agraga elementos do barroco: a única torre azulejada

que apresenta o edifício e que decorre na assimetria da fachada, os pináculos<sup>25</sup> dispostos sobre o frontão, a torre sineira oposta ao campanário, composta por arcos e sinos duplos sobrepostos, ornamentados por curvas e contracurvas, bastante recorrentes na estética barroca espanhola.



**Figura. 12:** Fachada da Igreja do Pilar.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2012.

A Igreja do Pilar tem planta em cruz latina, com uma única nave ladeada por seis capelas de pouca profundidade, preenchidas com altares. A Igreja do Pilar é muito visitada principalmente por turistas, ela está localizada em uma região nobre da capital portenha. Provavelmente, isso exerce um papel importante para a manutenção e preservação do templo. O conjunto arquitetônico foi declarado Monumento Nacional, desde o ano de 1942.

A semelhança com o barroco luso-brasileiro se faz nos seis retábulos das capelas laterais da nave central, cujos tetos apresentam abóbadas de berço<sup>26</sup>. Os

<sup>25</sup> Também chamado de coruchéu, serve para ornamentar as fachadas, torres ou frontões dos edifícios (ÁVILA, 1980, 34)

<sup>26</sup> Abóbada de berço é gerada pelo deslocamento de uma semicircunferência ou de uma secção semicircular (ÁVILA, 1980, 17).

retábulos entalhados e policromados são homogêneos, foram elaborados em Buenos Aires nos fins do século XVIII (ANBA, 1998, p. 172), mesclam elementos ornamentais barrocos e rococós e são atribuídos ao artista português Pedro Carmona.<sup>27</sup>



**Figura 13:** Retábulo de Santa Ana da Igreja do Pilar/Buenos Aires.

**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2012.

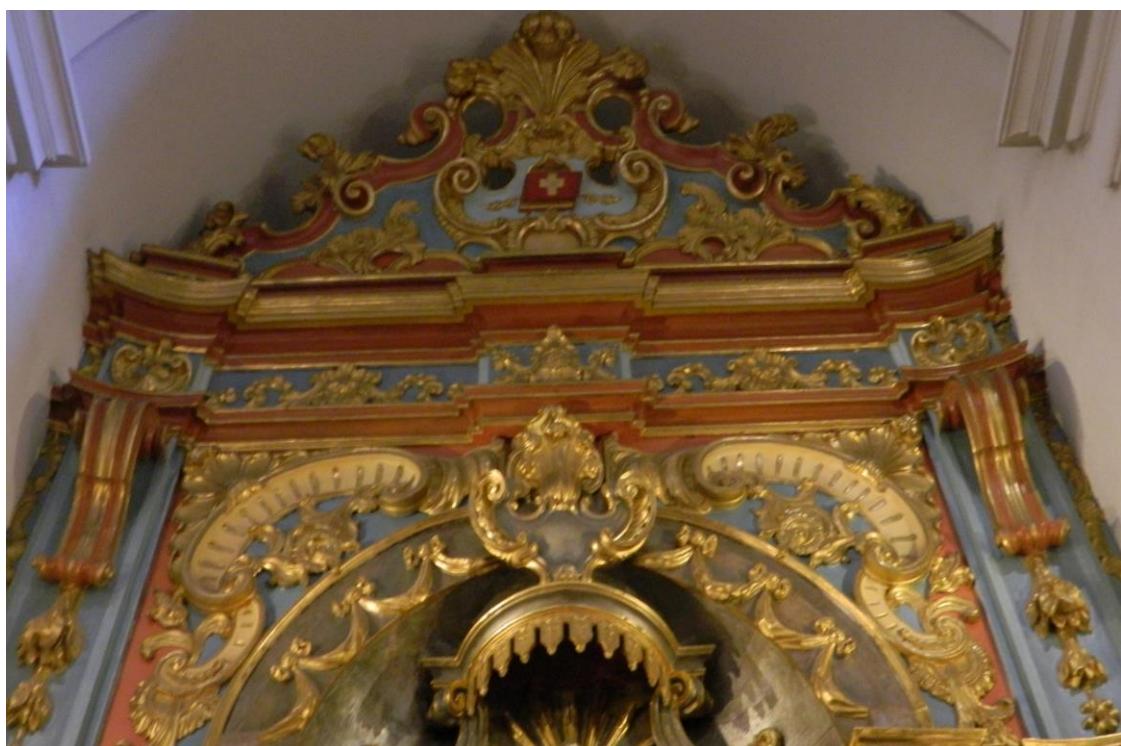
As criações de Pedro de Carmona decorrem nos aspectos lusos dessas peças. O retábulo de Sant'Ana e a Virgem Menina apresenta uma tábua recortada em curvas e contracurvas e decorada com ramagens florais. Dois atlantes apoiam as

<sup>27</sup> “Tallista y xilógrafo; en 1778 hizo la silla del Virrey Cevallos, para la Catedral, y más tarde unos grabados para la imprenta de Expósitos. En 1771 la Noticia de Extranjeros refiere que Carmona era de oficio Tallista, trabaja actualmente en un Quarto inmediato de la recoleta, vive en casa de Pedro Cabrera frente a la Athaoma que era de los Expulsos, agregando que era portugués, soltero y que se mantenía de su trabajo” (SCHENONE, Héctor. Tallistas portugueses en el Río de la Plata. In: *Anales del Instituto de Arte Hispanoamericano e investigaciones estéticas*. Nº 08. Buenos Aires, 1955.

pilastras laterais do altar. O camarim que abriga o trono é encimado por guirlandas e laços de fitas e coroado por dossel, apresenta nichos laterais onde estão dispostas outras imagens sacras. Abaixo do dossel está representado o Espírito Santo, do qual divergem vários raios dourados, que simbolizam a luz divina que dele irradia.

A estátua de Sant'Ana e a Virgem é espanhola e data do final do século XIX ou início do século XX (ANBA, 1998, 172). A imagem de Sant'Ana está representada em pé com a mão no ombro da Virgem. Ela veste uma túnica azul, um véu branco e um manto marrom com detalhes dourados, com uma das mãos segura um pergaminho, no qual está inscrito: *Amar a Dios sobre todas las cosas*.

No alto do retábulo, no centro do ático há uma tarja ou medalhão com um livro vermelho, cuja capa apresenta uma cruz dourada. As decorações exploram uma profusão de rocalhas ou conchas características da estética rococó, motivos fitomórficos, querubins, cornijas, consolos, medalhões, curvas, contracurvas e volutas. Os azuis, vermelhos e dourados da policromia salientam as ornamentações. A abundância desses motivos ornamentais torna esses retábulos diferentes dos demais portenhos. O retábulo é em madeira dourada e policromada, elaborado em Buenos Aires em fins do século XVIII (ANBA, 1998, 172).



**Figura 14:** Detalhe do retábulo de Santa Ana da Igreja do Pilar/Buenos Aires.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2012.

As características básicas exploradas nesses altares são semelhantes aos dos retábulos rococós de Minas Gerais classificados por Affonso Ávila (1980). O estilo também foi definido por Adalgisa Campos (2006) pela utilização de uma simplificação geral da massa escultórica, pelo uso generalizado da rocalha irregular, pelo desaparecimento da figura humana, pelo empobrecimento da talha em favor de uma organização mais arquitetônica, pelos motivos eucarísticos. Segundo a pesquisadora, a confecção do retábulo é reduzida ao trabalho de um carpinteiro, enobrecido posteriormente com a policromia e o douramento (CAMPOS, 2006).

Assim, é evidente a influência portuguesa na arte dos altares das igrejas de Buenos Aires, devido à migração de muitos artistas lusos especializados em talha durante os séculos de dominação espanhola. Lafuente Machain afirmou que “acostumbrados como estamos a considerar la intervención portuguesa en nuestra historia solamente bajo la faz militar... chocará que se diga que fueron ellos quienes aseguraron la durabilidad de la ciudad de Garay” (Apud, SCHENONE, 1955, p. 40).

Buenos Aires reserva surpresas arquitetônicas a cada quadra. Até o século XX as torres e cúpulas das igrejas da cidade, assim como as de outras metrópoles como o Rio de Janeiro, se salientavam na paisagem urbana. Com a modernização e o desenvolvimento de prédios que cresceram em altura, as torres e cúpulas perderam visibilidade. Dessa forma, atualmente a monumentalidade das igrejas católicas se revela somente ao transeunte quando ele caminha pelas ruas da capital argentina. Porém, por não terem sido erguidos arranha-céus no entorno da Igreja do Pilar e de seu complexo, o templo ainda desfruta do privilégio de predominar sobre a paisagem do bairro da Recoleta, do qual também faz parte o cemitério de mesmo nome.

## **CAPÍTULO II**

### **CONEXÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL COM O SOCIAL: EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO**

"Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêm...  
O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido."  
**Rubens Alves**

Para a efetivação das políticas de preservação patrimonial é necessário ir além do aparato jurídico. E são nesses interstícios das relações entre as pessoas, os lugares e os objetos, que a educação deve se inserir para promover um melhor entendimento e usufruto, como também da transformação da realidade, através da socialização das informações e da construção de diálogos entre a sociedade e seus bens patrimoniais.

Em tempos de paradigmas educacionais trans, inter e multidisciplinares, explorar o patrimônio cultural sob o prisma da educação torna-se imperioso. Tratar o patrimônio como documento e fonte de informação pode ser uma possibilidade diferenciada de abordagem do dia a dia em sala de aula, ultrapassando os limites dos registros escritos e imagéticos do livro didático. Assim, apresentar a cultura local como objeto de pesquisa, que possibilita conhecer seus atores e suas práticas sociais, também evidencia o cotidiano dos grupos sociais do passado.

A emergente preocupação e o interesse em preservar o patrimônio cultural, fundamentados em múltiplos olhares e percepções, têm provocado a disseminação de atividades educativas, no sentido de sensibilizar a comunidade para redescobrir os seus bens patrimoniais. Tais iniciativas partem tanto do meio acadêmico, como dos educadores, da sociedade civil e do poder público. Na ocasião do II Encontro Nacional de Educação Patrimonial, ocorrido entre os dias 17 a 21 de julho de 2011, na cidade de Ouro Preto/MG, o IPHAN reconheceu a importância das contribuições que os diversos segmentos da sociedade vêm desempenhando, no que se refere à preservação do patrimônio cultural. Além de ampliar o espaço para os civis na construção das políticas públicas de preservação patrimonial, o IPHAN consolidou uma parceria com o Ministério da Educação (MEC). Esta parceria inseriu atividades

de Educação Patrimonial no macro-campo da Cultura e das Artes do “Programa Mais Educação”. Sabe-se que apenas isso não resolve as dificuldades encontradas pelos professores, mas já é um passo ou um reforço para a inclusão de ações educativas com o patrimônio em salas de aulas.

Segundo Marília M. Rangel (2002, p. 16) o desenvolvimento da educação patrimonial deve seguir dois parâmetros: a educação para a integração e a preservação do patrimônio cultural. A definição de Educação Patrimonial que o IPHAN apresenta em seu sítio eletrônico é:

toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam pra conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial! (IPHAN)<sup>28</sup>

Ana Carmem A. Jara Casco, no 1º Encontro Nacional de Educação Patrimonial, realizado na cidade de São Cristóvão/SE em 2005, apontou para o avanço das iniciativas da sociedade em relação à educação e para a preservação do patrimônio cultural brasileiro. Na visão da autora, esses projetos de educação são atitudes positivas da sociedade. No texto intitulado *Sociedade e Educação Patrimonial*<sup>29</sup> ela afirmou a importância de compreender a educação como inseparável das ações do IPHAN em todas as suas atuações e, por fim, listou algumas diretrizes setoriais da instituição. Segundo (CASCO, 2005, p. 5), as diretrizes são:

- 1) Valorizar a diversidade da base social na qual o patrimônio é constituído e reconhecido;
- 2) Reconhecer, preservar e difundir as referências culturais brasileiras em sua heterogeneidade e complexidade e considerando os valores singulares, sentidos atribuídos e modos de transmissão elaborados pela sociedade;
- 3) Permitir o acesso de todos aos direitos e benefícios gerados por uma política compartilhada e participativa de preservação do patrimônio cultural;

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 09 jun. de 2012.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=526>>. Acesso em 10 agosto de 2008.

- 4) Promover a apropriação simbólica e o uso sustentável dos recursos patrimoniais com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural;
- 5) Valorizar os acervos documentais como fonte de conhecimento para o desenvolvimento das ações de preservação;
- 6) Atualizar e desenvolver em parceria com a sociedade, as políticas, mecanismos e procedimentos de preservação do patrimônio cultural com vistas a democratizar e ampliar o conhecimento sobre a diversidade do país;
- 7) Promover e estimular a transmissão do patrimônio cultural e da memória social às gerações futuras.

É importante ressaltar que tais diretrizes devem ser pensadas com e para a sociedade. Todavia, apresentar normas e diretrizes não sanam o problema da preservação dos bens patrimoniais brasileiros, é indispensável que o IPHAN também ponha em prática ações educativas e que dê visibilidade a essas ações, divulgue-as para a sociedade em geral, afim de que esta tenha conhecimento e acesso a essas atividades e não apenas as comunique aos seus pares. A integração da comunidade com o seu patrimônio cultural promove a apropriação simbólica dos bens, assim como pode também contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural das localidades.

A Educação Patrimonial revelou-se um campo muito fértil. Existem vários exemplos de projetos e de atividades que estão sendo desenvolvidos no Brasil. Algumas Universidades brasileiras têm implantado núcleos e programas de Educação Patrimonial nos quais se desenvolvem projetos que objetivam a valorização do patrimônio cultural nos municípios de atuação. No Rio Grande do Sul, destacamos dois: o Núcleo de Estudos do Patrimônio (NEP), que é um projeto institucional da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria, que propõe ações de valorização do patrimônio utilizando a metodologia da Educação Patrimonial em variados objetos ou conjuntos culturais, especialmente em sítios arqueológicos. Este núcleo já publicou dois livros<sup>30</sup>, os quais compilaram experiências desenvolvidas por graduandos, mestrandos e doutorandos. Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) existe o Programa de Educação Patrimonial, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que desenvolve

---

<sup>30</sup> Educação Patrimonial: relatos e experiências, publicado em 2003; e Educação patrimonial: teoria e prática, publicado em 2008, ambos organizados pelo professor André Luis R. Soares.

diversas atividades com a comunidade local, dentre elas cursos e oficinas de formação continuada na área de patrimônio cultural.

Nas demais Instituições de Pesquisa e Ensino Superior do país encontramos também o registro de eventos, de ações aleatórias e sem continuidade, que geralmente estão acopladas a grupos de pesquisas mais gerais como é o caso do Laboratório de Patrimônio Cultural – Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades, do Departamento de História da Universidade Federal do Sergipe (UFS); do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos, do Núcleo de Arqueologia da UFS; do Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais, do Núcleo de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFS; do Laboratório de Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ), do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Em todos estes projetos, a Educação Patrimonial é uma das temáticas trabalhadas.

Nesse sentido, ações educativas voltadas para o uso e para a apropriação do nosso patrimônio cultural ainda se encontram restritas a projetos de pouca continuidade e de profundidade temporal. Em vários países da América Latina, vêm ocorrendo encontros para debater o patrimônio na educação, com destaque para o Chile<sup>31</sup>, para o México<sup>32</sup> e para o Uruguai. A preocupação com a valorização do patrimônio cultural tem sido um desafio para os pesquisadores de várias áreas de muitas regiões da América Latina. No Brasil vários projetos educativos em lugares de preservação têm sido desenvolvidos por diferentes meios, dentre eles: a educação ambiental pelos biólogos, a educação histórica pelos historiadores, a arqueologia

<sup>31</sup> “La educación patrimonial en Chile es un tópico alojado en distintas secciones del currículo escolar, situación que en la actualidad ha sido profundizada bajo el desarrollo de diferentes guías de trabajo, con el motivo de facilitar la conducción de estos temas en el aula”. **Fonte:** MUCHERL, Felipe Fuentes. **La Educación Patrimonial en Chile.** Disponível em: <http://www.elquintopoder.cl/educacion/educacion-patrimonial-en-chile/> Acesso em: 15 agosto 2012. Ver também em **Actas del III Congreso de Educación, Museos y Patrimonio. Aprendizaje en espacios alternativos de educación patrimonial.** DIBAM, CECA-Chile. Santiago, Chile. Disponível em: <http://www.dibam.cl/noticias/LIBRO%20III%20Congreso%20al%20AJ%C3%ADCOLO%20Rimpreso.pdf> Acesso em: 15 agost. 2012.

<sup>32</sup> A Secretaria de Educação Pública do México incorporou, pela primeira vez, noções básicas a cerca da educação patrimonial em seus livros gratuitos da escola secundária, a partir dos anos escolares de 2008-2009. Saber mais em: ARJONA, Valentina Cantón. **La Educación Patrimonial: como estrategia para la formación ciudadana.** **Correo del Maestro**, Núm. 154, marzo de 2009. Disponível em: <http://www.correodelmaestro.com/anteriores/2009/marzo/154.htm>, Acesso em: 15 agost. 2012.

comunitária pelos arqueólogos, as ações educativas em museus pelos museólogos. Ainda que de forma fragmentada, aleatória e sem continuidade, os resultados obtidos geralmente tem sido satisfatórios.

Preservar não é guardar, é manter vivo. Mesmo que alterados os usos e os costumes populares. Para isso, é imprescindível investimentos em Educação Patrimonial, com políticas públicas sérias que viabilizem a inserção dessa proposta nos currículos das escolas de ensino fundamental e médio. E que a população em todos os níveis sociais e econômicos possa discutir, aprender, valorizar e preservar, alcançando um processo ativo de conhecimento.

## 2.1 Educação Patrimonial

No início da década de 1980, foi realizado no Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro, o 1º Seminário sobre o “Uso Educacional de Museus e Monumentos”. Nesta ocasião, inspirada no modelo educacional britânico sobre o patrimônio cultural, a Educação Patrimonial (*Heritage Education*) foi introduzida no Brasil em termos práticos e teóricos, pela museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta, como metodologia específica da área (HORTA, 1999).

En 1983, se hizo el primer seminario sobre el uso de nuestros monumentos, proponiendo por primera vez un presupuesto de educación patrimonial y una metodología; conceptos básicos de esta metodología siempre fueron el objeto cultural como fuente primaria de la enseñanza a partir del objeto, de la cosa en sí, y no de los libros, discursos y teorías sobre patrimonio (HORTA, 2009, p. 34).

A partir daí, essa proposta passou a ser aplicada não só em museus, mas em diversos contextos e em vários Estados brasileiros promovendo o desenvolvimento local e oferecendo respostas inovadoras na recuperação e preservação do patrimônio cultural. Embora o uso do museu seja de grande valia no processo ensino-aprendizagem, os educadores têm mais uma fonte de riqueza a explorar à sua disposição. A própria realidade do educando possui uma história, pois se situa no tempo e no espaço, seja ela rural ou urbana, ou mesmo aquelas reconhecidas

como “não-históricas”. Entendemos que cada povo produz cultura e sua maneira própria de expressá-la. Assim, todas as realidades são frutos das ações humanas em um determinado tempo e lugar.

Horta conceitua a Educação Patrimonial como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo (HORTA, 1999). Assim, os objetos ou expressões culturais assumem papel insubstituível e importante enquanto referencial observável que proporcionam a obtenção de respostas sobre o passado dos indivíduos de uma coletividade. Desta forma, os artefatos que atestam existências anteriores são os laços diretos do passado com o presente, que permitem ao sujeito defrontar-se com as realidades pretéritas e encontrar vestígios para compreender a época atual.

A Educação Patrimonial busca que o indivíduo através do processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização do patrimônio cultural desenvolva mais suas habilidades para explorar devidamente e da melhor maneira seus próprios bens culturais. Dessa forma, ele pode construir novos saberes e registrá-los de forma sistemática, democratizando os conhecimentos e fornecendo os métodos e os dados coletados na tentativa de preencher as lacunas existentes na bibliografia sobre o patrimônio cultural nacional.

Os princípios básicos e metodológicos da Educação Patrimonial são sensibilizar e preparar os indivíduos de uma comunidade, visando o reconhecimento e valorização dos seus bens culturais. Visto que, a metodologia específica pode ser aplicada a qualquer manifestação cultural, seja um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio arqueológico, um ambiente natural, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritualístico, as técnicas e os saberes populares, como qualquer outro produto da criação humana. Cada objeto contém um complexo sistema de relações e conexões, que dão significado às evidências culturais e nos trazem dados acerca das pessoas no presente e no passado, em ciclo um constante de continuidade, de transformação e de reutilização (HORTA, 1999).

A metodologia da Educação Patrimonial, por meio da observação, nos leva a formular hipóteses sobre os objetos e fenômenos observados, procurando descobrir aspectos físicos, modos ou processos de construção, as funções originais e os seus

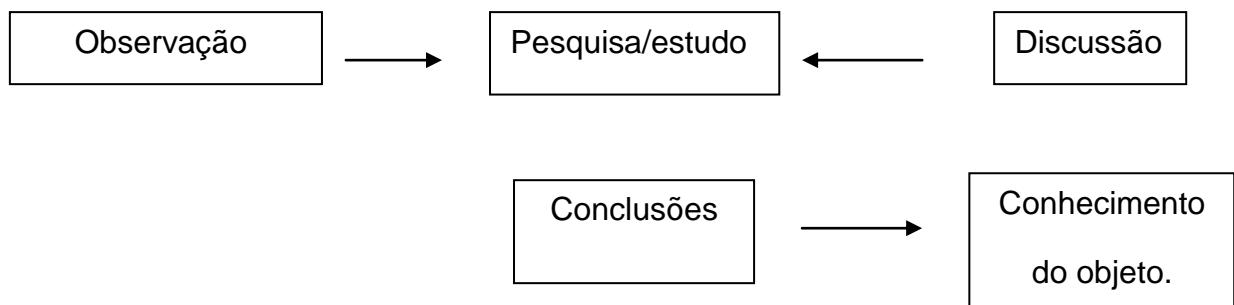
significados para as pessoas que os criaram, utilizaram ou utilizam. A trajetória histórico-temporal que todo objeto percorre é constantemente transformada, principalmente em seu uso e forma. Cada momento histórico tem suas especificidades, sejam elas econômicas, sociais ou culturais. Logo, os valores pertencentes a um determinado momento pretérito, podem ter outro significado ou função na atualidade.

Para isso, a única e a mais apropriada forma é utilizar o próprio objeto como fonte de informação. Deste modo, o indivíduo torna-se apto a ler e interpretar sua realidade cultural, ampliando sua capacidade para compreender o mundo. Segundo Horta (1999), qualquer pessoa pode fazê-lo, desde que utilize suas capacidades de observação e de análise direta do objeto ou do fenômeno estudado, e saiba recorrer às fontes complementares, para explorar os dados percebidos.

Para a autora citada, a exploração ou investigação de um objeto ou fenômeno cultural pode ser feita por meio de uma série de perguntas e reflexões. Na investigação de um objeto cultural devem-se fazer indagações sobre:

Aspectos físicos/ materiais	Desenho / forma	Função / uso	Construção / processo	Valor / significado
--------------------------------	--------------------	--------------	--------------------------	------------------------

Como descobrimos isto?



**Fonte:** HORTA, 1999. p.10.

A metodologia da Educação Patrimonial possibilita aos educadores utilizarem objetos culturais na sala de aula, ou nos próprios locais onde são encontrados, como peças-chave no desenvolvimento dos currículos e não, simplesmente, como

ilustração das aulas. Escolhido o objeto ou o fenômeno e o tema a ser abordado, a ação educativa transcorrerá ao longo das seguintes etapas metodológicas: observação, registro, exploração e apropriação (HORTA, 1999).

A observação é o primeiro passo. É o contato direto com o objeto que está à vista dos alunos. Nesse momento, fazer perguntas ao artefato é a chave para sugar todas as informações possíveis a seu respeito, identificando o objeto, sua função e significado, desenvolvendo a percepção visual e simbólica. A partir daí, registra-se por diversas formas (escrita, desenho, oralidade, entre outras) o que se descobriu na primeira etapa, aprofundando os conhecimentos sobre o artefato. Esse processo exerce a memória e desenvolve o pensamento lógico, intuitivo e operacional.

A exploração refere-se à análise do problema, à formulação de hipóteses, induz para a discussão e para a pesquisa em outras fontes como: arquivos, cartórios, bibliotecas e periódicos, com o fim de desenvolver as capacidades de análise e julgamento crítico dos educandos e para a interpretação das evidências e dos significados do elemento cultural em questão. E na fase da apropriação o indivíduo representa, recria, relê e se envolve afetivamente com o processo de ensino-aprendizagem, interiorizando os conhecimentos obtidos e expressando o significado que aprendeu, através de sua participação criativa que implica na valorização, na preservação do patrimônio cultural. Essa disposição de etapas não determina necessariamente a ordem a ser seguida pelos educadores. Pois no desenrolar das atividades, algumas dessas fases podem ocorrer simultaneamente, ou mesmo se sobrepor em umas às outras.

Muitas vezes estamos com nossos olhares cansados ou viciados que reproduzem visões baseadas em “verdades absolutas”. Isso interfere diretamente em nosso campo de percepção visual, perdendo assim o aspecto investigativo do ato do olhar. O desenvolvimento das sensações visuais proporciona a surpresa, o espanto ou o encantamento, a descoberta. Esse despertar das sensibilidades implica reflexão, ação, crítica e na ampliação das possibilidades interpretativas e significativas. Assim, não basta apenas *ver*, mas *olhar*, olhar com mais atenção e principalmente com a vontade de desvendar o âmago das coisas.

As evidências culturais apresentam uma variedade de aspectos e significados que ultrapassam os limites de cada disciplina. Ao olharmos mais atentamente e interdisciplinarmente os objetos culturais podem surgir inúmeras possibilidades de

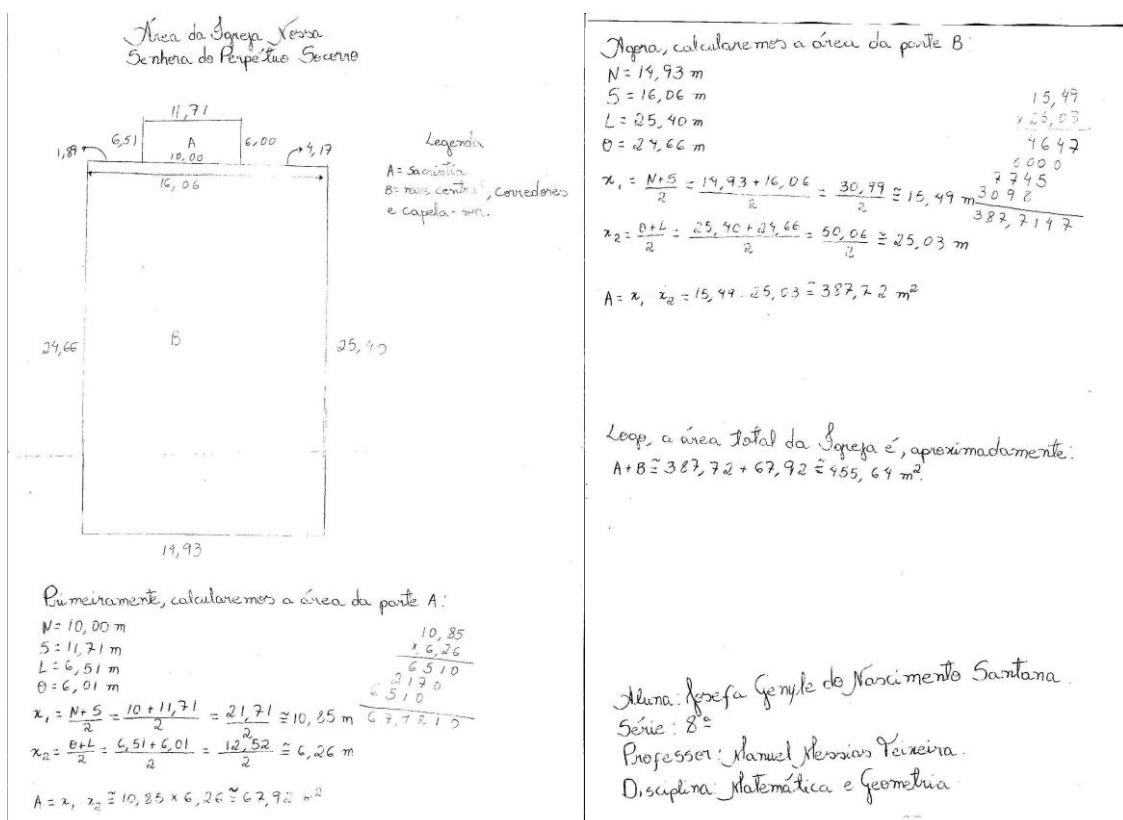
atividades pedagógicas a serem realizadas. Para isso, é preciso que o docente desperte e prepare os alunos para um olhar mais aprofundado e investigativo. Todavia, é aconselhável definir e delimitar os objetivos e metas da atividade da Educação Patrimonial, para que se obtenha um melhor rendimento entre os alunos. As atuais políticas educacionais brasileiras como os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem essa abordagem.

É necessário romper com a fragmentação e a desarticulação do conhecimento nas escolas, superando a racionalidade positivista da sociedade industrializada, que dificultam a compreensão da importância da interação e da reciprocidade entre as diferentes áreas do saber. A divisão do pensamento e do conhecimento é uma ilusão criada por nós. Isto se observa quando fazemos o cruzamento de ideias e descobrimos que, todas as informações estão conectadas. Articulados ou conectados, os processos de ensino-aprendizagem tornar-se-ão mais instigantes e prazerosos, tanto para o educando como para o educador.

Em meu trabalho de conclusão da Graduação em História, na Universidade Federal de Sergipe, intitulado *Patrimônio e identidade: uma experiência com educação patrimonial em Tomar do Geru/Se*, 2006, relatou-se e analisou-se a experiência da aplicabilidade da metodologia da Educação Patrimonial enfocando a Igreja Nossa Senhora do Socorro em Tomar do Geru, enquanto elemento cultural, com alunos e professores da oitava série da Escola Agrícola Dr. Albano Franco. Utilizou-se o potencial deste bem cultural para evidenciar aos educandos que a valorização e preservação dos bens culturais são importantes para a construção e afirmação das identidades. (SANTOS, 2007)

As atividades pedagógicas foram desenvolvidas nas aulas de matemática, inglês, zootecnia, português e história. Como exemplo, nas aulas de matemática, os alunos realizaram a medição do prédio da igreja, elaboraram a planta baixa e fizeram o cálculo da área ocupada pelo prédio (Figura 15). Em virtude da dificuldade encontrada pelos alunos, quanto às diferenças das medidas de comprimento utilizadas por eles e, as medidas aplicadas na construção do edifício, o professor de matemática teve que abordar questões referentes às transformações das medições da época, com as atuais. Essa atividade demonstrou que é possível explorar o patrimônio não apenas nas disciplinas de história ou de artes, também evidenciou o

patrimônio local como motivador do processo ensino-aprendizagem em outras áreas (SANTOS, 2007).



**Figura 15 – Cálculo da área da Igreja.**  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2006.

É dessa forma que a Educação Patrimonial desperta o interesse do indivíduo e o estimula a fazer uma leitura crítica e consciente da realidade cultural na qual ele está inserido, estabelecendo relações com a mesma. Geralmente, os currículos escolares apresentam uma sobrecarga de conteúdos, tendo os professores de conciliá-los com a limitação da carga horária em sala de aula. Mesmo com essas dificuldades, o uso do patrimônio cultural local como recurso didático é de grande importância como elemento motivador em qualquer disciplina, buscando reunir áreas aparentemente incompatíveis no processo de ensino-aprendizagem, quanto na utilização do aprendizado pelo educando na sua vida.

A professora de História Lires Tumelero relatou uma experiência em suas aulas de história, ministradas na 5ª série do ensino fundamental no município de Seara, em Santa Catarina, dialogando com a Educação Patrimonial para trabalhar a pré-história e a arqueologia com esses alunos. Ela concluiu que as atividades

didáticas possibilitaram aos estudantes estabelecer “relações ativas e interpretativas, relacionadas com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisas com documentos localizados em contextos vivos e dinâmicos da realidade” (TUMELERO, 2008, p. 112). Uma das especificidades desse relato é que a mediadora dessas atividades foi a própria professora da turma, e não uma pessoa de um grupo ou órgão externo à escola, o que proporcionou um melhor acompanhamento das atividades e o fortalecimento das relações professor-aluno, pois não se tratavam de ações isoladas ou fora dos conteúdos curriculares da disciplina.

Tal importância também se destacou na construção e afirmação das identidades das crianças. O fortalecimento dessas identidades foi alicerçado em procedimentos didático-pedagógicos que propiciaram aos sujeitos a construção do conhecimento e a obtenção de respostas para as suas inquietações, tendo a figura do educador como um mediador desse processo. Desta maneira, a aplicação da metodologia da Educação Patrimonial, além de favorecer a construção e o fortalecimento da identidade cultural e do sentimento de cidadania dos alunos, reforçou a autoestima pessoal e coletiva da turma. Essas atitudes são alternativas para diminuir o distanciamento entre a sociedade e o patrimônio. A apropriação do bem patrimonial implica também em ações preservacionistas.

Porém, para que se efetive a apropriação do patrimônio cultural é de fundamental importância que os professores ou “agentes multiplicadores”, tenham suporte teórico-metodológico e conhecimento suficiente e adequado sobre a temática.

(...) podemos hablar del educador patrimonial como el profesional encargado de establecer conexión *[Sic]* entre el patrimonio*[Sic]* y la sociedad; (...) es un profesional que está contrayendo nuevas responsabilidades (...) sino de detectar las cualidades de este receptor coletivo*[Sic]* o individual, sus necesidades, sus condiciones, sus rasgos sociales, políticos y culturales, para ponerlos en relación con aquel patrimonio*[Sic]* cultural que deseamos hacerle llegar. (FONTAL MIRELLAS, 2003, p.197, *Apud*, NUÑES, 2011, p. 12)

Débora Nuñes (2011), em sua dissertação no Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, apontou para a escassez do debate teórico-metodológico sobre a Educação Patrimonial.

Nuñes (2011) justificou o motivo pelo qual – na grande maioria de trabalhos que enfocaram a temática – muitos se referiram à conceituação e à metodologia apresentada por Maria de Lourdes Horta. Em contrapartida, segundo a autora da dissertação, são facilmente encontrados outros tantos artigos que relatam experiências pedagógicas, projetos de curta duração, oficinas e atividades dispersas em Educação Patrimonial.

O trabalho com a Educação Patrimonial implica em escolhas daquilo que deve ou não ser lembrado. Por isso ela não é imparcial e nem atemporal. Ela está envolvida nos conflitos entre os grupos humanos. Assim, o professor ao trabalhar essa área em sala de aula deve estar ciente de que a Educação Patrimonial precisa ser abordada de maneira crítica, apresentando os diferentes discursos em suas diversas perspectivas. Também deve estar evidente, tanto para o professor quanto para os alunos, que o valor do patrimônio cultural consiste na valoração atribuída pela sociedade a estes bens culturais, a partir de uma possível sensibilidade despertada através do conhecimento.

Visto que as ações educativas podem ser desenvolvidas tanto em escolas como em museus e nos mais variados espaços sociais. A professora Denise Grinspum (2000) em sua tese defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo destacou aspectos referentes à educação em museus, quanto à questão da formação do público no Museu Lasar Segall. A autora parte do princípio de que a escola tem relevante significância na formação de públicos e, que as ações educativas desenvolvidas nos museus também servem para suprir a deficiência desse trabalho na educação escolar.<sup>33</sup>

Logo, o patrimônio deve ser percebido pelo indivíduo como uma forma de cultura viva. A postura do ser no mundo está permeada pelas relações de poder, as quais influenciam nas percepções do indivíduo sobre o bem patrimonial. Para exemplificar de forma simples, ao adentrar no edifício da Igreja do Geru, a posição em que o visitante se coloca lhe permite compartilhar de uma perspectiva previamente pensada pelos idealizadores da construção arquitetônica, que direciona seu olhar para o altar-mor. Ou seja, a iluminação e os elementos ornamentais explorados nas decorações do ambiente conduzem o olhar do observador para o

<sup>33</sup> Ver: GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. São Paulo/SP, 2000. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.

ponto de maior relevância do espaço interior da igreja. A postura que o espectador é obrigado a assumir reforça esta questão, posto que para observar o resplendor que ornamenta o teto do templo, situado na parte central da nave, é necessário que o visitante volte o seu olhar para o alto, simbolicamente para o céu, como se estivesse a receber as bênçãos divinas ao penetrar na igreja.

Por mais que estas perspectivas e posturas dos espectadores tenham sido previamente planejadas, as percepções de cada indivíduo são frutos de um exercício criativo e particular, determinadas também pela sua relação corporal com o objeto patrimonial. Há diversas formas e capacidades das pessoas se relacionarem com o patrimônio, e cada uma delas:

se origina en la desigual participación de los grupos sociales en su formación. Es en este sentido, en el que radica la importancia del proceso de educación en torno del patrimonio cultural y su respectiva resignificación para generar una eficaz identificación y apropiación del mismo (CONFORTI, 2009, p. 9).

Dessa forma, os agentes mediadores e multiplicadores poderão desempenhar papel ativo na comunidade com a identificação e apropriação do seu patrimônio e, com a efetiva posse da sua cultura viva e de suas heranças culturais e naturais. Como registrou Hugues de Varine (2012, p. 91), é essencial para o aluno que sua educação seja pautada no patrimônio local em toda a sua vida escolar. O autor ainda acrescentou: “para que servirá conhecer, ao menos por ouvir falar, os grandes monumentos ou sítios da França ou do mundo”, se ele não for capaz de relacionar os conhecimentos adquiridos por meio da Educação Patrimonial aos sítios e monumentos históricos que vê todos os dias (VARINE, 2012, p. 91). No caso desta dissertação, com a Igreja de Nossa Senhora do Socorro de Tomar do Geru.

Para que os alunos possam atribuir sentidos ao mundo em que vivem, é necessário que eles adquiram a capacidade de relacionar o patrimônio local com os conhecimentos e as reflexões desenvolvidos e/ou construídos na escola. Desse modo, o desafio não é apenas de cada aluno, mas da totalidade da comunidade escolar. Pois todos são protagonistas do processo de troca de saberes. Inclusive o professor deve considerar o contexto em que a escola está inserida, o interesse dos seus alunos pelas temáticas ou atividades propostas, as limitações e as

possibilidades da sua área ou disciplina ministrada, além de coadunar com o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.

No caso em estudo, no qual se detém essa dissertação, é necessário que a escola forneça os meios intelectuais e as atividades correspondentes aos educandos do ensino fundamental de Tomar do Geru, para que eles possam decifrar os códigos culturais e patrimoniais da Igreja Nossa Senhora do Socorro, e também de outros bens materiais ou imateriais locais, para atribuir sentido e valores a estes bens. Pois, como disse Maria de Lourdes Parreira Horta em uma palestra *no III Congreso de Educación, Museos y Patrimonio: Aprendizaje en espacios alternativos de educación patrimonial*, em Santiago – Chile/2009:

En principio, las cosas nos dan lecciones y hay que saber hacer una 'lectura' de las cosas: el objeto cultural es un objeto para ser descubierto a través de un trabajo de investigación, como un detective o un 'Sherlock Holmes'. Es como un rompecabezas, porque un objeto tiene en sí cristalizados innumerables aportes e informaciones (HORTA, 2009, p. 35).

A autora ainda continuou dizendo que: “*al principio, hay que aprender casi como una ‘alfabetización cultural’, una lectura de las cosas*” (HORTA, 2009, p. 35). A Educação Patrimonial não tem como principal objetivo educar ou alfabetizar culturalmente, no sentido de que uma pessoa tem educação e a outra não, ou de que o participante é analfabeto cultural e o agente mediador o alfabetizará. Na Educação Patrimonial, os agentes mediadores deverão promover estratégias de inclusão social e, também, criar processos participativos de sensibilização dos indivíduos para as questões culturais da sua realidade. Esse processo pode ser destinado a qualquer grupo social, independente de idade, gênero, credo religioso, ou de mesmo grau de escolaridade. Uma vez que o ideal das ações educativas sobre o patrimônio é a colaboração e o intercâmbio de saberes, entre os agentes mediadores, os multiplicadores e a comunidade, e não apenas a transmissão de informações.

## 2.2 Aportes da História Oral

Com vista a discutir as contribuições da história oral para essa pesquisa, torna-se necessário levantar as questões metodológicas e éticas da relação do trabalho de campo entre o historiador/entrevistador e o entrevistado. As construções das narrativas orais dos entrevistados sobre o patrimônio da Igreja Nossa Senhora do Socorro também nos permitem vislumbrar as memórias vinculadas à visualidade, à audição e à memória, à espacialidade e ao corporal. Por sua vez, para melhor inteligibilidade da temática investigada, a produção e o uso das fontes orais foram de suma importância.

Nesse caso, além das entrevistas com os professores, adultos, optou-se por ouvir também os alunos, que por sinal são todos menores de idade. Eis a questão, identificar os alunos e as alunas entrevistados pelo seu nome? Ou não? Como apresentá-los textualmente? Para sanar tais dúvidas, recorreu-se à produção bibliográfica da área, sobre a metodologia e sobre as questões éticas da história oral, e também sobre as questões éticas em pesquisas que envolvem crianças.

A memória coletiva é produzida socialmente com a participação de todos, mesmo apresentando disparidade. “O conhecimento do passado e do presente também é produzido no transcorrer da vida cotidiana” (GRUPO MEMÓRIA POPULAR do CCCS/Universidade de Birmingham, 2004, p. 284). Logo, o historiador do tempo presente se depara com uma proliferação de fontes orais, escritas, visuais, sonoras, e com a informática, além da possibilidade do historiador contemporâneo produzir o seu arquivo ou banco de dados, que pode ser útil até para outros pesquisadores.

No âmbito historiográfico, atualmente está em debate o *status* da história oral, que apresentamos brevemente, pois não se constitui como objetivo deste trabalho o aprofundamento teórico desse assunto. As três principais posturas da história oral, quanto ao seu *status* são: 1) história oral como uma técnica, ou o conjunto de procedimentos técnicos para utilizar os aparelhos e conservar o acervo; 2) como uma disciplina, além das técnicas e métodos específicos de uma pesquisa, fundamenta-se em um conjunto de conceitos; 3) como uma metodologia, estabelece e ordena procedimentos de pesquisas. Diante dessa discussão, Marieta de Moraes

Ferreira e Janaína Amado registraram que a “interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico; mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasando e orientando o trabalho dos historiadores” (FERREIRA & AMADO, 2006, p. xvii).

A busca pela história oral no presente trabalho é fazer vir à tona pontos de vista das vozes silenciadas ou pouco ouvidas, e registrar essas memórias recuperando as vivências dos que permanecem invisíveis na historiografia tradicional. Todavia, é preciso estudar o documento oral não só como fonte única, com o intuito de recuperar pontos de vistas dos testemunhos, como também considerar o ponto de vista de sua construção pelo historiador, que emana de uma “invenção” da fonte.

A história oral é o espaço em que:

a tensão entre objetivos históricos e políticos concorrentes é mais aparente: entre procedimentos profissionais e entusiasmo amador, entre história oral como recriação, como recreação e como política, entre os cânones de objetividade e um interesse, mais pontual, pela subjetividade e pelas formas culturais”. (GRUPO MEMÓRIA POPULAR do CCCS/Universidade de Birmingham, 2004, p. 290).

O trabalho de campo com a oralidade permite ao entrevistador dialogar com as pessoas e não com papéis, animais ou objetos que não detém o poder da linguagem oral. Segundo Portelli (2010, p. 2), as fontes orais têm uma profunda relação com a democracia, pois todos os seres humanos possuem a oralidade. Ainda de acordo com este autor, o processo da entrevista é um trabalho político, que passa por dois níveis: falar e ser ouvido. Resulta do compartilhamento de projetos, através do diálogo entre o historiador e o entrevistado. Por mais que haja desigualdade de poder social e cultural entre eles, no momento da entrevista há uma tentativa de igualdade, mesmo que utópica (PORTELLI, 2010, p. 5).

A relação entre o entrevistado e entrevistador não está finalizada ao desligar o gravador ou a câmara filmadora. O informante dá a sua voz, confia as suas palavras ao entrevistador. Isso implica em responsabilidades que continuam após as entrevistas. Como por exemplo, na transcrição em apresentar os entrevistados com sua própria linguagem (PORTELLI, 2010, p. 6).

Nos trabalhos que utilizam a história oral, a questão ética deve ser mais importante do que as técnicas. Dessa forma:

a coisa mais importante é que o respeito para com as pessoas e as palavras vivas com que trabalhamos prossiga, continue no trabalho de publicação, no trabalho público. (...) Bem, essas palavras nos foram confiadas não em abstrato, nos foram confiadas pessoalmente (PORTELLI, 2010, p. 7).

Entretanto, a história oral permite fazer uma história do tempo presente. Mas se a memória é produzida socialmente, as fontes também são, tanto as orais como as escritas. Portanto, devemos frisar que a coleta de informações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Com isso, a história do tempo presente “contribui para criar a lacuna que cada geração nova, cada ser humano deve descobrir e preservar mediante um trabalho assíduo” (PASSERINI, 2006, p. 216).

E como já foi esclarecido nessa dissertação, não há pretensão aqui em quantificar pessoas e opiniões, mas explorar o universo de opiniões e as variadas declarações sobre a Igreja Nossa Senhora do Socorro, como também a sua relação com as práticas pedagógicas daquele município, ou melhor, do campo investigado. Da mesma forma, ressalto para o leitor não esperar que as falas dos professores e alunos sejam apresentadas de maneira restrita e limitada, julgando-as como certas ou erradas. Esse não é o objetivo dessa pesquisa, fazer julgamentos, pois vejo que essa forma de analisar a realidade em foco causaria danos e perdas à pesquisa, sendo, então, omitida a grande e rica contribuição dada pelos entrevistados.

Nesse sentido, a história oral contribuiu significativamente para a execução dessa pesquisa. Pois, para tal precisamos desse discurso multivocal que a oralidade oferece. O trabalho de campo é desafiante e instigante, e é essa relação com as pessoas que torna esse processo mais interessante. Como disse Portelli (2010, p. 10):

eu sempre acreditei que se você, como entrevistador, não sai da entrevista diferente de como nela entrou, e se o entrevistado não sai da entrevista diferente de como nela entrou, a própria entrevista, não que tenha sido um fracasso, mas não desenvolveu todas as

possibilidades do encontro e do diálogo. É fácil ver que o entrevistador muda, pois aprendemos muitas coisas. Porém a entrevista é também um desafio que colocamos ao entrevistado, porque ele tem que organizar a narrativa, o conto, a interpretação de sua vida de uma forma nova, de uma forma mais complexa e de uma forma que alguém que não faça parte de sua comunidade, possa entender. Então esse é o desafio: o de aprofundar sua compreensão de sua própria história, sua própria experiência (PORTELLI, 2010, p. 10).

Portanto, a questão política e ética perpassa o poder da palavra, o poder da comunicação. O direito do entrevistado de falar do seu próprio ponto de vista sobre os fatos e, ser ouvido pelo entrevistador é fundamental. Então, eles, os entrevistados, são quem me concedem a voz, e não o inverso, pois a história oral dá-se por meio de negociações.

Quanto às questões éticas na pesquisa com crianças, a professora Sônia Kramer, do Departamento de Educação da PUC-Rio, em seu texto *Autoria e autorizações: questões éticas na pesquisa com crianças*, publicado em 2002, analisa as questões éticas em três situações enfrentadas na pesquisa com crianças de diferentes idades, grupos e contextos.

A primeira aborda o nome das crianças, verdadeiros ou fictícios, observadas ou entrevistadas, esclarece que esses nomes podem ou não ser explicitados na apresentação da pesquisa. Na sequência, enfoca a questão da utilização de imagens fílmicas ou fotográficas de crianças em trabalhos científicos. E por último, discute as implicações ou os impactos sociais dos resultados dos trabalhos científicos nas instituições educacionais pesquisadas. Segundo a autora citada, a iniciativa de escrever sobre essas questões deu-se pelo constante surgimento das mesmas nas orientações de monografias, dissertações e teses (KRAMER, 2002).

Neste texto, Kramer deixou claro que não teve a pretensão de dar respostas, mas de partilhar questionamentos, auxiliando na reflexão e na busca de opções mais adequadas, para a apresentação dos entrevistadores menores de idade nessa pesquisa. Mesmo com a autorização por escrito dos respectivos responsáveis pelos entrevistados, é necessário justificar, de maneira simples e objetiva, a escolha de como citar esses participantes no corpo do texto resultante da pesquisa.

Vários autores e diferentes linhas teóricas nas diversas disciplinas (psicologia, história, pedagogia, sociologia, antropologia) pesquisam a temática da infância.

Porém, não cabem aqui abordagens teóricas aprofundadas sobre esse assunto, pois fugiria do alcance do presente trabalho. Nesta dissertação, faz-se o uso do primeiro nome dos estudantes na apresentação da pesquisa, devido ao entendimento de que a participação deles foi suficientemente relevante para deixá-los no completo anonimato. Logo, optou-se por não identificá-los pelas iniciais dos seus nomes ou por números. Como diz Portelli (2002), a história oral dialoga com pessoas, as quais cedem suas vozes para as nossas pesquisas acadêmicas e merecem o respeito do historiador, pois elas nos confiaram as suas palavras. E se buscamos essas vozes para usá-las em nossos trabalhos, devemos deixar que as mesmas permaneçam com a propriedade dos entrevistados (PORTELLI, 2002, p. 6).

### **2.3 Percursos Metodológicos**

As vozes dos entrevistados responderão novas indagações sobre assuntos antigos, criarão novas perspectivas de análise, que propiciarão uma compreensão melhor das atividades em sala de aula. É válido destacar, que na apresentação da pesquisa os alunos não terão a identificação da escola, pois a pretensão ou objetivo da análise é trabalhar com o grupo de estudantes de três escolas, e não cada uma separadamente. Logo, não haverá comparação entre os processos educativos das escolas enfocadas, ou entre alunos e professores de uma unidade escolar com as outras. No caso dos professores, em alguns casos aparecerá o nome da instituição de ensino em que trabalham, para facilitar a compreensão, a coerência e a fluidez do texto.

Pontos abstrusos entre a educação e o patrimônio cultural da localidade serão vislumbrados. Para isso, foram entrevistados doze alunos e dez professores, entre eles: dois professores de História, um de Artes, dois Polivalentes, os três Diretores dos respectivos educandários, um Coordenador Pedagógico Geral e a Secretária Municipal de Educação. Os doze alunos foram extraídos de diferentes turmas, assim distribuídos: três alunos do 5º ano vespertino da Escola Municipal Antônio Aguiar Velames; três do 5º ano A, turno vespertino, da Escola Municipal Valdete

Dórea; três estudantes do 9º ano, turno matutino, da Escola Municipal Albano Franco; e três discentes do 9º ano, turno matutino, da Escola Municipal Valdete Dórea.

O critério de escolha dos alunos ficou a cargo das professoras Polivalentes e das duas professoras de História<sup>34</sup>. Posto que elas conhecessem bem melhor os alunos, o que não era o meu caso como pesquisadora. Um dos aspectos que elas levaram em consideração foi a facilidade deles se expressarem oralmente. Ou seja, enquanto entrevistados tinham que demonstrar pouca timidez para desenvolver as respostas. Essa questão foi importante para o andamento dos encontros, pois quanto mais disponíveis e falantes fossem os alunos, supostamente, melhor se desenvolveriam as entrevistas. No início, alguns ficaram introvertidos, depois se soltaram e ficaram mais à vontade para responder as questões propostas. A entrevistadora teve que propiciar formas de falar e de perguntar para que as falas dos entrevistados não se resumissem as respostas monossilábicas como: sim, não ou não sei. As entrevistas foram qualitativas, permitindo necessárias adaptações para propiciar um ambiente favorável para que os alunos e os professores narrassem acontecimentos e episódios que pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Elas foram realizadas individualmente e, na maioria dos casos, nas dependências das escolas.

Para a realização das entrevistas foi elaborado previamente um roteiro de perguntas semiestruturado. Para que, como registram os estudiosos da história oral, o encaminhamento e o desenvolvimento das entrevistas dependessem especialmente dos entrevistados. Para as entrevistas dos alunos o roteiro foi composto por 21 perguntas (Anexo 2). Para os professores, por 28 questões (Anexo 3). As arguições foram organizadas com o objetivo de abordar os seguintes subtemas: 1) o prédio da igreja e seu acervo – diagnóstico do conhecimento dos entrevistados sobre os mesmos; 2) questão patrimonial – vislumbrar o entendimento sobre patrimônio cultural e o tombamento; 3) o patrimônio da igreja no ambiente escolar e na comunidade; 4) o papel da educação para a preservação do patrimônio do templo. Este último fez parte apenas das entrevistas com os professores, pois

---

<sup>34</sup> Quando cheguei às escolas para realizar as entrevistas encontrei as professoras de História, então solicitei que elas selecionassem os estudantes para participar da pesquisa. Os primeiros dias em que fui às escolas não coincidiram com os dias de aulas dos professores de Artes. Motivo pelo qual as docentes de História é que fizeram as indicações.

esses poderiam apresentar uma visão mais geral dessa realidade. É bem verdade que com o desenrolar das entrevistas apareceriam outras questões abordadas pelos entrevistados, e que o roteiro previamente elaborado não serviu como um molde único e inflexível.

Quanto à formação dos professores, a maioria deles tem graduação na área das Ciências Humanas, exceto uma professora que tem formação em Matemática. A maior parte possui pós-graduação na área da Educação. A formação de sete, do universo de dez docentes, é em Pedagogia ou equivalente, como Normal Superior. Apesar de muitos deles estarem trabalhando na educação entre 10 a 20 anos, todos concluíram a graduação no último decênio. Nos últimos anos esses professores vivenciaram o mundo acadêmico, sendo que três deles tem duas graduações, o caso das duas professoras de História, que também são formadas em Pedagogia e, o professor de Artes, que é bacharel em Direito e possui pós-graduação em Didática do Ensino Superior e em Teoria do Estado. É visível que não se trata de um universo homogêneo, isso é instigante e, ao mesmo tempo enriquecedor.

Um aspecto notável nas entrevistas era a grande dificuldade dos entrevistados em desvincular o patrimônio cultural da Igreja Nossa Senhora do Socorro com a religiosidade. A ideia religiosa perpassava quase todo tempo a nossa conversa, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Sabemos da real dificuldade da separação prática das dimensões religiosas e culturais. Afinal, o bem em foco é um elemento religioso representativo da comunidade católica da cidade, pois é o único templo do catolicismo da zona urbana, a Igreja Matriz do município de Tomar do Geru. Além da dimensão religiosa, há outras, como: cultural, histórica, social, artística, e todas essas estão intrinsecamente relacionadas.

Para os alunos, essa dificuldade pode ocorrer devido ao fato de que geralmente eles são levados à Igreja pelas escolas, em momentos de celebrações religiosas do catolicismo. Acredita-se também na influência da disciplina de Ensino Religioso, que prioriza a religião católica. Há poucos registros, ou nenhum, de que as escolas do município vão com seus alunos aos locais de devoção de outras religiões. Como por exemplo, a um Terreiro do Candomblé, ou mesmo a templos de religiões evangélicas existentes na cidade. Atualmente, há esforços para mudar essa realidade no Ensino Religioso, a intenção é fazer uma abordagem mais diversificada do universo das religiões mundiais em sala de aula. Para os

professores, esta situação reflete as atividades das escolas. Algumas reflexões serão feitas no terceiro capítulo, possibilitando uma melhor compreensão deste aspecto.

Uma escola não é um grupo homogêneo, então é interessante e estimulante saber como um docente com formação em Matemática ou um pedagogo vêm um determinado bem patrimonial de sua cidade. A difusão do patrimônio cultural não deve ser apenas responsabilidade dos professores das disciplinas de História e Artes, e sim da comunidade escolar. Assim, os gestores da unidade escolar também são responsáveis pela difusão e preservação do patrimônio, seja qual for sua formação universitária.

Essa heterogeneidade exige cautela e cuidado. Não se pode exigir um conhecimento muito aprofundado sobre as questões patrimoniais. Nesse caso, os conhecimentos históricos e artísticos dos professores de outras áreas, supostamente, não se voltam para tais assuntos de maneira mais específica e aprofundada. Não é o caso dos licenciados em História e Artes, que a princípio, em algum momento do curso de graduação se debruçam sobre a temática relativa ao patrimônio cultural, em seus aspectos históricos, culturais e artísticos. Daí justifica-se o recorte dessa pesquisa, em selecionar somente as disciplinas de História e Artes no segundo segmento do ensino fundamental.

Já no primeiro segmento do ensino fundamental, a situação é diferenciada porque todas as disciplinas são lecionadas por um mesmo docente, o professor Polivalente. Cabe a esse profissional trabalhar desde os conteúdos da matriz curricular básica nacional aos temas transversais. Assim, o adjetivo polivalente resulta das várias funções atribuídas a ele. A formação exigida para atuação é o curso superior em Pedagogia, ou cursos equivalentes.

Como vimos em muitos casos, esses professores antes de concluírem o ensino superior já atuavam em sala de aula. Dessa forma, é válido esclarecer que esses docentes estudaram em cursos de formação de professores para a conclusão do seu Segundo Grau, atual Ensino Médio. Essas formações hoje em dia vêm sendo extintas, por conta de exigências e das políticas públicas do Ministério de Educação (MEC). Desde o ano de 2007, é objetivo do MEC garantir a formação de professores que atuam ou atuarão na educação básica da rede pública. Essa *Política Nacional*

de *Formação de Professores* visa difundir a oferta e a melhoria dos cursos de formação de docentes<sup>35</sup>.

A educação para a sensibilização dos estudantes, com relação ao patrimônio cultural, acontece principalmente no dia a dia escolar, e não especificamente em momentos isolados, sem continuidade e/ou com grandes monumentos. O professor pode desfrutar e explorar a realidade em que seus alunos estão inseridos. Necessariamente, não precisa ir muito longe para trabalhar várias temáticas em sala de aula. Basta olhar atentamente para o contexto geográfico, histórico, social e cultural em que o alunado vive. No caso da Igreja Nossa Senhora do Socorro, é evidente que todos os moradores da cidade já a viram ou a visitaram ao transitarem pelas ruas da cidade.

A imagem desse prédio faz parte da memória visual de muitos dos geruenses. Ele tem uma localização privilegiada de vários pontos da cidade se pode ver o monumento, seja a fachada principal, a lateral ou a posterior, a torre sineira ou as duas palmeiras fronteiras à igreja, plantadas entre o cruzeiro e o edifício, que completam a paisagem (Ver figura 01). A Igreja Matriz é uma das edificações de maior destaque na cidade. De não muito distante geograficamente da área urbana de Geru, é possível distinguir a Igreja de Nossa Senhora do Socorro claramente. A Escola Municipal Albano Franco é exemplo de um dos locais externos à cidade de onde se pode visualizar o templo.

Então, é evidente que esse monumento está presente cotidianamente na vida de muitos dos geruenses de diferentes formas é óbvio. Logo, o professor pode explorar esse monumento das mais variadas maneiras devido à paisagem natural e à riqueza histórica, artística e cultural do prédio. Além do universo de valores e significados que o mesmo representa para as pessoas dessa comunidade. A utilização da metodologia da Educação Patrimonial pode viabilizar a exploração crítica e consciente e o uso desse patrimônio nas escolas. Isso propiciará o desenvolvimento de habilidades cognitivas, a sensibilização e a apropriação dos bens materiais do seu acervo e do próprio edifício e do seu entorno. Com isso, será minimizado o distanciamento existente entre as escolas e a Igreja Matriz, enquanto elemento de identidade cultural dos geruenses.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 07 out. 2012.

Para Rubem Alves, há a educação das habilidades e a educação das sensibilidades, e “sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido”. Assim, é necessário darmos sentido ao que vivemos, vemos e fazemos. Pois o conhecimento é construído em um processo contínuo e gradativo. Logo, o aporte da história oral é fundamental para a obtenção e captação de opiniões, das diferentes vozes que compõem um universo multivocal, do qual se utiliza essa pesquisa e que será apresentado no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO III**

### **REFLEXÕES SOBRE AS COMPREENSÕES DOS USOS EDUCATIVOS DO PATRIMÔNIO DA IGREJA NOSSA SENHORA DO SOCORRO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM TOMAR DO GERU**

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

(Poema Memória - Carlos Drummond de Andrade)

Este capítulo trata sobre as compreensões dos usos da Igreja Nossa Senhora do Socorro enquanto objeto patrimonial nas aulas das disciplinas de História e de Artes, nas escolas municipais Aguiar Velames, Valdete Dórea e Albano Franco do município de Tomar do Geru. Mais especificamente nos 5º anos/4ª séries, nos 9º anos/8ª séries do ensino fundamental das referidas escolas. O texto busca a análise e a reflexão de como a Igreja e o seu acervo são usados, se é que são usados em sala de aula como possíveis recursos didáticos para o reconhecimento dos alunos dos valores históricos e estéticos desse patrimônio como bens móveis e imóveis que pertencem à comunidade.

Para isso, foram efetuadas entrevistas com os alunos e com os professores de Tomar de Geru das disciplinas de História e de Artes do 9º ano das escolas municipais Valdete Dórea e Albano Franco, com os professores e os alunos do 5º ano das escolas Valdete Dórea e Antonio Aguiar Velames, com os diretores dos educandários citados, com o representante da equipe técnico-pedagógica municipal e a Secretaria Municipal de Educação. No total, foram entrevistados dois técnicos pedagógicos, três diretores, cinco professores<sup>36</sup> e doze alunos do ensino fundamental.

As entrevistas compuseram um *corpus* e ampliaram o campo de interpretações sobre a questão proposta. Segundo Lozano (2006), “a história oral,

---

<sup>36</sup> Estes formam um conjunto de 10 professores, pois os técnicos e diretores também exercem o cargo de professores, mas no momento desenvolvem outras funções pedagógicas no município. Portanto, a partir de agora mencionarei alunos e professores.

ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais" (LOSANO, 2006, p.16). Elas foram realizadas entre os meses de julho e agosto do ano de 2011, a maioria nas dependências das escolas. Nesses casos, em alguns momentos, o barulho "comum" dos ambientes escolares dificultou as gravações. E para melhor compreensão do conjunto das escolas pesquisadas, apresentá-lo-ei a seguir.

### **3.1 No Percurso das Escolas: Do Valdete ao Antônio Aguiar**

Segundo os dados do IBGE/2010<sup>37</sup>, a realidade do ensino fundamental no município de Tomar do Geru (inclui-se a rede estadual, municipal e privada) apresenta-se da seguinte forma: 3.123 matrículas, 162 professores e 34 escolas. Em média, temos 20 alunos para cada docente e, uma escola para cada 92 alunos. Proporcionalmente, a relação entre o número de alunos e de professores não ultrapassa os limites propostos no Projeto de Lei 597/2007<sup>38</sup>, que limita o número de alunos por professor na Educação Básica, aprovado pela a Câmara dos Deputados e enviado para o Senado. Segundo este projeto, o número de alunos dos anos iniciais é no máximo 25, e nos anos finais de até 35. Sendo sancionada, esta lei deverá alterar a LDB 9394/96, que não estipula o limite máximo de alunos por turma. Cada rede de ensino se organizará pela demanda. Porém, a qualidade da educação básica não deve ser mensurada apenas por essa relação quantitativa entre professor/aluno.

Logo, faz-se necessária a descrição das três unidades escolares que fazem parte desta pesquisa. Alertamos que esta é uma pesquisa demonstrativa, e não tem pretensão de tornar seus resultados como totalizantes. A ordem da descrição deve-se não só ao ano de fundação das escolas, mas também pelo nexo dos acontecimentos e conexões entre elas. Por esta razão, começo por um depoimento

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2011.

<sup>38</sup> Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=346373>>. Acesso em: 11 set. 2011.

que ilustra e retrata os meandros da história da educação no município, a partir da década de 1970. Ressalvo que não é intuito desta pesquisa fazer uma abordagem aprofundada dessa história, apenas um apanhado geral para maior inteligibilidade desse estudo.

Em depoimento<sup>39</sup> concedido à referida unidade de ensino pelo Pe. Arnaldo Matos da Conceição (1938-2011), ao ser questionado sobre o motivo do nome da escola e o seu envolvimento na instalação desta, o referido depoente respondeu que se instalou em Geru em meados da década de 1970, para auxiliar o Pe. Manoel Vieira, pároco de Itabaianinha, sede da Paróquia da qual Geru fazia parte até o ano de 2001. Como a Igreja de Geru dispunha de uma casa, o Pe. Arnaldo instalou-se na localidade e tornou-se figura de referência para atender todos os fiéis dessa Paróquia. Porém, sua sede continuava na cidade de Itabaianinha. Faz-se necessário a transcrição de parte desse depoimento, para melhor compreensão do processo de implantação do Ensino Fundamental, o antigo Ginásio, na história da educação do município:

Em Tomar do Geru umas das coisas que o chamou atenção foi a inexistência do que então se chamava de curso ginásial. (...) nos ocorreu a idéia [sic] de experimentar também em Geru, o que já havíamos feito em Cristinápolis, Umbaúba, Arauá e Pedrinhas, onde instalamos, com o aval do Bispo Dom Coutinho, núcleos ginásiais do Instituto Diocesano de Estância. (...) Era situação de emergência (CONCEIÇÃO, s/d).

O Padre também relatou os problemas e as dificuldades enfrentadas, como: o local de funcionamento desse curso. Na época, já existia a Escola Estadual Dom José Vicente Távora e, “uma pequena Escola na Robério Dias, apelidada de Escola Rural do Município” (Pe. Arnaldo, s/d). O Pe. Arnaldo estava decidido que o novo Ginásio não poderia funcionar na escola do Estado, por razões não esclarecidas no depoimento. Destarte, a pequena escola municipal foi franqueada pelo então Prefeito Municipal para receber os novos alunos do curso ginásial. Daí surgiu a dificuldade da falta de espaço no prédio, para receber quase 200 alunos que tinham manifestado interesse pelo curso, como foi registrado em um levantamento feito na época. Assim, relatou o Pe. Arnaldo:

---

<sup>39</sup> Este depoimento encontra-se na Escola Municipal Valdete Dórea, digitado e assinado pelo depoente. Lamentavelmente, não está datado.

procurei um cidadão que anteriormente muito me ajudara nas construções da Igreja de Cristinápolis e da Casa Paroquial. [...] E não só custeou todo trabalho, como também dotou as novas salas de carteiras novas e tudo mais necessário ao seu funcionamento. Por fim, ainda ofereceu uma banda para desfiles cívicos. Então, diante de tal generosidade resolvemos premiar os seus préstimos denominando a nova Escola com o nome de sua recém falecida esposa VALDETE DÓREA (CONCEIÇÃO, s/d).

Assim, a fundação da Escola Municipal Valdete Dórea está intrinsecamente ligada à implantação do curso ginásial, equivalente hoje ao segundo segmento do ensino fundamental. A Unidade de Ensino está localizada na Rua Robério Dias, s/n, no centro da cidade de Tomar do Geru, distante da Igreja Nossa Senhora do Socorro, a pouco mais de dez minutos de caminhada. Esta instituição representa uma peça fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Atualmente, esta escola é mantida pela Prefeitura Municipal, é pública e gratuita, conta com oito salas no próprio prédio e mais duas em construções anexas, possui cozinha, um laboratório de informática em fase de implantação, dois banheiros, um pátio pequeno, e uma sala para múltiplos usos, dentre eles: diretoria, secretaria e biblioteca. Oferece desde o 1º ao 9º ano do ensino fundamental, nos três turnos (manhã, tarde e noite), com um quadro de docentes efetivos composto por 27 professores, atende um total de 680 alunos<sup>40</sup>, divididos em 22 turmas durante o ano de 2011. Nessa instituição de ensino trabalhamos com a turma do 5º ano A, do turno vespertino que comporta trinta e três alunos, regida pela professora Antonieta O. Reis Aguiar e, com a turma do 9º ano, do turno matutino, com quarenta e um alunos, cuja professora de história chama-se Maria de Fátima Oliveira Macedo e o professor de Artes Tennyson Silva Sales. Apesar de ser considerada a maior escola em número de matrículas, percebe-se que a problemática da falta de espaço ainda perdura. Visto que foi necessária a utilização de um prédio anexo para atender a demanda de matrículas, como também no momento de intervalo entre as aulas é notável que o pátio torna-se mínimo para o número de estudantes por turno, sendo quase impossível o bom desenrolar de atividades lúdicas entre eles.

A nota obtida pela Escola no IDEB, durante o ano de 2009 foi de 4,0, nas turmas iniciais do ensino fundamental. Tal resultado superou a nota adquirida no município para este nível, de 3,3. Assim, a escola atingiu a meta prevista pelo MEC para o ano de 2011, que era 3,3. Embora a cifra esteja abaixo do índice obtido a nível nacional, que no mesmo ano era 4,6. Já nas turmas finais do ensino

---

<sup>40</sup> Dados referentes ao Censo Escolar 2011 foram obtidos nas respectivas unidades de ensino.

fundamental, a Escola Valdete Dórea obteve no ano de 2009 a nota 1,9, sendo que a meta traçada pelo MEC para o ano de 2011 era de 2,7. Esse resultado está muito próximo do obtido pelo município em 2009, que foi 1,8, porém distante do índice nacional de 4,0, registrado no mesmo ano.

Para enriquecer nossa análise, contamos com a Escola Municipal Albano Franco, também pública, gratuita e mantida pelo poder público municipal desde sua fundação em 1996, localizada no povoado Cardoso, distanciada aproximadamente de 3 km do nosso objeto de estudo, a Igreja Matriz de Geru. A princípio, esta instituição foi planejada e construída para oferecer da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental, com a particularidade de ofertar em seu currículo disciplinas ligadas ao ensino agrícola. Como reza a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96<sup>41</sup>:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Para atender a sua clientela em sua grande maioria proveniente da zona rural, esta escola dispõe de uma ampla área verde circundando as edificações, formadas por: sala de professores, coordenação, direção, secretaria, oito salas de aula, laboratório de informática, sala de vídeo, refeitório e cozinha conjugada, pátios amplos e seis banheiros. Desde o ano de 2007, esta escola não oferece mais as disciplinas da parte diversificada, ligadas ao ensino das técnicas agrícolas. O total de alunos matriculados no ano de 2011 é 323, para as turmas do 6<sup>º</sup> ao 9<sup>º</sup> ano do ensino fundamental, nos turnos matutinos e vespertinos. O quadro de docentes efetivos está composto por onze professores.

Vale ressaltar que, no ano de 2006 foi desenvolvido nesta escola o projeto monográfico “Patrimônio e identidade: uso educativo da Igreja Nossa Senhora do Socorro”, que culminou no meu trabalho de conclusão do curso de história pela Universidade Federal de Sergipe. Tal ação educativa contou com a participação dos alunos e professores da então 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental. Utilizamos o potencial desse bem cultural por meio da metodologia da Educação Patrimonial, para demonstrar aos pesquisados que a valorização dos traços culturais locais é

---

<sup>41</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 10 de set. 2011.

importante para a (re) afirmação das identidades do lugar. No entanto, percebemos que a insuficiência de conhecimento crítico sobre a sua realidade cultural, implicou diretamente na não apropriação consciente dos bens patrimoniais. Dessa forma, justifica-se a escolha da Escola Municipal Dr. Albano Franco como integrante do campo de pesquisa deste trabalho.

Assim, trabalhamos nesta Escola com alunos da turma do 9º ano do turno vespertino que contava com quarenta e três alunos e tinha a professora de História, que também lecionava a disciplina Sociedade e Cultura, Luciana Santana da Silva, e o professor de Artes Tennyson Silva Sales, o mesmo docente citado anteriormente na categorização do outro estabelecimento de ensino. Como esta escola só oferece as turmas finais do ensino fundamental, temos o índice auferido pelo MEC em 2009 de 1,7, sendo que a meta para o ano de 2011 era de 2,4. Tal resultado também se aproxima da média do município de 1,8 em 2009, mas continua abaixo do índice nacional.

Para complementar o quadro das escolas pesquisadas, incluímos a Escola Municipal Antonio Aguiar Velames, localizada na Rua Senhor do Bomfim, s/n, distanciada aproximadamente de 1,5 km da Igreja Nossa Senhora do Socorro. Esta Escola foi fundada em 1999, para atender a grande demanda de matrículas para as séries iniciais do ensino fundamental na zona urbana. Pois até então, a Escola Municipal Valdete Dórea era única unidade de ensino, pública e gratuita, responsável pelas séries iniciais na cidade. A procura de vagas nesta escola também cresceu bastante com a implantação do transporte estudantil no município, estruturado em 1996 para conduzir os alunos da zona rural que estudam na cidade.

A Escola Municipal Antonio Aguiar Velames oferece turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, nos turnos da manhã e tarde. Durante o turno noturno funciona a Educação de Jovens e Adultos (EJA)<sup>42</sup>. No ano de 2011 a escola contou com 360 alunos matriculados no ensino fundamental, em oito turmas do ensino regular e, mais três turmas desenvolvendo os Programas Se Liga e Acelera. O quadro docente desta unidade escolar é composto por doze professores.

Para compor o nosso quadro de análise trabalhamos com a turma do 5º ano A, do turno vespertino, composta por vinte e cinco alunos e regida pela professora Maria Raimunda Guimarães Maciel. A meta do MEC para o ano de 2011 do IDEB

---

<sup>42</sup> Esta modalidade de ensino não fez parte da pesquisa.

era de 4,2. No último resultado, em 2009, a nota obtida por esta escola foi 3,0, abaixo da de 2007, que foi 3,3, e também do índice brasileiro deste mesmo ano. É válido lembrar, que a avaliação nesta Escola dá-se apenas com o 5º ano, o último do primeiro segmento do ensino fundamental<sup>43</sup>.

As unidades escolares estão interligadas, não só por participarem da mesma rede de ensino, mas por apresentarem semelhanças com os índices auferidos pelo MEC, com destaque para o 5º ano da Escola Municipal Valdete Dórea. Também porque os dois últimos educandários surgiram em decorrência da demanda de matrículas do primeiro. A Escola Albano Franco para atender as turmas dos anos/séries finais, e a Escola Antonio Aguiar Velames para os anos/séries iniciais do ensino fundamental. Atualmente as matrículas para o ensino fundamental na rede municipal ainda se dão pela seguinte forma: primeiro procura-se a chamada Escola do Valdete, depois as demais, caso não haja vagas neste primeiro estabelecimento.

### **3.2 A Igreja Nossa Senhora do Socorro: Patrimônio Vivenciado**

Considerar o patrimônio como um elemento cultural vivo, detentor de valores e sentidos múltiplos, é uma ideia recente. Como já foi dito nesse trabalho, a postura do ser no mundo está entremeada pelas relações de poder, as quais influenciam nas percepções do indivíduo sobre as evidências culturais.

O bem patrimonial em foco, a Igreja de Nossa Senhora do Socorro é vivido cotidianamente pelos grupos sociais geruenses. Mas as vivências deste espaço são diferenciadas ao observar os diversos usos que dele fazem os habitantes do lugar. É notório na cidade que, e alguns entrevistados confirmaram tal questão, há grupos que só vão à igreja nas celebrações religiosas. Alguns deles com frequência, outros apenas em datas especiais como na festa da padroeira, ou nos casamentos, nos batizados e nos velórios, etc. Também há pessoas que vão a essas solenidades e não entram no templo, ficam na praça ou mesmo no cruzeiro em frente ao edifício. Assim como há habitantes que, por não comungarem com os dogmas católicos, não

---

<sup>43</sup> Os dados apresentados sobre o IDEB. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 11 de set. 2011.

frequentam esse templo. Esses exemplos e demais casos não citados, demonstram que a referida igreja está inserida na comunidade e cada pessoa ou grupos diferenciados dialogam e a vivenciam da sua própria maneira.

Os edifícios falam, contam-nos histórias, e essas narrativas evocam nossas lembranças e emoções. Logo, estabelecemos um diálogo com esses monumentos<sup>44</sup>, aos quais respondemos por meio de diversas emoções: surpresa ou espanto, calor ou frio, conforto ou desconforto, tranquilidade ou ansiedade, tristeza ou alegria, simplicidade ou imponência, humildade ou poder, curiosidade ou desatenção, brandura ou temor, entre outras tantas possibilidades. Uma das primeiras informações que o lugar nos transmite é onde estamos, sua identidade espacial. Essa informação pode ser obtida através da comunicação visual com os elementos simbólicos. Vale ressalvar que, é necessário o enquadramento das informações em regras próprias aos códigos que definem a funcionalidade dos prédios, pois a comunicação apenas acontece para os que decifram as mensagens recebidas pelas várias formas de linguagem. Mas quanto à questão patrimonial, não devemos entender que o bem cultural carregue em si um suporte único e fechado de códigos prontos para serem decifrados, e que os códigos ou os símbolos são permanentes e estáticos, eles variam de acordo com as relações estabelecidas.

Visto que podemos dialogar com os aspectos visuais de uma obra ou de uma construção, visa-se nesse tópico apresentar e interpretar as informações obtidas com os pesquisados e, na medida do possível, dialogar com o prédio e com o acervo da Igreja de Nossa Senhora do Socorro em Tomar do Geru. Através dos cruzamentos de diferentes informações e com as reflexões teóricas pertinentes ao assunto, percorreremos um trajeto dialógico com o nosso objeto de estudo. Realizaremos uma viagem cheia de emoções proporcionadas pelas percepções dos entrevistados, com relação ao templo característico da estética arquitetônica barroca, erguido na antiga aldeia do Geru no final do século XVII.

Para início de conversa com alunos e educadores foi preciso saber se eles conheciam a Igreja Nossa Senhora do Socorro. Para quais fins estiveram lá,

---

<sup>44</sup> Monumento: palavra de origem latina *monumentum*, que remete a ideia de “fazer recordar”, “iluminar”, “instruir”. Ou seja, monumento é tudo que evoca o passado e perpetua a recordação, tanto pode ser uma obra arquitetônica ou escultórica, como um monumento funerário (LE GOFF, 2010, p. 526).

solenidades religiosas, atividades pedagógicas ou culturais. Ou apenas para conhecer e observar o interior do templo e as estátuas dos Santos nos altares. Os educandos responderam que já tinham visitado a Igreja. A maioria deles para fins religiosos: missas, catequese, grupo carismático, etc. Dentre eles, alguns conheceram a igreja nessas ocasiões e são frequentadores assíduos do templo, outros ali estiveram apenas uma vez. Como é exemplo o caso da aluna Marina, que é coroinha da igreja e, disse ir sempre para as missas. Porém, afirmou que por iniciativa da escola nunca visitou o prédio, exceto numa ocasião, para acompanhar a missa do estudante pela manhã<sup>45</sup>. E o da aluna Maristhela, que semanalmente vai às reuniões do grupo da carismática. Mas, só para conhecer ou estudar a construção jamais foi<sup>46</sup>. É válido notar que duas alunas só foram ao templo para as missas. Uma outra menina declarou não ter ido para nenhuma solenidade religiosa. Foi à Igreja somente para conhecê-la, juntamente com seu irmão e seus pais.

Já as alunas Telma e Carla apresentaram outros motivos. A primeira disse que foi à Igreja Matriz várias vezes, pois a sua avó trabalhava ali fazendo a limpeza, e a levava consigo<sup>47</sup>. Uma segunda aluna do 5º ano falou: “eu faço o que eu posso fazer, eu visito os pontos turísticos de Sergipe, eu vou lá ajudar na igreja, vou fazer algum trabalho que a professora Antonieta pede, vou fazer várias coisas lá, inclusive cuidar da igreja”<sup>48</sup>.

Percebe-se nessas declarações que cada aluno possui uma relação particular com a igreja, assim como as visitações por meio de solicitações da escola, que são mínimas. O ambiente escolar é propício para a construção e disseminação de valores e sentidos para o patrimônio cultural. A preocupação do sistema educacional com o passado promove a valorização do patrimônio. Para isso, é necessário que as evidências culturais sejam conhecidas, discutidas e debatidas com os alunos e com a comunidade. Esse diálogo entre comunidade escolar e demais grupos sociais acerca do patrimônio cultural deve ser permanente e dinâmico.

Assim como os estudantes, os docentes possuem uma relação peculiar com esse suporte da memória. A indagação feita aos professores, se já visitaram a

<sup>45</sup> Entrevista concedida por Marina, em 14 de julho de 2011.

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Maristhela, em 14 de julho de 2011.

<sup>47</sup> Entrevista concedida por Telma, em 21 de julho de 2011.

<sup>48</sup> Entrevista concedida por Carla, em 22 de julho de 2011.

Igreja Nossa Senhora do Socorro a fim de conhecê-la melhor e observá-la ou estudar, e não apenas em celebrações religiosas, resultou em informações que dão indícios e esclarecem mais o porquê da situação demonstrada pelos alunos.

Todos os educadores pesquisados responderam que já visitaram o templo, a maioria deles para fins religiosos. Metade do corpo docente nunca foi visitar o monumento com o objetivo de conhecer melhor ou estudar, alegando falta de curiosidade e motivação. Outra parte do grupo afirma já ter visitado para fins acadêmicos e, que este bem cultural desperta cada vez mais interesse em conhecer a história do município. O coordenador geral pedagógico declarou que constantemente pesquisa na internet, a procura de “algo de novo, algo de interessante, que eu não sei ainda sobre a história do município. Sobre alguma coisa que fale sobre a igreja. E tenho descoberto assim coisas interessantes”<sup>49</sup>. A professora de história Maria de Fátima Macedo comentou que: desde que ensinava do 1º ao 5º ano, e até mesmo antes de fazer o curso de história, já promovia visitas à igreja e outros pontos da cidade, como uma casa antiga da localidade, e as pedreiras, juntamente com seus alunos. Ela afirmou que fez um pequeno projeto e trouxe os alunos que moravam e estudavam no povoado Onça, até aqui a cidade de Geru, para fins pedagógicos. E acrescentou: “trouxe as crianças e pedi para uma pessoa da igreja, para uma zeladora da igreja, que ela falasse o que ela soubesse da igreja. Então as crianças olharam tudo, viram tudo, foi assim uma tarde importante”<sup>50</sup>.

A outra professora de história e também da disciplina de Sociedade e Cultura, Luciana Santana, proferiu que já tinha ido ao monumento, tanto como visitante quanto como docente. E complementou:

eu já levei algumas turmas na disciplina Sociedade e Cultura, principalmente turmas do 8º e 9º anos que trabalho a questão do patrimônio cultural, e aí nós fazemos essa visita técnica, peço para que eles observem os detalhes e vou enveredando pela parte dos conteúdos mesmos e sempre coloco nessa visita, para o caso dos alunos que não são católicos e que são evangélicos ou que professam qualquer outro tipo de religião, que não tem nada a ver com a religiosidade, mas assim com o aspecto cultural. Essas visitas são com o objetivo de principalmente despertar a identidade cultural dos alunos, por que muitos alunos não têm o respeito e também a

<sup>49</sup> Entrevista concedida por José Joilson Oliveira, em 14 de julho de 2011.

<sup>50</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima de Oliveira, em 13 de julho de 2011.

questão de valorizar de ser de Tomar do Geru, eu coloco: muitos até quando saem ou quando viajam sentem vergonha de dizer de onde são, então a intenção de trabalhar o patrimônio cultural é eles conhecerem que o município tem a sua cultura, sua história e tem o seu valor, é nesse sentido e com esse objetivo<sup>51</sup>.

O professor de Artes alega que ainda na graduação estudou a Igreja do Geru, e que hoje em seu trabalho docente apenas menciona a igreja no 7º ano, quando trata sobre a arte barroca, e sempre que solicita trabalho nas unidades, sugere fazer sobre o monumento, “mas nunca cheguei a levar os alunos para a Igreja não, porque eu só tenho uma aula por semana, então fica difícil de tirar os alunos e eles perderem todas as outras aulas”<sup>52</sup>.

A primeira metade dos educadores entrevistados alegou a ausência de curiosidade e motivação para conhecer melhor o elemento patrimonial em ênfase, isso é no mínimo instigante e bastante revelador. Provavelmente esses profissionais em sua formação escolar não vivenciaram o patrimônio. Dessa maneira, não foi despertado neles esse interesse ou curiosidade pela história local. Sabe-se também que é recente a discussão da história da localidade na historiografia e na Educação, assim como a importância de abordar o patrimônio cultural nas práticas docentes. Portanto, além da preocupação de se tratar a temática com discentes do ensino fundamental, é preciso averiguar a formação que os professores receberam para lidar com tal tema.

É óbvia a validade das ações e pensamentos dos professores do segundo grupo. Pois, como disse Figueiredo (2002), não é porventura que a temática do patrimônio invade as salas de aula. E o autor continua dizendo que: “a escola deve sempre estar em sintonia com as demandas da sociedade, e acreditamos que esse tema surja, exatamente para atender a alguma dessas novas demandas” (FIGUEIREDO, 2002, p. 61).

Quando a professora Maria de Fátima Macedo afirmou que a tarde que passou com os alunos na atividade pedagógica mencionada foi importante, entende-se que os objetivos do projeto foram alcançados e seus resultados também foram satisfatórios. Nessa perspectiva, as visitas que a professora Luciana das disciplinas

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida por Luciana da Silva, em 21 de julho de 2011.

<sup>52</sup> Entrevista concedida por Tennyson Sales, em 02 de agosto de 2011.

de História e de Sociedade e Cultura promove com objetivo de despertar a identidade cultural dos alunos enfocando o respeito e a valorização da história local, são atividades notáveis.

Enquanto isso, o professor de Artes aborda a Igreja do Geru apenas no 7º ano, quando trabalha a arte barroca, através de menções e de sugestões de estudos para os alunos. Contudo, sem negar a importância da ação, é preciso ir além do simples fato de citar a obra de arte como exemplo da estética barroca. É necessário proporcionar a vivência das artes por meio do “desenvolvimento nos alunos das habilidades como: descrever, analisar a construção, compreender o contexto em que a obra foi construída, estabelecer comparações e interpretar seus múltiplos sentidos” (FERRARI, 2002, p. 115). A autora complementa que essas habilidades se desenvolvem gradualmente, e sua evolução depende de uma prática sistemática e da aquisição de conhecimentos sobre linguagens artísticas e sobre história da arte (FERRARI, 2002, p. 115).

As variadas formas de representar um edifício podem dar margem ao domínio de técnicas e habilidades de expressão nos mais diversos meios. Desde as criações plásticas como: fotografia, colagem, gravuras, modelagens, desenhos e pinturas. Aos recursos audiovisuais: textos, poesias e vídeos, músicas e representações corporais (HORTA, 1999, p. 37). Portanto, para que essas atividades sejam mais completas, o contato com a obra é essencial e por mais que se utilize da alta tecnologia, esta não substitui a riqueza da experiência de vivenciar o objeto real, nesse caso a igreja e seu acervo. “Quando se expõe os alunos a obras de arte no original, essas desafiam seu poder de observação e oferecem conhecimento que os habilitam para esforços criativos posteriores” (BARBOSA, 1997, *Apud* FERRARI, 2002, p. 115).

Para ter mais informações sobre a questão espacial do templo pelos professores e estudantes, levando em consideração que a igreja é dividida em cômodos ou em partes, perguntou-se se eles se sabiam os nomes e a função de cada um dos ambientes. Essa foi uma maneira de examinar como a forma e os espaços do prédio estão guardados nas memórias dos pesquisados.

Foi comum os entrevistados afirmarem que não sabiam os nomes exatos das partes do monumento e suas respectivas funções. Todavia alguns professores e alunos elaboraram uma descrição do edifício de acordo com as suas percepções e

vivências. A mais elucidativa das descrições dos educandos foi a que disse: “tem o lugar que as pessoas ficam para se confessar, tem o lugar do sino, tem uma capela bem pequeninha que fica o padre, tem onde também ficam os corpos de Cristo, tem um monte de parte lá, mas não sei o nome de nenhum deles”<sup>53</sup>.

Dentre as dos professores, a que descreve o edifício como: “a Igreja tem a nave central, o altar, e tem o local onde as famílias antigamente ficavam (...) é um palcozinho que tem do lado, o púlpito (...), tem também as partes laterais já próximo do palco, que me fogem à memória o nome agora”<sup>54</sup>. Como também a que enfatiza o imobiliário, as imagens sacras e outras informações:

Olha, o nome realmente, no momento (...), mas, tem uma sala especial onde é guardada as imagens do Senhor Morto, inclusive uma das imagens ela é da época da construção, que é um Cristo de barro cozido, bem antigo, ele quebrou alguma coisa, mas ainda mantém lá e tem o outro Cristo de madeira, essa sala é onde acontecem as confissões também. Tem um lugar especial que é onde tem a imagem da mãe de Maria, a mãe de Jesus, e os móveis que esse mesmo onde está o sacrário da mãe de Jesus ainda é da madeira do pau-brasil, a pintura é indígena, as pinturas são originais<sup>55</sup>.

Além dessas duas impressões, uma declaração do professor Gilvan Santana é interessante, por revelar que o simples fato de ser indagado sobre algo pode despertar a curiosidade. Ainda sobre a questão acima, a resposta dele foi a seguinte:

Especificamente não, pra falar a verdade; e a função, pra ser sincero nunca procurei, mas agora você me despertou curiosidade, nunca é tarde pra nada (risos) a gente morar no município ter um patrimônio histórico e não conhecer a realidade dele<sup>56</sup>.

A fala da professora Maria Luzia Alves corrobora a afirmação, quando diz: “passei minha infância, adolescência lá e nunca parei para olhar os detalhes, mas a partir desse momento, quando eu retornar a igreja vou ver com outros olhos”<sup>57</sup>. Por

<sup>53</sup> Entrevista concedida por Telma, em 21 de julho de 2011.

<sup>54</sup> Entrevista concedida por Tennyson Sales, em 02 de agosto de 2011.

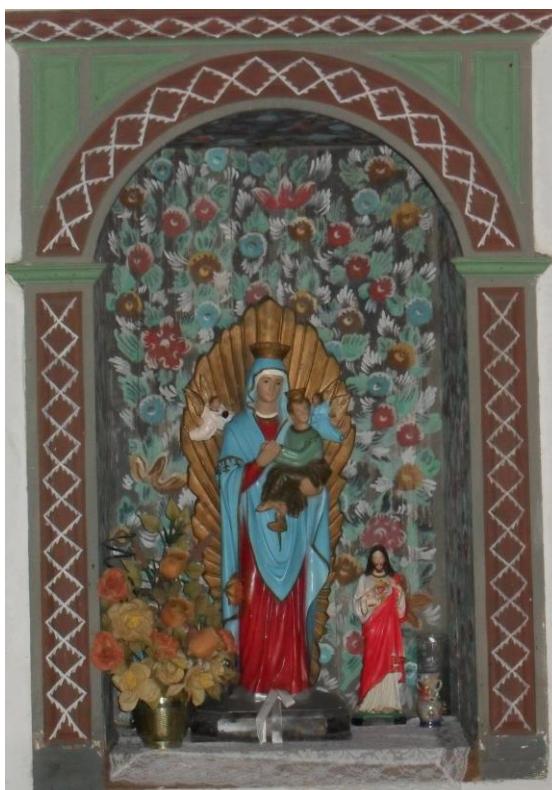
<sup>55</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima de Oliveira, em 13 de julho de 2011.

<sup>56</sup> Entrevista concedida por Gilvan dos Santos, em 21 de julho de 2011.

<sup>57</sup> Entrevista concedida por Maria Luzia Alves Lima, em 01 de julho de 2011.

isso, a educação para o patrimônio tem como um dos objetivos essenciais desenvolver a percepção visual e simbólica.

O interior do templo religioso possui dois pavimentos, o primeiro é composto por uma nave, a capela-mor, dois corredores laterais, a sacristia e a torre sineira. No segundo pavimento encontram-se o coro e o salão paroquial. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), a área construída da Igreja Nossa Senhora do Socorro é de 595,17 m<sup>2</sup>. Porém, o espaço ocupado é de 470,34 m<sup>2</sup>. Agregado a esse patrimônio material imóvel, está todo o seu acervo composto pelos bens integrados à arquitetura, como os altares, o púlpito, o lavabo, os nichos internos e o resplendor. Como também os bens isolados móveis: composto pelas imagens sacras e pelas peças mobiliárias, como as credências, o arca e os nichos.



**Figura 16:** Nicho interno da Sacristia.



**Figura 17:** Arca e nicho de Sant'Ana Mestra.

**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

### 3.3 Os Objetos em Perspectivas: Olhares Sobre o Patrimônio

Diante da diversidade de elementos e da riqueza artística da Igreja Nossa Senhora do Socorro, indagou-se aos participantes desse estudo qual objeto do monumento que mais chamava a atenção deles. Eles elencaram variados artefatos, alguns citaram os mesmos, só que a forma de descrever era diferente, condizente com o modo particular de ver e interpretar de cada um. Essa questão foi muito simples de ser respondida para alguns. Porém, para outros foi preciso que eles revisitassesem mentalmente o templo, assim como a questão acima da denominação dos espaços, para reencontrar qual era o elemento que lhe despertava maior atenção. Também houve uma aluna que disse não ter nenhum objeto em especial para ela no templo. A partir das perspectivas dos entrevistados, percorreremos o edifício enfocando os seus elementos artísticos e arquitetônicos.

O altar! “O altar é o que mais chama minha atenção, até por conta de entrada já vislumbra ele”. Segundo esta professora de história a função do altar, além do aspecto religioso e por se tratar do estilo barroco, serve para a exaltação da própria estética, da religiosidade, e ela concluiu dizendo que cultura e religião estão entrelaçados<sup>58</sup>.



**Figura 18:** Atlante sustentando a coluna do altar-mor.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

O conjunto de talha dourada concentra-se nos altares laterais, no arco do triunfo que dá entrada à capela-mor, e no altar-mor. Para o professor José Joilson

<sup>58</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana a autora em 21 de julho de 2011.

Oliveira, o que o impressiona é justamente como foram talhados esses altares<sup>59</sup>. Na capela-mor destaca-se o altar intensamente ornado, com colunas espiraladas ou salomônicas, que sustentam um arco. Estas colunas são apoiadas pelas figuras antropomórficas de pequenos atlantes, entre os ramos de folhas de acanto. Tanto os atlantes (Figura 18), como as folhas de acanto, foram utilizados como adornos pelos artistas da Antiguidade greco-romana. Nas decorações entalhadas destacam-se as formas de conchas e motivos fitomórficos: folhas, flores e frutos, distribuídos de forma simétrica sobre os altares. A concha, denominada em francês *rocaille*, foi diferentemente explorada pelos escultores e pintores da arte rococó francesa. No Brasil, esse elemento decorativo se vinculou à estética barroca.

O trono descortinado simbolicamente pelo dossel dourado, abriga a imagem de Nossa Senhora do Socorro. Cercada de ostentação, esta imagem prendeu atenção da aluna Telma “bem pequeninha, que fica em cima do altar”<sup>60</sup>, como também da professora Maria Luzia Alves, que apesar de lembrar de vários objetos, destacou a imagem da padroeira, que apresenta vestimenta ornada com motivos dourados e é envolvida por um manto azul e rosa. O manto azul da Virgem Maria simboliza o céu, as águas batismais, a devoção e a compaixão. A imagem carrega uma coroa sobre a cabeça, que alude à rainha celestial, e segura com o braço esquerdo o Menino Jesus, vestido de branco, que significa a pureza. O seu tamanho é de aproximadamente 65 cm de altura.

O trono, o sacrário dourado e a capela-mor são decorados com folhas de acanto. Nos nichos laterais do altar-mor estão colocadas as imagens dos fundadores da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola e São Francisco Xavier, esculpidos em madeira policromada, medindo aproximadamente 85 cm de altura. Os altares laterais seguem o plano ornamental do altar-mor. E o diferencial desse templo para a aluna Marina<sup>61</sup> é: “as coisas que é de cor de ouro”. A mesma acrescentou: “porque tem umas igrejas que só é pintura branca”. Para ela o coro, onde canta o coral, é um local especial. Ao refletir sobre a função de coroinha que essa criança ocupa nessa paróquia, é muito compreensível sua admiração pelo coro. No momento das missas ela tem uma visão privilegiada do coral, ao contrário dos fiéis que ficam na nave.

<sup>59</sup> Entrevista concedida por José Joilson de Jesus Oliveira a autora em 14 de julho de 2011.

<sup>60</sup> Entrevista concedida por Telma, em 21 de julho de 2011.

<sup>61</sup> Entrevista concedida por Marina, em 14 de julho de 2011.

O arco do triunfo que interliga os altares laterais e separa a capela-mor do espaço destinado aos fiéis, é trabalhado em talha com motivos florais policromados e dourados, e atraiu o olhar da menina Carla, de 10 anos, em especial os anjos. Sobre os quais ela se expressou: “os anjos que ficam na frente da igreja, acho tão bonito, ah! eu acho tão bonitos, tem muitos... o que fica no meio mesmo é diferente dos outros, cada um tem o seu ponto cultural, cada um tem sua beleza”<sup>62</sup>. São sete cabeças de anjos, que estão distribuídas simetricamente no arco cruzeiro. O número sete é simbólico para o cristianismo, como por exemplo: os sete sacramentos (o Batismo, a Eucaristia, a Confirmação, a Penitência, a Ordenação Sacerdotal e a Extrema-uncão); os sete pecados capitais (a avareza, a luxúria, a preguiça, a ira, a gula, a inveja e a soberba ou vaidade); as sete virtudes cristãs (a castidade, a generosidade, a temperança, a diligência, a paciência, a humildade e a caridade); as sete dores da Mãe Dolorosa, na profecia de Simeão (GIBSON, 2012, p. 183), representadas por um coração em chamas trespassado por sete espadas, uma das sete dores da Virgem Maria (as outras são a Fuga para o Egito, a perda do filho em Jerusalém, o encontro com Cristo carregando a cruz, estar ao pé da cruz, receber o corpo de Jesus na deposição, o sepultamento); ou ainda a Gênesis, na qual Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo.

Nos bens agregados à arquitetura observa-se que, no altar esquerdo temos: a imagem de São Longuinho, de Santo Antônio de Pádua e de São João Batista. No altar lateral direito encontramos: a imagem da Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito de Palermo e do Sagrado Coração de Jesus. Em um dos corredores laterais situa-se a alegoria cristã de Sant’Ana Mestra (Figura 19), inserida em um nicho que fica sobre o arcaz. (Figura 17) Todas as imagens foram esculpidas em madeira e policromadas. A imagem da anciã Santa Ana, de semblante sereno, tem sobre o colo um livro sobre o qual ensina a filha, a Virgem Maria menina representada ao seu lado. A alegoria simbólica dos ensinamentos divinos foi inúmeras vezes representadas na arte barroca, como também em outros períodos da história da arte, como aquela encontrada na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Buenos Aires, que data do final do século XIX ou início do XX. A imagem da Igreja de Tomar do Geru tem a altura de 75 cm e, encanta pela beleza e qualidade artística.

<sup>62</sup> Entrevista concedida por Carla, em 22 de junho de 2011.

Assim declarou a professora Maria de Fátima Macedo:

Exatamente a imagem da mãe de Maria que se fala muito de Maria, Maria, Maria, ela mostra a imagem de Ana, Sant'Ana, então, ela sempre me chamou a atenção desde criança, e você percebe que a imagem tem uma fisionomia diferente, é antiga, é desde que a igreja foi fundada, a imagem é linda, linda<sup>63</sup>.

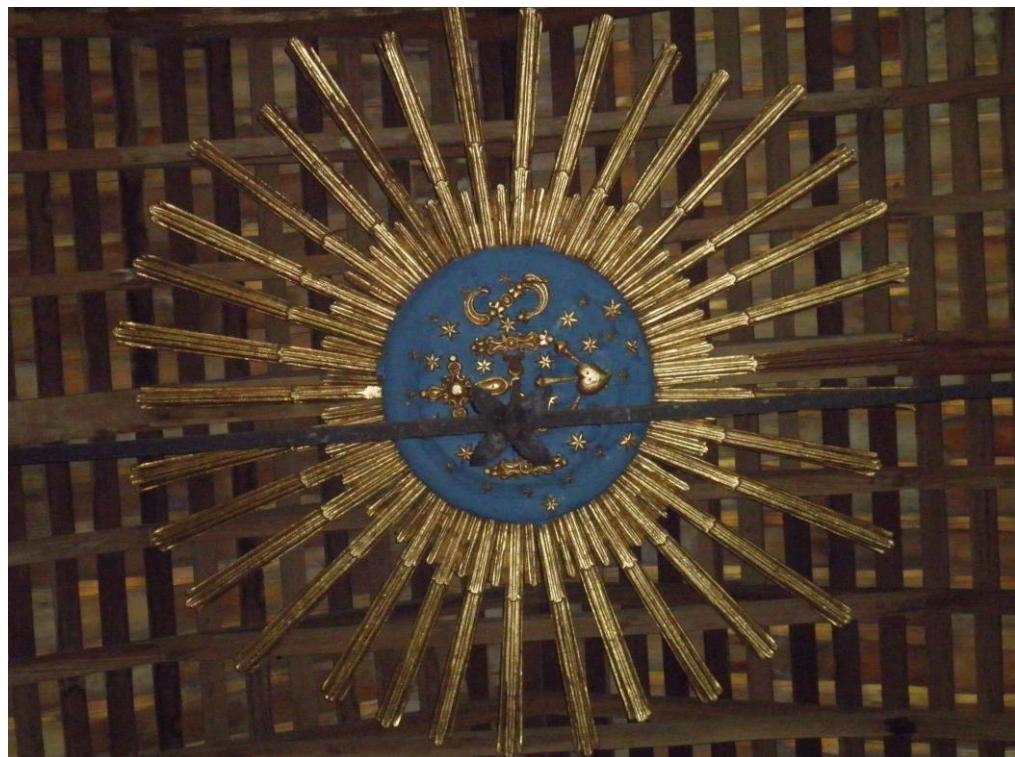
A vestimenta de Sant'Ana é uma túnica larga e manto, por ser mulher casada, traz a cabeça encoberta pelo manto. Ela também foi representada em pé, com o livro em uma das mãos, caminhando de mãos dadas com a Virgem Maria menina, representação mais comum no nordeste do Brasil e no sul de Portugal. Sant'Ana Mestra representada assentada é mais corriqueira em Minas Gerais e no norte de Portugal (IEPHA/MG, 1994). A imagem de Sant' Ana da Igreja do Geru está assentada, foi realizada no nordeste do Brasil.



**Figura 19:** Imagem de Sant'Ana Mestra.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

<sup>63</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima M. de Oliveira, em 13 de julho de 2011.

Em destaque no teto, na parte central da nave, se encontra o resplendor elaborado em talha dourada, no qual está inscrito o símbolo da Companhia de Jesus “JHS”, cujo significado é Jesus Homem Salvador. (Figura 20) Este elemento simbolicamente remete às bênçãos e às luzes da fé, proporcionadas aos crentes por meio da doutrina religiosa cristã. No alto do interior do templo, esse objeto atrai os olhares dos fiéis e observadores. Não é por acaso que esse foi o artefato mais citado entre os entrevistados, e por isso mesmo foi possível colocar diferentes maneiras de sua descrição através dos olhares dos entrevistados.



**Figura 20:** O Resplendor, no teto da nave da igreja de Geru.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

O estudante do 5º ano falou sobre o objeto que ele achava bonito e sempre fica olhando na igreja: “aquele que parece um ventilador”<sup>64</sup>. Já os docentes José Joilson Oliveira, Walfiania Fonseca e Antonieta Oliveira o denominaram de “sol”. O primeiro docente o definiu da seguinte forma: “O Sol, ele é como se tivesse sido o centro, é como se fosse o centro, alguma coisa grandiosa que fica no meio. Eu acredito que deva ter um significado, uma simbologia muito interessante. Falo do sol

<sup>64</sup> Entrevista concedida por Bruno a autora, em 22 de julho de 2011.

que fica no meio do teto”<sup>65</sup>. A segunda professora também expressou sua admiração pelo resplendor:

Aquele sol no teto, eu fico assim analisando porque aquele sol no teto e a pintura dele é tão minuciosa que eu ainda não consegui decifrar aquele desenho, porque acho que tudo tem um significado e eu ainda não sei o daqueles desenhos, é uma curiosidade minha, porque sempre que eu vou lá fico olhando pro teto só analisando<sup>66</sup>.

O resplendor, além de causar admiração e contemplação, também intriga e desperta a curiosidade em que o observa. Logo, as ideias acima refletem a significação e a representatividade no contexto local, sob os diferentes pontos de vista de alunos e professores.

Na lateral da nave há um púlpito de madeira, com dimensões aproximadamente de 1,20 cm de altura; 1,25 cm de comprimento e 82 cm de largura. (Figura 21) Era deste púlpito que os padres realizavam os sermões durante as missas. Este bem agregado à parede interna e lateral da Igreja Nossa Senhora do Socorro possui elementos decorativos da arte chinesa, e adereços dourados. As “chinesices”, como são chamados esses elementos pelos historiadores da arte (BARDI, 1976, p. 91), são comuns nas igrejas de Minas Gerais ou naquelas dos estados do Nordeste, e registram o intercâmbio de influências entre a arte ocidental e a oriental, decorrentes das trocas de especiarias e de objetos artísticos entre os continentes, através das navegações, nos períodos renascentista e barroco. Hoje em dia, por questões de segurança, o púlpito não recebe mais o padre para usar das palavras dirigidas aos fiéis.

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida por José Joilson de J. Oliveira, em 14 de julho de 2011.

<sup>66</sup> Entrevista concedida por Walfilania Fonseca de S. Araújo, em 22 de julho de 2011.



**Figura 21:** O Púlpito, na lateral da nave da igreja.



**Figura 22:** O Lavabo da Sacristia.

**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

Na Sacristia está o lavabo ou pia batismal, lavrado em pedra de calcário, com as dimensões de 1,65 cm de altura por 92 cm de largura, adornado com curvas, contracurvas e volutas, ornamentos típicos da arte barroca. No lavabo está gravada a data de 1740, provavelmente o ano de conclusão de alguma reforma ou, quando o elemento foi agregado à parede do templo (Figura 22). Nesse local há também dois nichos encravados nas paredes. Num deles está abrigada a imagem de São José, em madeira policromada.

É ainda na Sacristia, que fica atrás da capela-mor, onde estão expostas em caixas de vidro duas esculturas do Senhor Morto. Uma moldada em terracota, que está com as pernas fraturadas. E, provavelmente, essas fraturas são decorrentes da saída da imagem nas procissões da Semana Santa. Na última restauração, em 1991, foram colocados pinos ortopédicos veterinários, não oxidáveis, nos membros inferiores da imagem (Catálogo de Restauração, 1991). A aparência do Cristo morto, com a cabeça caída sobre os ombros, os olhos fechados, a expressão serena, as mechas de cabelos com as extremidades em volutas, os pés descalços e separados, tem uma resultante dramática que inspira a dor, a tristeza, a compaixão ou pesar no espírito do observador. O corpo da figura está envolvido na cintura por uma faixa branca, denominada perizônio, amarrada por um nó do próprio tecido, sobre o qual se debruça a mão direita da imagem.

A outra estátua de Cristo foi esculpida em madeira. A escultura também saia em procissões, ela possui articulações nos ombros, que possibilitam a colocação da escultura na cruz com os braços abertos. O que é mais uma peculiaridade da teatralidade da arte barroca, a encenação da crucificação ou do sepultamento do Senhor morto durante a Semana Santa, por meio da imagem articulada em diferentes posturas. A cenografia dramática, que deveria atormentar ou sensibilizar o espírito dos crentes, em relação ao Deus filho que se deixou flagelar e morrer tragicamente pela salvação dos homens. Este Cristo também está vestindo o perizônio, que está amarrado por uma corda, com os pés unidos, um sobre o outro. As mechas de cabelos caem sobre os ombros e, as mãos e os pés mostram os estigmas da crucificação. As duas obras se assemelham pela temática explorada e por terem sido representadas em tamanho natural. Esses objetos impressionam, e provocaram emoções aos entrevistados. Por isso, esse ambiente foi muito destacado, tanto pelos alunos como pelos docentes. Uma das descrições enfatizou: “uma sala especial onde é guardada as imagens do Senhor Morto”<sup>67</sup>.

A mobília do acervo da Igreja foi executada em madeira de jacarandá, segue a linha da decoração barroca dos altares: detalhes dourados, motivos fitomórficos e florais policromados. O arcaz (Figura 17), é um móvel cuja funcionalidade é guardar os paramentos sacerdotais, está localizado no corredor lateral esquerdo, com as dimensões de 1,15 cm de altura; 1,15 cm de largura e 2,80 cm de comprimento. O artefato pintado em branco e dourado reflete a influência do estilo rococó no barroco brasileiro, possui duas gavetas grandes e as portas são enfeitadas com motivos de flores campestres. Sobre ele está colocado o pequeno retábulo, que abriga a imagem de Sant’Ana Mestra. Esse retábulo foi executado em madeira policromada, tem 1,30 cm de altura e é rico em motivos florais campestres e detalhes dourados. Seu estado de conservação é regular, não permitindo movimentação.

---

<sup>67</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima Macedo a autora, em 13 de julho de 2011.



**Figura 23:** Uma das credências.  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

Na capela-mor há duas credências talhadas em madeira, com 85 cm de altura e 98 cm de largura, em bom estado de conservação. Este bem móvel se constitui de uma mesa utilizada para colocar as galhetas e outros aprestos da missa e ofício divinos (NUNES, 2008, p. 42). Em sintonia com o conjunto da talha dos altares, a peça também apresenta motivos fitomórficos dourados.

Atualmente, a Igreja de Nossa Senhora do Socorro está em pleno uso, é o lugar onde acontecem as principais cerimônias religiosas católicas do atual município de Tomar do Geru. Quanto à sua visitação, o horário não é fixo, pois faltam funcionários para manter o monumento aberto diariamente. Para a realização de visitas, o interessado vai à casa paroquial, que fica ao lado da igreja, e solicita a abertura do prédio. Caso não encontre alguém disponível ou com a chave para abrir o prédio, o visitante não entrará no templo. Outro problema é a falta de ventilação da nave no momento das atividades realizadas no espaço religioso. Outra questão degradante é a infestação de morcegos e de pequenos insetos, que estão danificando as talhas e comprometendo as imagens sacras.

Por fim, para passarmos para o próximo tópico no qual possibilitaremos melhor compreensão da realidade dos docentes, quanto à questão patrimonial da Igreja Nossa Senhora do Socorro, foi solicitado a esses profissionais que fizessem uma auto-avaliação sobre o seu conhecimento destes bens culturais. Em apanhado

geral das respostas às entrevistas, as avaliações resultantes variam entre o bom ao muito pouco conhecimento. Uma boa parte considerou seu conhecimento razoável ou regular, e há também classificações como: superficial, falta aprender muito, ler e estudar mais. As justificativas dos professores giram em torno de falta de material para pesquisa, e falta de interesse próprio. Porém, um docente disse que nos últimos dez anos têm aumentado o seu reconhecimento da igreja como patrimônio, e que tem um orgulho particular, pois ela é especial. O professor acrescentou que não é possível falar da história do município sem mencionar a igreja e toda a sua importância, como também toda a sua riqueza<sup>68</sup>.

Depois da apresentação da Igreja Nossa Senhora do Socorro sob os variados olhares que expressam as diferentes significações e representações do campo pesquisado, e desse breve apanhado sobre às auto-avaliações desse professorado, dá-se continuidade à análise deste patrimônio através das sinuosidades da educação escolar no ensino fundamental, em Tomar Geru.

### **3.4 Usos do Patrimônio da Igreja do Geru nas Escolas: Ressonâncias e Dissonâncias nas Vozes dos Entrevistados**

A ideia de que a igreja, por ser um bem tombado é consequentemente ‘intocável’, como disseram alguns dos entrevistados ao responderem sobre o significado do termo tombamento, pode ser o reflexo da interpretação transmitida para a sociedade do Decreto/Lei nº. 25/1937, e que encontra fundamentos, por exemplo, no seu artigo 17:

Art. 17. As coisas tombadas não poderão, em caso nenhum, ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia autorização especial do Serviço do Patrimônio Histórico e artístico Nacional, ser reparadas, pintadas ou restauradas, sob pena de multa por cinquenta por cento do dano causado (DECRETO/LEI nº 25/1937).

Dessa forma, é irrefutável que a política patrimonial dessa época tenha produzido a revalorização da cultura nacional e de estudos mais aprofundados que

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida por José Joilson de J. Oliveira, em 14 de julho de 2011.

são debatidos até hoje. Na pesquisa em questão, a noção de que o bem patrimonial é “nossa”, mas que nós não podemos tocar é frequente. Isso ainda é resultado da política de preservação patrimonial das décadas de 1930 e de 1940 e, se vislumbra na fala da professora Maria de Fátima: “A igreja, desde eu criança, que é daquele mesmo estilo, a cor é sempre a mesma, não muda”<sup>69</sup>, como também na declaração do professor Tennyson, quando conceituou o instrumento jurídico de tombamento:

Tombado é quando algo fica intocável, por exemplo, se ele é tombado pelo patrimônio histórico, pelo IPHAN, ele faz um mapeamento de tudo que tem lá e se algo for modificado eles vão lá, tem que restaurar e deixar da forma que era. Então, fica proibido, terminantemente, alterar, inclusive a cor, aquela cor verde, amarelo claro e branco (verde nas portas) ali já é uma característica do tombamento<sup>70</sup>.

Enquanto isso, uma das alunas do 9º ano da Escola Municipal Valdete Dórea informou que tombamento seria derrubar, destruir. Quando perguntada se a Igreja é tombada disse que não sabia. O entendimento dos entrevistados no geral é de que um bem tombado é um bem intocável. Ou seja, o bem é “nossa”, mas não podemos “tocar”, não temos nenhum poder de participação no processo das políticas de preservação daquele bem patrimonial, que é um fator de orgulho para determinados grupos sociais. Nesse sentido, Hugues de Varine (2012) concluiu em seu livro “As raízes do Futuro” que:

todo tombamento/classificação do patrimônio, mesmo justificado pela pesquisa, pela economia, pela administração, é “distorcido” porque coloca em primeiro lugar o princípio da conservação. (...) às vezes voltando a estado anterior supostamente autêntico. (...) Esse tipo de raciocínio contribui para retirar o patrimônio da vida (VARINE, 2012, p. 45).

Além dos usos do patrimônio para as questões religiosas, por enquanto, a participação da população geruense na Igreja Nossa Senhora do Socorro resume-se a conservar o prédio limpo e organizado, dentro das suas possibilidades. Ou seja, o envolvimento da população em geral, quanto às políticas preservacionistas do patrimônio, é limitado. Porém, em nenhum momento houve registro de qualquer ato

<sup>69</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima Oliveira Macedo, em 13 de julho de 2011.

<sup>70</sup> Entrevista concedida por Tennyson Silva Sales, em 02 de agosto de 2011.

de algum morador da região, de forma intencional, que colocasse em risco a integridade física do monumento. Por exemplo, atos de vandalismos como pichações e depredações. Logo, percebe-se que a população geruense dispensa sentimentos de respeito ao templo, pelo menos quanto a sua probidade física. Afinal, o patrimônio cultural não se encontra isolado do cotidiano dos grupos sociais da cidade.

E aí surgem certas questões: De quem é a responsabilidade pela preservação desse patrimônio? Como deve agir a comunidade para a preservação de um bem ‘intocável’, ou melhor, de um bem tombado? Estas perguntas suscitam longos debates. Mas, textualmente a Constituição Brasileira de 1988, no artigo 216, em seu § 1º expressa que:

O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação<sup>71</sup>.

Apenas a salvaguarda jurídica de um bem, ou um conjunto de bens, não contempla na totalidade a ação preservacionista, é preciso que os atores sociais estejam dispostos e capazes de agirem como interlocutores do patrimônio (FONSECA, 2005, p. 43).

Ademais, conforme determinação do art. 1º do referido decreto, a preservação e a conservação dos bens deve ser de *interesse público* pode ser confundido com o *interesse do administrador público* ou de uma *ideologia por detrás do mesmo*, e, consequentemente, o quanto se torna importante a evolução do direito no sentido de hoje reconhecer a existência dos interesses difusos, que recaem sobre os bens de certa coletividade, determinada ou indeterminável, garantindo sua preservação, independentemente de estarem no patrimônio privado ou sob tutela do patrimônio público (REISEWITZ, 2004, pp. 92-93).

Assim, ao perguntar aos entrevistados quem são os responsáveis pela preservação da Igreja Nossa Senhora do Socorro, enquanto patrimônio cultural, os mesmos apontaram para a instituição da igreja católica, o poder público, inclusive o municipal e, em última instância, a comunidade. Isso é perceptível na forma como

---

<sup>71</sup> Artigo 216, parágrafo 1º da Constituição Federal de 1988.

elas, alunos e professores, expressaram em suas respostas e na ordem em que os responsáveis são citados neste texto. Alguns nem mencionaram a comunidade. Outros responderam: “de todos nós, não só dos padres”<sup>72</sup>. Ou ainda: “os padres, as pessoas e o Instituto Federal”<sup>73</sup>. Já a professora Luciana alegou que: “o ideal é a própria comunidade, mas como a comunidade não tem esse conhecimento, acredito que os órgãos de competência municipais primeiramente, e estaduais”<sup>74</sup>.

Nesses dados transparece que, na perspectiva local, compete à instituição igreja e ao poder público a ação de preservar o patrimônio da localidade. E o que compete à população? Para o senso comum, se uma telha sair do lugar, nenhum morador poderá recolocá-la, primeiro é necessário comunicar a “uma pessoa lá em Aracaju”, solicitando a autorização de fazê-lo. Ou esperar que alguma pessoa habilitada venha à Tomar de Geru e resolva a situação. Esse simples exemplo demonstra o entendimento que a grande maioria da população geruense possui, por ter um bem cultural tombado: a igreja é nossa, é para nosso uso, mas não podemos “tocá-la”. Isso não implica em dizer que esse objeto cultural não seja valoroso para os grupos sociais do município. Segundo Hugues de Varine (2012), “o patrimônio, independente de sua antiguidade ou do seu valor histórico ou artístico, só vale pelo uso que dele pode fazer”, ou seja, pela utilização social (VARINE, 2012, pp. 24-25).

A preservação da igreja, segundo a compreensão dos pesquisados, circunscreve no geral, a integridade física do bem patrimonial. Se o templo está limpo e se a pintura está em boas condições. Pois, quando são indagados se ela está sendo bem cuidada, a maioria deles afirma que sim, e ressaltam essas questões. Poucos relatam os problemas que necessitam de um olhar mais atento, como a professora Maria Luzia: “acho que deveria ser mais cuidado. Eu percebi que lá tem muito morcego, (...) tava tudo cagado, aí a moça disse que é uma trabalheira terrível de limpar, pois tem que ter o maior cuidado por causa da pintura (...)”<sup>75</sup> Como é o caso do nicho onde está inserida a imagem de Santo Inácio de Loyola.

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida por Sinézia, em 21 de julho de 2011.

<sup>73</sup> Entrevista concedida por Bruno, em 22 de julho de 2011.

<sup>74</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana da Silva, em 21 de julho/2011.

<sup>75</sup> Entrevista concedida por Maria Luzia Alves Lima, em 10 de julho/2011.



**Figura 24:** Detalhe da imagem de São Inácio de Loyola<sup>76</sup>  
**Fonte:** Acervo Maria Socorro Soares, 2011.

Como também salientou o professor Gilvan:

Eu creio que na parte que envolve aquela questão daquelas películas ali de ouro, tava na hora de haver uma restauração, porque assim, eu ainda cheguei a visitá-la, a reforma dela não tenho lembrança mais ou menos de quando, tá na casa de uns vinte anos, disso pra lá, a última foi por aí, tenho lembrança porque tenho 38 anos e já morava aqui há muito tempo, e a diferença de um período pra outro é muito grande, vai se deteriorando, vai perdendo o brilho, muitas madeiras já precisam ser restauradas, trocadas.<sup>77</sup>

Como sabemos, o aparato jurídico e a integridade física têm seus efeitos positivos, mas a preservação patrimonial vai para além disso:

Igualmente importante para a preservação do patrimônio cultural é o reconhecimento do direito à memória, porque ela é responsável por nossa sobrevivência. A memória reflete o vivido. Só existiu aquilo que foi por ela guardado. Preservar o patrimônio cultural é, portanto, uma forma de deixar nosso registro, garantir que existimos e proporcionar às futuras gerações um encontro com sua própria história (REISEWITZ, 2004, p. 102).

<sup>76</sup> A imagem de São Inácio de Loyola está no nicho lateral direito do altar mor, executada em madeira policromada e medindo 85 cm de altura, está representada com os paramentos sacerdotais, a capa negra e a faixa da Sociedade de Jesus, carrega em uma das mãos o Livro da Regra dos Jesuítas.

<sup>77</sup> Entrevista concedida por Gilvan S. dos Santos, em 21 de julho de 2011.

Preservar também é socializar os conhecimentos sobre a realidade cultural, não querendo creditar a educação como a única responsável por essa tarefa, mas demonstrar que o papel da educação é eficaz para o processo de democratização dos saberes e, consequentemente, para a preservação patrimonial. Utilizar a própria realidade cultural do município potencializa as atividades pedagógicas, pois para a maioria dos alunos no Brasil, o estudo de história necessita de utilidade ou sentido. Quanto à importância do interesse da escola pela história local, a professora Luciana falou:

É uma importância de grande valor, por que se a escola não se preocupar com a história local, quem vai se preocupar? Se nós educadores percebemos que a comunidade é carente dessa identidade, porque jamais alguém vai se identificar com algo que não conhece. Então, o grande papel da escola é dar esse conhecimento ao aluno, porque o aluno também vai ser o intermediário para levar esse conhecimento para a sua comunidade, ele vai ser um articulador dessa identidade através desse conhecimento que ele vai estar adquirindo dentro do espaço escolar. Acredito que o papel do professor é esse, dar o conhecimento, e o aluno vai transmitir o conhecimento para a sua comunidade. A partir daí, claro que isso não é a única ação que é possível pra desenvolver a identidade, mas é um pontapé inicial e, a partir dessa ação da escola, a própria comunidade vai desenvolver essa iniciativa da sua identidade, associada às atividades culturais que o município possa vir a desenvolver<sup>78</sup>.

A professora chamou a atenção para a carência de conhecimento que implica na questão identitária. Outro aspecto interessante que ela destacou, é que o aluno também irá transmitir o conhecimento adquirido na escola para a comunidade, e será “um articulador dessa identidade”. Articular, segundo o Dicionário Aurélio, significa unir, pronunciar com clareza e distinção. Assim, poderia ser que o docente promovesse a união dos caracteres idêntitários culturais, através do pronunciamento do seu conhecimento. Em tese, é isso. Mas não podemos olvidar que o processo de identidade cultural é mais complexo e dinâmico.

Quanto à função dos estudantes nessa tarefa, foi registrado por Varine que: “não se pode negligenciar o efeito que a mobilização das crianças pode ter sobre seus pais”. E o autor ainda complementou que, essa mobilização pode inclusive resolver o problema da visão confusa do que é patrimônio na perspectiva dos pais

---

<sup>78</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana da Silva, em 21 de julho de 2011.

dos educandos (VARINE, 2012, p. 58). Ainda quanto ao interesse da escola pela história local, o professor José Joilson Oliveira colocou que:

meio que invisível essa questão, muitos educadores ainda estão acostumados de trabalhar muito com o macro do que com o micro, talvez eles conheçam mais o macro do que o micro, (...) porque talvez eles por estudarem, ter algo onde pesquisar sobre aquilo que é mais amplo, eles saibam mais do que a história do próprio local onde ele está situado, por não ter nada escrito sobre ou ele mesmo ter procurado saber oralmente como se construiu aquilo, como foi<sup>79</sup>.

Os resquícios da elaboração historiográfica eurocêntrica permeiam o espaço do conhecimento histórico escolar, e atualmente é percebido em vários aspectos (BARBOSA, 2006, p. 4). Com relação predominância da história geral sobre a história local nos currículos de história, isso é visível e é reflexo nos nossos currículos na academia, na adoção dos livros didáticos como única fonte de conhecimento, entre outras questões. Com isso, o aluno passa a entender que o ensino da história é o ensino de fatos isolados e apreendidos na memória, “decorados”, e não comprehende esse ensino como processo de relação entre o micro e o macro, ou com o geral e o particular. Afinal, o que significa conhecer ou até mesmo ouvir falar dos grandes monumentos considerados como patrimônio da humanidade, e não ser capaz de relacionar os conhecimentos adquiridos aos elementos culturais da realidade a qual estamos imersos?

Para o senso comum, dar aula de história é muito fácil e simples. Entretanto, o ensino de história se vale de várias questões ideológicas e teóricas, que atuam em cada momento da aula de história. O discurso do professor não é neutro, ele responde, se opondo ou não, às colocações situadas no tempo e no espaço. E o aluno se transforma em mero espectador dos fatos, passivo intelectualmente, e não aprende caminhos que levem à busca e à construção de novos conhecimentos, utilizando inclusive a realidade sociocultural na qual está imerso, a sua história local. A professora Maria Antonieta, do 5º ano, discorreu sobre a situação do interesse da escola pela história local:

Se interessa, mas (como falei atrás) deveria se interessar mais, buscar mais. Muitas das vezes a gente tem coisas muito fáceis de

---

<sup>79</sup> Entrevista concedida por José Joilson de J. Oliveira, em 14 de julho de 2011.

trabalhar e fica atrás de recursos, recursos financeiros, recursos que viriam da secretaria de educação. (...) Muitas das vezes o que vejo aqui, até partindo de professores em reunião, é que fica assim querendo esperar pela secretaria de educação. E o professor não, o professor tem que ir em busca, não ficar esperando só chegar de lá. Ah! Porque precisa de um carro de som pra divulgar! Não vamos a pé, vamos fazer panfleto divulgar pouco a pouco sem tá com tanta...<sup>80</sup>

Enquanto isso, o diretor da Escola Municipal Albano Franco comentou:

A gente está sempre trabalhando isso, inclusive no ano passado teve um projeto com isso aí, (...) não só a questão cultural do patrimônio da igreja, mas também com outras culturas aqui do município, a história do município, já foi trabalhado isso. Por exemplo, como surgiu o município, onde era pra ser, a verdadeira origem, porque a gente ouve só falar no patrimônio Igreja, mas Geru como um todo. Esse trabalho foi interdisciplinar, ele envolveu outras disciplinas, cada um especificamente? (muito barulho nesse momento)] Foi até proposto pela secretaria (de educação municipal), acho que não foi só aqui, foi em muitas escolas na época do aniversário da cidade. Geralmente, a história local é mais trabalhada no período de outubro a novembro<sup>81</sup>.

É recorrente entre os professores e os alunos, que a escola trata a história local, principalmente nas datas comemorativas, de setembro a novembro. Ou seja, começa a partir da comemoração da Independência do Brasil (07/09), Festa de Nossa Senhora do Socorro (08/09 - Padroeira da cidade), e o dia da emancipação política de Tomar do Geru (25/11). Essas datas comemoradas nas escolas expressam identidades, culturas, costumes, histórias e memórias reconstruídas, reelaboradas de acordo com as exigências da época. Elas também constituem momentos interdisciplinares de conhecimentos e, um campo riquíssimo para o desenvolvimento de aprendizagens. Porém, não podemos utilizar somente estes momentos comemorativos para a abordagem da história ou da cultura local. Mas, devemos refletir sobre as razões e as implicações sociais de tais situações no cotidiano das escolas. Afinal, os bens patrimoniais são temas presentes no dia a dia da comunidade.

Segundo Ferro, o relacionamento dos alunos com a história se dá por meio da descoberta do mundo:

---

<sup>80</sup> Em entrevista concedida por Antonieta O. Reis Santiago, em 22 de julho de 2011.

<sup>81</sup> Em entrevista concedida por Gilvan Santana, em 21 de julho de 2012.

Não nos enganemos com a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à história que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, ideias fugazes ou duradouras, como um amor... mas permanecem indeléveis as nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções (FERRO, 1983, p. 11. *Apud* BARBOSA, 2006, p. 63)

Geralmente, o malogro do ensino de história não advém exclusivamente da falta de domínio do conteúdo pelos professores, mas também pelo desenvolvimento de práticas atreladas ao enfoque conservador e positivista. Foi pensando nisso que, algumas perguntas foram feitas aos entrevistados, visando diagnosticar até que ponto as informações tidas como isoladas estavam presentes na memória dos professores e dos alunos. Como por exemplo: Em que época a Igreja Nossa Senhora foi construída? Por quem? Qual seu estilo de arte? Ela é exemplo de patrimônio cultural? É tombada? As prováveis respostas para essas questões são corriqueiras na tradição oral da cidade. Porém, nas entrevistas, principalmente com os alunos, a maioria deles não sabia articular as respostas. E os professores, em sua maior parte, tinham as respostas. Alguns entrevistados acrescentavam o motivo pelo qual a igreja foi construída naquele local, e para essa resposta recorriam às lendas<sup>82</sup>.

Para Hugues de Varine (2012), a escola desempenha um papel central na questão patrimonial, dado que:

Contribui para a educação do olhar, para a interpretação dos signos que denotam o patrimônio, para a consideração em perspectiva histórica de cada componente da paisagem, da construção, a religar cultura oral e cultura escrita, a valorizar os saberes dos antigos, etc. Infelizmente, os professores são, raras vezes, preparados para apresentar outra coisa além dos conhecimentos literários, artísticos ou científicos, e uma medida é iniciá-los a outro olhar sobre o patrimônio." (VARINE, 2012, p. 143).

<sup>82</sup> As lendas explicam que a construção da Igreja Nossa Senhora do Socorro naquele local deveu-se a um episódio ocorrido durante a sua construção. Segundo os mitos, os moradores da aldeia do Geru escolheram o atual povoado Tabuleiro para a construção da igreja. Assim, levaram a imagem de Nossa Senhora do pé de Gravatá para lá. Mas, quando o dia amanhecia, a imagem estava de volta no pé de Gravatá. Isso aconteceu por vários dias consecutivos. Daí os padres decidiram construir a igreja no local escolhido pela imagem de Nossa Senhora do Socorro, no pé de gravatá, onde permanece até hoje.

Após saber qual a importância do interesse da escola pela história local, e consequentemente, do papel dos entrevistados para a questão da preservação patrimonial. Nossa indagação seguinte foi: qual a preocupação e a participação da escola com relação à preservação patrimonial da igreja em questão? A pergunta foi feita diretamente sobre a escola de cada um dos entrevistados<sup>83</sup>. Alunos e alunas do 5º ano declararam: “se preocupa, porque em todas as séries que estudei as professoras falam da cultura daqui do Geru, inclusive da igreja, (...)”<sup>84</sup>, e ainda: “se preocupa, a minha professora passa as lendas e explica uma por uma (...)”<sup>85</sup>. Já para os estudantes do 9º ano essa questão é pouco vista, ensinada ou debatida. Segundo eles: “não, vejo muito pouco, [?] algumas professoras comentam e só”<sup>86</sup>. Outros responderam: “Pra eu ouvi não, estudo aqui desde a 5ª série, e nunca foi falado não”<sup>87</sup>. Outra estudante afirmou:

“Faz um pouco, mas não muito, e nem todos sabem que a igreja é um patrimônio histórico, porque fala todo mundo de valores éticos, valores..., essas coisas de religião que tem na Terra, agora falar especialmente sobre a igreja daqui não muito.”<sup>88</sup>

Na visão dos professores, obviamente essa questão toma mais amplitude e são abordados outros aspectos, principalmente o religioso. Oferecer a disciplina de Ensino Religioso nas escolas não significa, necessariamente, afirmar que a abordagem preservacionista e de valorização do patrimônio da Igreja de Nossa Senhora do Socorro seja contemplada, por mais que seja um bem patrimonial religioso. Ou que a despreocupação e a infrequência ou participação na referida Igreja, enquanto bem cultural, deve-se às diversas religiões dos educadores e educandos. Essas alegações dadas por alguns professores que atualmente exercem funções diretivas, não se constituem por si justificativas plausíveis. Uma vez que: “não é porque é de outra religião que não pode preservar outra (igreja) (...), respeito. Não é por que eu sou de outra religião diferente que não vou respeitar”<sup>89</sup>. Esse

<sup>83</sup> Exceto a professora e o professor que ocupam função administrativa, na Secretaria de Educação, nesses casos seria necessário uma análise mais geral das escolas do município.

<sup>84</sup> Em entrevista concedida por Carla, em 22 de julho de 2011.

<sup>85</sup> Entrevista concedida por Luana, em 22 de julho de 2011.

<sup>86</sup> Em entrevista concedida por Maria Eduarda, em 14 de julho de 2011.

<sup>87</sup> Em entrevista concedida por Sinézia, em 21 de julho de 2011.

<sup>88</sup> Em entrevista concedida por Marina, em 14 de julho de 2011.

<sup>89</sup> Entrevista concedida por Carla, em 22 de julho de 2011.

comentário reflete o pensamento de uma criança de apenas 10 anos. Talvez por ela frequentar uma igreja evangélica com a avó, e também a igreja católica com a mãe.

Para a professora de história Luciana:

A participação da escola se dá em visitas técnicas, conversas, não apenas de fazer menção a igreja, mas de fazer visita, pedir que o aluno se comporte, que veja ali como exemplo material da nossa cultura, que ele analise os detalhes, que ele não entre só por entrar, mas que comece a disciplinar o seu olhar pra que aqueles elementos, aquelas características são elementos do estilo barroco, são elementos que fazem menção à nossa história. Então, a escola tem a preocupação, principalmente. Eu enquanto educadora de história, que o aluno passe a ter essa identidade a partir dessa visita. Que seja com acompanhamento de um professor ou em outro momento que ele vá por livre e espontânea vontade.<sup>90</sup>

Para o educador de Artes, essa “preocupação da escola é quase inexistente”<sup>91</sup>. A docente que atua no 5º ano da Escola do Valdete, falou que a esta “participa, mas deveria mais, (...) professores também devem se interessar mais”<sup>92</sup>. E a professora, que no momento dirige a Escola Antônio Aguiar Velames declarou que:

Acho que nenhuma escola na verdade está envolvida na questão da preservação da igreja, na questão de conhecer melhor, pela questão cultural mesmo. Que não foi criado isso. Ninguém nunca estudou na verdade a questão do patrimônio, principalmente o patrimônio que a gente tem. Então, é uma questão cultural, trabalha superficialmente no período da festa de Nossa Senhora, no aniversário da cidade. Aí começam a trabalhar o que a cidade tem, e aí entra a questão religiosa, a questão da igreja, mas não é um trabalho diretamente pra trabalhar a questão patrimonial, a questão da igreja, nada disso é feito. Não está no currículo, não faz parte. Não está independente das datas comemorativas, não tá, se refere à igreja nas datas, exatamente. (...) Mas não que tá no currículo e deve ser trabalhado o patrimônio cultural de Tomar do Geru, em nenhuma série. Trabalham nesse momento (datas comemorativas), em todas as turmas e todos os professores, todo ano a mesma coisa, trabalham, vão visitar a igreja. Mas, não vão com aquela curiosidade de trabalhar detalhes, uma visita normal, não é uma visita de campo aprofundada, de você chegar lá e nós vamos observar dessa maneira, certos detalhes e tudo que a igreja tem, não é.<sup>93</sup>

<sup>90</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana, em 21 de julho de 2011.

<sup>91</sup> Entrevista concedida por Tennyson, em 02 de agosto de 2011.

<sup>92</sup> Entrevista concedida por Maria Antonieta O. Reis Aguiar, em 22 de julho/2011.

<sup>93</sup> Entrevista concedida por Maria Luzia, em 10 de julho de 2012.

Sabe-se que não é apenas o município de Tomar do Geru que enfrenta, ou deve enfrentar esse desafio em sensibilizar as pessoas para a valorização dos seus bens culturais. As escolas geruenses não vivenciam esse caso isoladamente, pelo contrário, a questão patrimonial tomou proporção universal, inúmeros grupos sociais passam por situações semelhantes. O diferencial está nas respostas dadas para essa realidade. As decisões e soluções ou não. Essas últimas questões sim são extremamente particulares.

Diante das informações obtidas dos professores, surgiu a seguinte indagação: O que pode ser feito para melhorar tal situação? A atual Secretaria de Educação alegou que precisa melhorar: “porque a gente vê falar poucas visitas na igreja do pessoal de Geru, da educação mesmo, pra ir lá visitar a igreja, fazer pesquisa, vejo falar pouco”<sup>94</sup>. Segundo alguns docentes, a inclusão dessa temática na grade curricular seria de fundamental importância, posto que:

Encontros pedagógicos, repensar a proposta da grade, do currículo, colocar algo a mais e interdisciplinarmente (...), fazer algo que culminasse nesse estudo mais organizado dessa igreja, da arquitetura da igreja e aí poderia ser mais conhecida, e talvez despertasse mais interesse do gestor.<sup>95</sup>

O coordenador geral pedagógico da Secretaria Municipal de Educação alegou que este caso pode ser revertido, desde que todos os docentes coloquem “no currículo das suas disciplinas, a igreja como parte de estudo e pesquisa”<sup>96</sup>. Uma sugestão dos PCNs é a ampliação da visão de conteúdos das disciplinas, para além dos conceitos e, implantando procedimentos, atitudes e valores, como conhecimentos tão significantes quanto aos conteúdos abordados tradicionalmente<sup>97</sup>.

Pela ótica dos alunos, essa situação pode e deve ser melhorada. “Deveria levar a gente mais porque muitas pessoas só vão a igreja na festa de setembro”<sup>98</sup>. Visto que é nesse período que começa a se intensificar o estudo sobre a história local nas escolas do município. Em setembro acontece a Festa da Padroeira da

<sup>94</sup> Entrevista concedida por Veralúcia Pires de Carvalho, em 04 de agosto de 2011.

<sup>95</sup> Entrevista concedida por Tennyson, em 02 de agosto de 2011.

<sup>96</sup> Entrevista concedida por José Joilson de Jesus Oliveira, em 14 de julho de 2011.

<sup>97</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2012.

<sup>98</sup> Entrevista concedida por Telma, em 21 de julho de 2011.

cidade, e dentro dessa comemoração é realizada uma Novena em homenagem aos estudantes. A noite dos estudantes, como é denominada a cerimônia, faz parte do novenário que antecede a data de oito de setembro, dia de Nossa Senhora do Socorro. Nessa noite, as escolas se empenham em fazer presentes os seus alunos na igreja, para a celebração da missa em sua homenagem como parte das atividades escolares. Inclusive, na maioria das escolas urbanas, as aulas são suspensas nesse dia, principalmente nos turnos noturnos para os estudantes irem à igreja<sup>99</sup>. O comentário da última aluna citada está em consonância com o que os professores apontaram em suas entrevistas a questão das datas comemorativas já referidas nesse texto.

Os professores citaram exemplos de atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas envolvendo a igreja na grade curricular: a leitura, a produção de textos, a realização de problemas matemáticos, as variadas atividades artísticas, como produção de desenhos, maquetes, dramatizações que enfoquem os antigos indígenas que habitavam originalmente a localidade, ou a colonização efetuada pelos Jesuítas. Além disso, o coordenador geral pedagógico explanou:

A riqueza maior está nas disciplinas de história e artes, mas as outras disciplinas poderiam muito bem aproveitar: na geografia aproveitar para estudar a localidade geográfica, onde está localizada a igreja; na matemática é muito rico, porque quando se trabalha com artes se trabalha muito com geometria, com ângulos, enfim; e as outras disciplinas, a língua portuguesa nem se fala, é riquíssima, tem muita coisa pra trabalhar, quando se fala de produção pode-se muito bem produzir a partir, ou criar mesmo a partir de textos.<sup>100</sup>

A questão patrimonial apresenta uma multiplicidade de signos que nos permite olhá-la pelo viés da interdisciplinaridade. Como já mencionado no capítulo anterior, é preciso superar a fragmentação e a desarticulação dos conhecimentos nos ambientes escolares. Na medida em que citaram as possibilidades de se abordar o patrimônio da igreja em sala de aula, os docentes foram questionados sobre os empecilhos que enfrentam ou enfrentariam para pôr em prática os exemplos citados acima. O interessante é que não foi colocado nenhum obstáculo

<sup>99</sup> Esse empenho em mobilizar os estudantes para se fazerem presentes nessa missa, pode ser um reflexo do direcionamento da disciplina de Ensino Religioso, que durante anos dava mais ênfase à religião católica. A disciplina atualmente tenta pluralizar as religiões e temáticas abordadas, porém isso ainda segue a passos lentos.

<sup>100</sup> Entrevista concedida por José Joilson de Jesus Oliveira, 14 de julho de 2011.

de ordem prática ou estrutural, como: a falta de material didático ou a falta de transporte para os alunos das escolas mais afastadas da igreja. Eles responderam que, tanto as escolas quanto a secretaria de educação os apoiam sempre que precisam ou precisaram. Logo, para o coordenador geral pedagógico:

Eu acredito, como coordenador pedagógico, que a minha função é incentivar os professores, educadores, que trabalhem e elaborem projetos, trabalhos interdisciplinares. Então, quanto a isso não há empecilho. Como professor, talvez seja a colaboração dos demais colegas de trabalho ou da direção da escola, que talvez ache que a gente precise estar o tempo inteiro na sala de aula dando conteúdo. Enfim, essas coisas. Acho que não tem muito respaldo na administração da escola, acho justamente por uma questão cultural mesmo, porque se já estivesse incutido na cultura do geruense<sup>101</sup>.

Para a diretora da escola Municipal Valdete Dórea, não há empecilho. Tudo vai depender de cada docente desenvolver essas atividades<sup>102</sup>. A professora das disciplinas de História e de Sociedade e Cultura, Luciana Santana, acredita que o maior obstáculo seja:

A questão da literatura, porque por mais boa vontade que eu tenha enquanto professora, em levar o aluno pra visitar e fazer uma atividade. Mas eu tenho que ter uma bagagem de conhecimento, que venha fomentar a minha explanação pra turma, o meu conhecimento pra que eu possa passar. Então se eu tivesse uma literatura mais consistente, eu estaria passando essas informações para as turmas<sup>103</sup>.

Na perspectiva do professor de Artes, a falta de vontade é o principal obstáculo para que não sejam desenvolvidas atividades didáticas e pedagógicas com a Igreja Nossa Senhora do Socorro. Ele complementou que isso não afeta somente os professores, mas também a equipe diretiva e pedagógica da escola. Segundo ele, os docentes têm que ter um norte, alguém que tome a iniciativa<sup>104</sup>. Para averiguar melhor como o patrimônio da igreja está sendo trabalhado nessas escolas, perguntou-se a cada professor se já utilizaram o templo como um recurso didático em sua prática pedagógica. Algumas respostas foram negativas e outras

<sup>101</sup> Ibidem.

<sup>102</sup> Entrevista concedida por Walfilania F. de Souza Araújo, em 22 de julho de 2011.

<sup>103</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana da Silva, em 21 de julho de 2011.

<sup>104</sup> Entrevista concedida por Tennyson, em 02 de agosto de 2011.

positivas. O professor de Artes arguido se referiu tanto às visitações ao templo, quanto aos trabalhos artísticos (maquetes, desenhos...), as lendas que envolvem a igreja, cartões-postais envolvendo as línguas portuguesa e inglesa<sup>105</sup>. Uma das professoras afirmou já ter utilizado o templo como recurso didático. Esclareceu que foi “uma coisa superficial, não aprofundada, sem planejamento”<sup>106</sup>. Segundo os professores, essas atividades foram realizadas isoladamente. Apenas em alguns casos, quando se tratava de um projeto da escola ou da secretaria de educação, e que o trabalho era interdisciplinar, em especial nos momentos das datas comemorativas.

Para Horta (1999), os objetos patrimoniais são recursos educacionais relevantes, pois permitem o aprendizado de habilidades e temas que serão importantes para a vida dos estudantes, além de ultrapassarem os limites de cada disciplina (HORTA, 1999, p. 36). Os procedimentos didático-pedagógicos e a utilização da realidade no ambiente escolar desenvolvem nas pessoas as capacidades de investigação e, de variadas leituras do patrimônio. Mas, para isso é necessário traçar metas e objetivos a serem alcançados com a ação educativa. Assim propõe a Educação Patrimonial.

Como já mencionado, em 2006 foi desenvolvido um projeto com a metodologia da Educação Patrimonial, mas essa ação se desenvolveu especificamente com uma turma de 8<sup>a</sup> série e seus respectivos professores. Apesar de ter acontecido nessa ocasião um seminário<sup>107</sup> para todos os professores da rede municipal, a temática da Educação Patrimonial é ainda desconhecida para o professor de Artes e a secretaria de educação. Para os demais docentes pesquisados, que afirmaram já ter ouvido falar em Educação Patrimonial, esta disciplina é entendida de forma generalizada, como uma educação direcionada para a valorização, preservação e o respeito aos patrimônios culturais, materiais e imateriais da localidade. A professora Maria Raimunda disse que Educação Patrimonial é: “você saber preservar aquilo que lhe pertence, no caso do município, não só a igreja, mas os materiais, a própria escola, preservar o ambiente da cidade,

<sup>105</sup> Essa atividade desenvolvida pelo professor José Joilson de J. Oliveira foi parte do meu projeto monográfico, realizado em 2006.

<sup>106</sup> Entrevista concedida por Maria Luzia Alves Lima, em 01 de julho de 2011.

<sup>107</sup> O Seminário ‘Geru: Arte e História’, abordou a história do Geru, os índios Kiriri, os Jesuítas, a arquitetura jesuítica e a educação patrimonial.

não jogar lixo, não destruir os bancos (da praça)"<sup>108</sup>. Uma docente considerou como disciplina à parte, específica para falar do patrimônio<sup>109</sup>. Outro já ouviu falar sobre Educação Patrimonial, mas não sabia dizer o seu significado.

Embora a metodologia não seja totalmente desconhecida para os professores, para os alunos a situação é inversa. A grande maioria dos educandos entrevistados nunca ouviu falar nos termos Educação Patrimonial, dois que já ouviram não souberam dizer do que se trata. Isso nos remete a questão já debatida nesse texto, que nem sempre o fracasso do ensino escolar se dá por falta de domínio dos conteúdos, mas pela forma conservadora como são desenvolvidas as práticas pedagógicas.

Quanto aos educadores que confirmaram ter tido contato com a Educação Patrimonial, foi perguntado a eles se já desenvolveram ou participaram de alguma atividade que envolvesse tal metodologia. Uns disseram que não desenvolveram e nem participaram, uma vivenciou tal metodologia durante a faculdade no curso de História. A professora Antonieta Oliveira declarou, em vários momentos, que utilizou a igreja como recurso didático e disse que: "pode ser que sim, mas às vezes a gente desenvolve atividades que pensa que não é aquilo e acaba sendo"<sup>110</sup>. Outra professora do 5º ano alegou que começou a aplicar a Educação Patrimonial com as suas turmas no ano de 2011. Mas, teve que interromper o projeto, pois percebeu que seus alunos necessitavam desenvolver primeiramente algumas habilidades básicas relacionadas à Língua Portuguesa e à Matemática. Segundo ela, assim que a turma melhorasse o seu desempenho nessas questões, o projeto prosseguiria<sup>111</sup>.

A assimilação de conteúdos e a acumulação de conhecimentos não são suficientes para a busca de soluções dos problemas da realidade na qual estamos imersos. Atualmente o sistema educacional necessita atender às exigências de "aprender a aprender, formar o hábito de pensar, investigar, pesquisar, habilitar-se a trabalhar de acordo com os critérios da ciência, desenvolver o espírito crítico e a criatividade" (STARLING; SANTANA, 2002, p. 92).

O patrimônio cultural pode ser uma fonte de informações e valores. Assim, a Igreja Nossa Senhora do Socorro, enquanto materialização da cultura viva se torna

<sup>108</sup> Entrevista concedida por Maria Raimunda G. Maciel, em 14 de julho de 2011.

<sup>109</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima M. de Oliveira, em 13 de julho de 2011.

<sup>110</sup> Entrevista concedida por Antonieta O. Reis Aguiar, em 22 de julho de 2011.

<sup>111</sup> Entrevista concedida por Maria Raimunda G. Maciel, em 13 de julho de 2011.

base para a construção de significados e, consequentemente, de aprendizados para os alunos que vivenciam esse bem cultural. De acordo com Hugues de Varine (2012) “o papel da educação de base, em família tanto quanto possível, e em todo o caso, na escola, será o de fornecer os meios intelectuais de adquirir e de manter progressivamente todos esses códigos” (VARINE, 2012, p. 92).

O autor complementou essa afirmação dizendo que o patrimônio contém um número essencial de códigos, e que é necessário decodificar esses códigos com a ajuda das chaves adquiridas na juventude. Essas decodificações são aperfeiçoadas ao longo de toda a vida. As chaves desenvolvidas na infância e na juventude são peculiares à pedagogia, e serão aperfeiçoadas por intermédio da curiosidade e da abertura de espírito no decorrer da vida das pessoas (VARINE, 2012, p. 92).

Nesse sentido, a opinião dos professores entrevistados sobre o papel da educação municipal para a preservação do patrimônio local, especificamente a igreja, compartilha com a ideia posta acima devido à importância da educação no ensino fundamental nessa tarefa. Visto que o objetivo maior da preservação dos bens materiais culturais não é só a integridade física desses artefatos, mas a compreensão da realidade e da sua contínua transformação, para a melhoria da qualidade de vida de uma comunidade, que é desenvolvida a partir das referências temporais e espaciais dos atores históricos (CHUVA, 2002, p. 90).

Assim, para a Secretaria de Educação, Veralúcia Pires, o papel da escola é: “educar os alunos, passar para os alunos a importância de preservar e conservar o patrimônio”, e complementou a professora que esses bens (a igreja e seu acervo), são possuidores de um valor patrimonial, que eles são de todos e devem ser cuidados<sup>112</sup>. O Coordenador Geral Pedagógico acrescentou que:

nosso papel tem sido sempre, nos planejamentos anuais, incluir e reforçar com os educadores que eles trabalhem, que façam pesquisa, elaborem atividades com seus alunos onde eles incluam a igreja como objeto de estudo, de pesquisa e de visitação<sup>113</sup>.

Porém, é de grande valia destacar os depoimentos de alguns professores, que além de enfatizarem a relevância central da educação para o processo de preservação das evidências culturais locais, inclusive da igreja pesquisada, também

<sup>112</sup> Entrevista concedida por Veralúcia P. de Carvalho, em 04 de agosto de 2011.

<sup>113</sup> Entrevista concedida por José Joilson de Jesus Oliveira, em 14 de julho de 2011.

relataram a sua visão sobre a realidade geruense. Para a professora Luciana Santana:

A educação municipal tem o papel de desenvolver ações que venham a construir essa identidade (como eu já destaquei), valorizando os elementos da nossa cultura geruense e fazendo com que os educandos, tanto das séries maiores (que são o público alvo dessa escola em questão), quanto para os alunos de toda a rede, desde a idade mais tenra do ensino infantil até o nono ano, quando concluíssem o ensino fundamental. Porque nós sabemos que as comunidades necessitam dessa valorização da nossa cultura. Então, a secretaria tem esse papel de estar valorizando, promovendo atividades culturais, não apenas em datas pontuais com apresentações. Enfim, atividades de mera culminância, mas que fique o registro escrito, que é o mais importante, o registro do que foi feito, do que foi desenvolvido, para que outras turmas de outras gerações vejam o que a comunidade tem. Como ações estão valorizando a sua própria cultura. Porque não tem nada pior do que esperar que alguém de fora diga o que tem valor. Somos nós que temos que reconhecer esse valor<sup>114</sup>.

Nesse mesmo raciocínio, a professora Antonieta Oliveira apontou que, além da educação ser importante para a preservação da igreja, “temos que conversar mais com os alunos, com a sociedade, fazer mais reuniões, mostrando que ela é um patrimônio que nós devemos preservar”<sup>115</sup>. A docente Maria Raimunda fez um relato elucidativo sobre essa situação, inclusive refletiu sobre a importância de se abordar a cultura local no ensino fundamental, realidade que não vivenciou em sua formação escolar. Ela declarou:

Eu acho que deveria incluir na grade curricular, por exemplo, de Artes, embora envolva todas as disciplinas. Definir o que a gente poderia está trabalhando, porque aí a gente ia ter que se aprofundar, sabe que tem pessoas que não se importam, não se interessam. E aí, aquilo que não é cobrado a gente não vai fazer, poucas pessoas tem boa vontade. Inserir o patrimônio, da igreja dentro da grade curricular, pra ser trabalhado dentro do conteúdo e não só nas datas comemorativas como a gente faz. Embora, eu acredito que deveria ser o município inteiro, tipo assim as pedreiras, as questões do nosso município, em vez da gente tá dando coisas tão distantes da gente, e as coisas tão pertinho que podem ensinar da mesma forma (...). Claro que a gente tem que falar do mundo lá fora, é que às vezes, a gente vê nos livros didáticos mesmo questões que você vai falar que o menino nem sabe o que é, distante, (...) mas não mostra muito a nossa realidade, aí não cria tanto interesse dos alunos, a gente faz comparações. E aí, incluindo já no ensino fundamental, eles vão

<sup>114</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana da Silva, em 21 de julho de 2011.

<sup>115</sup> Entrevista concedida por Antonieta Oliveira R. Aguiar, em 22 de julho de 2011.

crescendo e não vão ficar como eu, eu não sabia de nada, não tinha muito conhecimento, estou procurando saber agora. Mas, já começando de pequeno, quando eles terminassem, pelo menos o ensino fundamental, eles já teriam bastante conhecimento e teriam mais interesse<sup>116</sup>.

Percebe-se nessas últimas colocações a preocupação dos educadores com o diálogo com os alunos, e também com a sociedade. Além da inserção do patrimônio cultural nos currículos escolares, também há o pensamento de inseri-lo no cotidiano das comunidades. Atualmente, temos que reconhecer que houve avanços significativos das universidades brasileiras concernentes à questão patrimonial nos cursos de licenciaturas, mas ainda teremos um longo caminho a percorrer. Porém é válido ressaltar que nesta pesquisa não foi aprofundaremos no assunto de formação de professores. Pois isso levaria a um outro trabalho acadêmico. Entretanto, ressalvo que a formação escolar e dos professores nessa área específica do patrimônio cultural foi apontada por alguns dos entrevistados. Além da professora Maria Raimunda Maciel, a atual Secretária de Educação relatou que os moradores passaram a saber sobre a história dos índios da região ou da história da Igreja, de uns vinte anos para cá: “a gente sabia que tinha uma igreja, mas eu mesma, na minha juventude, não sabia nada da igreja”<sup>117</sup>. Ou seja, a temática do Patrimônio Cultural e da Educação Patrimonial em salas de aula é ainda nova, ou inexistente, no cotidiano das escolas.

Na sequência desse último tópico apresentado, o papel da educação voltada para os bens culturais, perguntou-se aos educadores: Quais as ações desenvolvidas atualmente, que estão ligadas ao patrimônio e a história local? Da Secretaria de Educação aos diretores das escolas e demais professores, os entrevistados responderam não conhecer, no momento, nenhuma ação desenvolvida relacionada aos bens patrimoniais do município. E acrescentaram que essas ações acontecem nas datas comemorativas, tanto civis quanto da religião católica. Como disse a professora Maria de Fátima Macedo:

Geralmente, no mês de novembro todos os professores, seja da zona rural ou da zona urbana, tem sempre alguma atividade, pois é aniversário da cidade, e qualquer coisa que envolve o Geru envolve

<sup>116</sup> Entrevista concedida por Maria Raimunda G. Maciel, em 14 de julho de 2011.

<sup>117</sup> Entrevista concedida por Veralúcia Pires de Carvalho, em 04 de agosto de 2011.

a igreja. E a primeira coisa que aparece é a história da igreja. Todos os professores trabalham, tem apresentações, tem músicas, tem paródias sobre a igreja<sup>118</sup>.

A docente afirmou que estas ações acontecem apenas na Festa da Padroeira da cidade, e reiterou que: “a questão de patrimônio, ela é pouco vista, tanto na educação quanto na sociedade. Isto se dá, provavelmente, pela carência de um conhecimento mais amplo, porque é preciso conhecer para dar mais atenção”<sup>119</sup>. Enfim, como disse a professora Luciana Santana: “infelizmente, são ações pontuais, muito válidas, mas em que outros momentos poderiam também ocorrer”<sup>120</sup>.

Diante do exposto sobre o enfoque do patrimônio no ensino fundamental em Tomar do Geru, e para tornar mais inteligível essa realidade, fez-se necessário apresentar, segundo os alunos e os professores participantes da pesquisa, a consciência da comunidade sobre a importância cultural da Igreja Nossa Senhora do Socorro. Em outras palavras: Se os geruenses conhecem ou valorizam esse patrimônio cultural? Para isso, tornou-se pertinente rememorar o debate abordado no primeiro capítulo desse trabalho. Pois, assim como não compartilhamos de igual forma da memória, também não temos impressões, leituras, compreensões e sentidos exatamente idênticos referentes a um mesmo objeto cultural. Cada um fará apropriações de acordo com suas habilidades e competências adquiridas ao longo de sua trajetória de vida.

Este proceso de apropiación desigual del patrimonio implica también un reconocimiento respecto de la común reducción que lleva a sostener que el patrimonio no es valorado socialmente. Por el contrario, lo que debemos entender como transmisores es que en relación al patrimonio cultural actúan diferentes grupos de interés que le atribuyen una diversidad de significados (CONFORTI, 2009, p. 9).

Dessa forma, os discentes pesquisados apresentaram respostas um tanto quanto instigantes e reveladoras. Todos os estudantes do 9º ano contrapuseram em suas respostas a ideia de que a comunidade geruense, em sua totalidade, tem consciência da importância da igreja enquanto patrimônio cultural. Eles expuseram seus argumentos usando inicialmente termos e palavras, como: alguns, algumas sim

---

<sup>118</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima M. de Oliveira, em 13 de julho de 2011.

<sup>119</sup> Ibidem.

<sup>120</sup> Entrevista concedida por Luciana Santana da Silva, em 21 de julho de 2011.

outras não, poucas pessoas, minoria e maioria. Isso chamou atenção, pelo fato de que essas alunas detectam que a comunidade geruense não é homogênea, e sim diversificada.

Não se trata de separar ou confrontar turmas ou segmentos de ensino, apenas de abordar as respostas obtidas com o objetivo de atingir uma reflexão mais crítica. Por isso, destaco aqui as respostas dos discentes do 5º ano, pois eles apresentaram semelhanças entre si e, se distinguiram dos argumentos das alunas do 9º ano. A maior parte dos estudantes do primeiro segmento do ensino fundamental demonstrou que a comunidade conhece, valoriza ou tem consciência dos bens patrimoniais da cidade. E as discentes dos 9º anos alegam que os moradores não reconhecem e nem valorizam. Essa diferenciação na forma de ver essa realidade pode ser justificada pelo nível de habilidades e de competências desenvolvidas, que correspondem à faixa etária do primeiro grupo, de dez a onze anos. Entretanto, a idade não indica que todas as crianças tenham as mesmas representações sobre a realidade sociocultural na qual estão imersas, pois a aluna do 5º ano, Givanilda, de nove anos, teve argumentos condizentes com as alunas do 9º ano.

Na perspectiva dos professores à indagação: Se a comunidade conhece e tem interesse em preservar o patrimônio cultural local? As respostas foram heterogêneas e ricas de informações. Alguns justificaram que o interesse em preservar é apenas dos católicos, e que as pessoas exploram mais a questão religiosa que o lado cultural. Outros consideraram que a comunidade em geral tem pouco envolvimento/reconhecimento sobre os valores patrimoniais da igreja. Tem também quem acredite que, a comunidade possui essa conscientização de que a Igreja Nossa Senhora do Socorro deve ser preservada. Porém, uma professora declarou que nem todos têm consciência, “mas ela é preservada porque é pouco visitada, então aquilo que não é visitada é preservado”<sup>121</sup>. Uma das variantes dessa demanda é a expressão da limitada utilização da Igreja Nossa Senhora do Socorro enquanto evidência cultural, seja pelos próprios moradores ou pelos turistas. A Igreja Nossa Senhora do Socorro deve ser percebida, tanto como templo religioso ou como registro da história e da estética da época, como o vestígio de uma cultura pretérita e, na atualidade, da cultura de Tomar do Geru. Quanto à questão da pouca visitação

---

<sup>121</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima M. de Oliveira, em 13 de julho de 2011.

de turistas, necessariamente não significa que ela está e será preservada por esse fato. O templo pode receber turistas e continuar sendo preservado. Isso vai depender das políticas de conservação para esse patrimônio de valor artístico e histórico reconhecido nacionalmente.

Para complementar essa análise, a fala do professor José Joilson Oliveira elucidou outras questões ainda não abordadas. Ele disse:

Na sua maioria eu acho que não. Mas, boa parte sim, porque talvez seja uma falta de conhecimento de mundo. Porque quando você só enxerga aquilo naquele lugar e nunca saiu pra outro lugar, então você acha que só tem aquilo e em outro lugar não. Não existem outras belezas em outros lugares, e daí você não tem como comparar. Por exemplo, se as pessoas daqui saíssem, visitassem outros lugares que tem igrejas semelhantes à daqui, elas iam fazer uma comparação. Então, tanto faz pra elas aquilo dali como não. É bonito, é lindo, eles acham bonito, lindo, mas a visão não é voltada para a importância que tem aquilo para a cultura<sup>122</sup>.

É necessário dizer que na região Sul e Centro-Sul do Estado de Sergipe não se encontra nenhuma edificação construída para fins de catequização, que tenha utilizado o mesmo estilo de arte, a estética barroca. As igrejas de Sergipe, mais próximas geograficamente de Geru, localizam-se nas cidades de São Cristóvão e Laranjeiras, e foram construídas em épocas posteriores e em outros contextos históricos ou estilísticos. Entretanto, essas duas cidades têm seus sítios urbanos reconhecidos nacionalmente e mundialmente pelo seu valor histórico e artístico. Como é o caso da Praça São Francisco, em São Cristóvão, que recentemente recebeu o título de Patrimônio da Humanidade.

A declaração do Coordenador Geral Pedagógico apontou que é necessário conhecer tanto os seus bens culturais, quanto os circunvizinhos e os demais. E que quando se considera a Igreja Nossa Senhora do Socorro isoladamente, sem comparar e conectar as suas características artísticas, históricas e culturais com outros bens patrimoniais semelhantes, a probabilidade de reconhecimento desses valores pelos seus detentores diminui.

Ora, nunca é fácil convencer uma população de que uma instituição que lhe parece um tanto intimidante, concebida e dirigida por

---

<sup>122</sup> Entrevista concedida por José Joilson de Jesus Oliveira a autora, em 14 de julho de 2011.

especialistas com sua linguagem especializada, e por administradores públicos ou funcionários com suas abordagens político-administrativas, é alguma coisa de que eles possam se apropriar, copilotar um espaço onde eles estarão em casa, mais que os turistas ou os pesquisadores, e também um espaço que tem necessidade deles (VARINE, 2012, p. 187).

A atribuição de valores e sentidos pela sociedade aos bens culturais incide na valorização do patrimônio cultural, e isso se torna possível pelo despertar da sensibilidade nas comunidades através da difusão do conhecimento sobre os objetos patrimoniais. Essa difusão põe os indivíduos em contato com seu patrimônio cultural para a criação e o desenvolvimento de mecanismos de interpretação desses bens, que auxiliem na compreensão desses registros materiais e imateriais culturais. Como mencionei no início desse estudo, as entrevistas foram de caráter qualitativo, uma forma para estabelecer perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além dos meus, enquanto pesquisadora (FARR, 1982, *Apud*, GASKELL, 2008, p. 65). Foi a partir da exploração do universo de opiniões e das diferentes representações sobre o assunto em questão, e não da quantificação de pessoas e opiniões, que esse texto foi construído.

Esse campo multifacetado possibilitou captar diferentes interpretações e representações sobre a relação da prática educativa das três escolas com o patrimônio da Igreja Nossa Senhora do Socorro, em Geru. Com isso, verificamos que as interpretações e opiniões dos professores pesquisados ressoam nas visões dos discentes, e talvez, na comunidade geruense. Logo, os valores que são atribuídos a esse bem patrimonial pelo corpo docente repercutem na sociedade, como o comprometimento desse segmento social diante dos desafios da dimensão patrimonial no município de Tomar do Geru.

Outro aspecto do universo analisado foi perceber que a Igreja Nossa Senhora do Socorro é concebida como bem cultural importante da história do município, mas o processo de articulação desse patrimônio com as escolas pesquisadas acontece poucas vezes por ano, em momentos pontuais e isolados, as datas comemorativas. Essa situação é dissonante, visto que os educadores e educandos atribuem a esse objeto patrimonial tamanha significância para a história local e, ao mesmo tempo, há um distanciamento dos conteúdos programáticos curriculares e das ações pedagógicas das escolas com este patrimônio.

É preciso reconhecer uma responsabilidade individual e coletiva perante aos artefatos herdados de gerações antecedentes aos quais conferimos valores que podem “proporcionar prazer aos sentidos, produzir e veicular conhecimentos” (FONSECA, 2009, p. 51). Não posso afirmar que os pesquisados “não sabem nada” ou não se interessam pela Igreja Nossa Senhora do Socorro pelo seu acervo, enquanto exemplos do patrimônio cultural. Eles apresentam leituras e compreensões sobre esses testemunhos materiais da história, da cultura, das artes e da cidade do Geru. Mas também, em alguns casos é notória a omissão de alguns professores quanto ao interesse em preservar o patrimônio da igreja, assim como promover diálogos com a comunidade sobre esse tema.

Não podemos esperar que uma comunidade comprehenda o patrimônio cultural apenas na ‘visão científica’. Afinal, esses bens são polissêmicos e passíveis de variadas leituras e compreensões. Nesse sentido, acredito que a visão tradicional de Patrimônio deve ser rompida em Tomar do Geru. Assim como os conceitos de Patrimônio Cultural e de Educação Patrimonial devem ser reconhecidos, reinventados, ou reconstruídos. Assim, os educadores geruenses podem e devem viabilizar essa integração redirecionando os saberes e experiências da comunidade para a valorização deste patrimônio local, a Igreja Nossa Senhora do Socorro e o seu acervo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio cultural pode ser estudado em vários níveis da educação brasileira, desde o Infantil ao Superior. Assim as instituições de ensino devem identificar, explorar e canalizar as potencialidades da população para dinamizar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem para o fortalecimento da autoestima dos cidadãos e, consequentemente, para o exercício da sua cidadania. Ou seja, por meio de ações educativas é possível despertar e construir conhecimentos sobre a realidade social e cultural na qual a unidade de ensino está inserida. A valorização do patrimônio cultural está vinculada com o desenvolvimento humano e com a qualidade de vida de uma comunidade. Podendo através da Educação Patrimonial promover avanços significativos, tanto nas questões sociais como nas políticas e econômicas dos grupos sociais.

Mas, essa tarefa não é simples ou de retorno imediato. É fundamental que a educação direcione forças, desenvolva ações concretas e, acima de tudo, construa conhecimentos contínuos sobre a sociedade da qual ela faz parte e na qual ela atua. Isso se torna mais difícil quando os profissionais da educação não dispõem de instrumentos conceituais, científicos e estratégias metodológicas para desenvolver os conhecimentos, as habilidades e as capacidades inventivas nos alunos, com o intuito de amenizar a distância entre os bens culturais e as vivências escolares dos discentes.

Este é o caso das escolas da cidade de Tomar do Geru, em relação à Igreja Nossa Senhora do Socorro e de seu acervo. Porém, os profissionais da área da educação da localidade podem não deter os conhecimentos especializados sobre patrimônio cultural e sobre a história local. Contudo, eles devem conhecer a realidade social e cultural na qual seu aluno está imerso, ou seja, não é necessário ser especialista na área da cultura, do patrimônio, da história ou das artes, para explorar pedagogicamente nos currículos de qualquer disciplina, o universo patrimonial da comunidade em que o professor atua.

Sabemos que a temática patrimonial é relativamente recente. E algumas falas das professoras entrevistadas deixaram isso claro, elas não tiveram a história local

como objeto de estudo durante sua formação escolar. E, em decorrência desse fato, algumas delas assinalaram que as pessoas com mais idade são as detentoras do saber ou da história local.

Por mais que os diversos segmentos sociais desconheçam, ou melhor, não reconheçam os motivos pelos quais os órgãos e os técnicos da área valorizem a Igreja Nossa Senhora do Socorro, ou os reais motivos pelos quais foi atribuído a esse templo o valor de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo SPHAN, atual IPHAN, a igreja está em pleno uso e é reconhecida pelos grupos sociais locais como o edifício mais significativo da história de Tomar do Geru.

É essencial o respeito à diversidade de interpretações, para que haja equidade entre os valores assumidos pelos diferentes grupos da comunidade geruense. Desta forma, aumentar o conhecimento favorece a coexistência pacífica, a confiança e a compreensão mútua, sem a pretensão de eliminar os conflitos. Assim, a articulação do patrimônio com a educação é fundamental como um processo permanente de construção e democratização dos saberes. Não apenas como objeto de estudo específico, mas como meio de acesso a outros campos de conhecimento através da interdisciplinaridade. É válido ressaltar que a formação do professorado é relevante para a exploração das potencialidades do patrimônio cultural local e da sua utilização pedagógica.

Nesse sentido, a comunidade escolar deve formular estratégias com o compromisso de reconhecer o interesse público do patrimônio, valorizá-lo por meio de ações educativas (observação e identificação, estudo e interpretação, registro, apropriação e proteção); e assegurar medidas do exercício do direito ao patrimônio cultural, assegurando um ambiente adequado a estas preocupações e finalidades. É essencial o encorajamento dos profissionais da educação a participar ativamente desse processo de valorização e preservação dos bens patrimoniais, assim como na reflexão e nos debates contemporâneos sobre as oportunidades e os desafios no âmbito do patrimônio e da educação para o patrimônio.

Portanto, a Igreja Nossa Senhora do Socorro e seu acervo, enquanto elementos patrimoniais necessitam da conjugação de esforços de educadores, alunos, administradores, religiosos, líderes comunitários, e demais segmentos da sociedade para tornar cada vez mais presente e viva a história local no cotidiano da comunidade geruense. E esses esforços devem se transformar em ações que

problematizem, e que resultem na construção de novos conhecimentos, registrados e compartilhados com a sociedade, seja por meio de exposições, palestras, seminários, colóquios, e demais formas.

Espero que essa pesquisa de mestrado provoque reflexões na comunidade escolar, e em geral, da cidade de Tomar do Geru. E que essas reflexões impliquem em ações pedagógicas voltadas para a preservação desse bem cultural, e consequentemente, para a conexão do patrimônio com o social. Nossas responsabilidades devem ir além da interpretação do patrimônio como referência ao passado, mas como elemento do presente e do futuro. Sendo assim, é imprescindível romper com a visão tradicional dos termos Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial, e ao mesmo tempo, reinventá-los.

Reafirmo que não considero o Patrimônio Cultural ou a Educação Patrimonial como instrumentos de alfabetização cultural. Pois, como já foi dito anteriormente, os objetos culturais são passíveis de variadas leituras e interpretações. Tanto os bens patrimoniais como a Educação Patrimonial são ferramentas capazes de promover diálogos e novos conhecimentos, a partir de ações educacionais sistematizadas.

Devemos considerar que a magnitude e o simbolismo do monumento da Igreja Nossa Senhora do Socorro, como também a beleza e o sentido peculiar de seu acervo religioso, ultrapassam os fatores históricos e políticos das épocas nas quais foram concebidos, como também extrapolam as largas paredes do prédio e se propagam na cidade, invadem a memória e a identidade cultural dos geruenses. Dessa forma, peço licença para parafrasear Centurião (1999) quando este se refere ao barroco no Brasil: a Igreja Nossa Senhora do Socorro, exemplar da estética barroca da arte brasileira, ‘tornou-se fonte nutriz de sua cultura’.

## REFERÊNCIAS

**Actas del III Congreso de Educación, Museos y Patrimonio.** Aprendizaje en espacios alternativos de educación patrimonial. DIBAM, CECA-Chile. Santiago, Chile. Disponível em: <<http://www.dibam.cl/noticias/LIBRO%20III%20Congreso%20al%20AJ%C3%ADCOLO%20Rimpreso.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

ALVES, Natália Marinho F. Talha. In:- PEREIRA, José Fernandes. (Dir.) **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editoria Presença, 1989.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARJONA, Valentina Cantón. La Educación Patrimonial: como estrategia para la formación ciudadana. **Correo del Maestro**, Núm. 154, marzo de 2009. Disponível em: <<http://www.correodelmaestro.com/anteriores/2009/marzo/incert154.htm>>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

ÁVILA, Affonso; MACHADO, João; MACHADO, Guedes. **Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

BAYÓN, Damián. **Sociedad y arquitectura colonial sudamerica: una leitura polémica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, s/d.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: redescobrindo sentidos. **SAECULUM – Revista de História [15]**. João Pessoa, jul./dez. 2006.

BAZIN, Germain. **Barroco e Rococó**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **A arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1956.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos

parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1937. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del0025.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm)>. Acesso em: 30 de outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 20 de setembro de 2011.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. **Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CAVALCANTI, Carlos. **História da Arte**. Rio de Janeiro: Rio, 1978.

CENTURIÃO, Luiz Ricardo Mchaelsen. **Cidade Colonial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CERQUEIRA, Fábio; GUTIERREZ, Ester; SANTOS, Denise Marroni dos; MELO, Alan Dutra de. **Educação Patrimonial: perspectivas multidisciplinares**. Pelotas: Ed. UFPel, 2008.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In:- FERREIRA, Marieta e Moraes & AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. **História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/ Ed. UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural brasileiro (1930-1940). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

CONFORTI, María Eugenia. Educación no formal y patrimonio arqueológico. Su articulación y conceptualización. **Intersecciones en Antropología**, vol. 11, 2010, pp. 103-114. Disponível em: ><http://www.scielo.org.ar/pdf/iant/v11n1/v11n1a08.pdf><. Acesso em: 10 de agosto de 2012.

COSTA, Lúcio. A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil. Edição Fac Similar. Revista do Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro. 1941. nº 5. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. DF. MIC./IPHAN.Nº 26.1997.

CRUZ, Maria Cristina Meirelles de Toledo. **Para uma educação da sensibilidade**: uma experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes/USP, São Paulo, 2005.

CUNHA, Maria José de Assunção da. **Iconografia Cristã**. Ouro Preto: UFOP/IAC, 1993.

DANTAS, Beatriz Góes. **Missão indígena no Geru**. Aracaju: Ed. UFS, 1983.

\_\_\_\_\_. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana. (Org.) **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/BANESE, 1991.

DELGADO, Ana Cristina Coll and MULLER, Fernanda. **Apresentação**. *Educ. Soc.* [online]. 2005, vol.26, n.91, pp. 351-360. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a02v2691.pdf><. Acesso em: 07 de junho de 2012.

DOCUMENTOS DE ARTE ARGENTINO. **La Iglesia del Pilar**. Buenos Aires: Academia Nacional de Bellas Artes, Cuaderno XXI, 1945.

EINSENBERG, José. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

FERRARI, Aída Lúcia. Educação Patrimonial. In:- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial.** Grupo Gestor (Org.). Belo Horizonte: SEE/MG, 2002, pp. 108-120.

FERREIRA, M. L. M. (2006). Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos.** Disponível em: <<http://www.uem.br/dialogos/>>. Acesso em: 9 de outubro de 2011.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Pombal e o povoamento do Brasil: a criação de vila. In: **Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte** – A Arte no mundo português dos séculos XVI ao XIX: confrontos, permanências, mutações, Salvador, 1998. Salvador: Museu de Arte Sacra da UFBA, 2000.

FONSECA, M. Cecília Londres. **O Patrimônio em processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

FRANÇA, José-Augusto. **TOMAR:** “Thomar revisited”. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

**Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** IBGE, 1959, v.XIX Sergipe/Alagoas, pp. 483-486.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe.** Aracaju: Vozes/Governo do Estado de Sergipe, 1977.

FREIRE, Paulo. Alfabetização e conscientização. IN: **Conscientização; Teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Tradução de Kátia de Melo e Silva: 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Moraes, 1980, p. 25-56.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ ; RAMBELL, Gilson. (Org.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: Questões legais e conceituais.** São Paulo: Annablume; Fapesp, Campinas: Nepam, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Petropólis: Vozes, 2008.

GONZALEZ, Ricardo. **Relato y ornamento**: los retablos barrocos y la retórica cristiana. Universidad de Buenos Aires, s/d.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio**: Museu de Arte e Escola responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2000.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR do CCCS/Universidade de Birmingham. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; e KHOURY, Yara Aun. (Org.). **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: olho D'Água, 2004.

GUARANÁ, Armindo. Glossário Etimológico dos nomes da língua Tupi na Geographia do Estado de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 05, vol. 3. Aracaju, 1916, p. 297-326.

GUTIERREZ, Ramon. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**. Manuales Arte Catedra, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. “Cartografías de la memoria: La educación patrimonial como instrumento de las comunidades en crisis, una interacción productiva”. **III Congreso de Educación, Museos y Patrimonio**: aprendizaje en espacios alternativos de Educación Patrimonial. Santiago/Chile, 2009, p. 17-39.

**Igreja Nossa Senhora do Socorro – Tomar do Geru/SE.** Brasília. Centro Gráfico do Senado Federal, [1991?] (Catálogo de Restauração).

JANSON, H. W. **Historia del Arte.** Barcelona: Labor, 1972.

JASCA, Adolfo. **Las Iglesias de Buenos Aires.** Buenos Aires: Itinerarium, 1983.

KRAMER, Somia. Autoria e autorização: questões Éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/ 2002. Departamento de Educação da PUC-Rio. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n116/14398.pdf>> 07/06/12>. Acesso em: 10 de julho de 2012.

LEITE, Pe. Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

LEMOS, Carlos A. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

LIMA, Idelsuite de Souza. Ensinar, aprender, defender, preservar: ensino de história local e educação patrimonial. In: **Cadernos do CEON – Educação Patrimonial.** Ano 20 – n. 26. Chapecó: Argos, 2007.

LOPES, Fátima Faleiros. **A cidade e a produção de conhecimentos histórico-educacionais:** aproximações entre Campinas moderna de José de Castro Mendes e a Barcelona “modelo”. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.) **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MARTINS, Guilherme d’Oliveira. Património como valor humano. IN:- **100 Anos de Património:** memória e Identidade. Portugal 1910-2010. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico: Lisboa, 2011.

MASSERON, Paulo Roberto. O barroco sob a luz do modernismo: Lúcio Costa e os Jesuítas. **II Encontro de História da Arte.** São Paulo: IFCH-Unicamp, 27 a 29 de março de 2006.

MECENAS, Ane Luise. **Evocação ao céu**: a Igreja de Nossa Senhora do Socorro uma expressão da mentalidade da Companhia de Jesus na Aldeia de Geru (1683-1759). Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2005.

MILLÉ, Andrés. **La Recoleta de Buenos Aires**: una visión del siglo XVIII. Buenos Aires, 1952.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial**. Grupo Gestor (Org.). Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

MORAES, C.C. P; SANTOS, A. F.; MADUREIRA, J. M. A.; SCHITTINI, G. O ensino de história e a educação patrimonial: uma experiência de estágio supervisionado. **Revista da UFG**. Vol.7, nº. 2, dezembro-2005.

MUCHERL, Felipe Fuentes. **La Educación Patrimonial en Chile**. Agosto de 2010. Disponível em <<http://www.elquintopoder.cl/educacion/educacion-patrimonial-en-chile/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

NUÑES, Déborah Coimbra. **Educação patrimonial nos bastidores do processo**. A formação dos agentes multiplicadores e as metodologias de ensino aplicadas na apreensão dos bens culturais: o caso de São João Del Rei/ Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2011.

NUNES, Verônica M. Meneses. **Glossário de termos sobre religiosidade**. Aracaju: Tribunal de Justiça; Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008.

OLIVEIRA, Miryan A. Ribeiro; JUSTINIANO, Fátima. **Barroco e Rococó nas igrejas do Rio de Janeiro**. Brasília: IPHAN, s/d.

OLIVEIRA, Romilton Batista de. **A comemoração de datas histórico-culturais e religiosas na escola**: um lugar de memória e de representações. Disponível em: <[http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/romilton\\_batista\\_de\\_oliveira.pdf](http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/romilton_batista_de_oliveira.pdf)>. Acesso em: 26 de novembro de 2012.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: **O Saber Histórico na sala de aula**. BITTENCOURT, Circe (org.). 6ª edição, São Paulo: Contexto, 2000 (Repensando o ensino).

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In:- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. (Org.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.

PATETTA, Luciano. **A arquitectura da Companhia de Jesus entre maneirismo e barroco**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7549.pdf>>. Acesso em: 09 de junho de 2012.

PEÑA, José María. A propósito de la Legislación sobre el patrimonio histórico-cultural. IN:- **Nuevas Perspectivas del Patrimonio Histórico Cultural**. Buenos Aires: Comisión para la preservación del patrimonio Histórico Cultural de la ciudad de Buenos Aires, 2001 (Temas de Patrimonio – 1).

\_\_\_\_\_. Cultura, arquitectura, patrimonio. IN:- **Nuevas Perspectivas del Patrimonio Histórico Cultural**. Buenos Aires: Comisión para la preservación del patrimonio Histórico Cultural de la ciudad de Buenos Aires, 2001 (Temas de Patrimonio – 1).

PEREIRA, José Fernandes. (Dir.) **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editoria Presença, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2008, [En línea], Puesto en línea el 01 enero 2008. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/15092>>. Acesso em: 10 de maio de 2011.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

POULOT, Dominique. Um Ecossistema do Patrimônio. In: CARVALHO, C.; GRANATO, M; BEZERRA, R.; BENCHETRIT, S. (Org.). **Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

PRATS, Llorenç. El Concepto de Patrimônio Cultural. **Política y Sociedad**. Madrid: Universidad de Barcelona, 1998.

PROCESSO nº 291-T-41. **Igreja Socorro de Tomar do Geru, Itabaianinha, Sergipe.** Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1943.

REISEWITZ, Lúcia. **Direito ambiental e patrimônio cultural:** direito à preservação da memória, ação e identidade do povo brasileiro. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2004.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In:- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. (Org.) **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na toponímia nacional.** 1<sup>a</sup> ed., 1901.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos. **Patrimônio histórico-cultural:** leitura crítica dos conceitos e suas implicações na prática escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Processo museológico e educação:** construindo um museu didático-comunitário, em Itapuã. 1995. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 1995.

SANTOS, Maria Socorro Soares dos. **Patrimônio e identidade:** uma experiência com Educação Patrimonial em Tomar do Geru/SE. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, 2006.

SANTOS, Ane Luíse Silva Mecenas. **Conquistas da fé na gentilidade brasílica: a catequese jesuítica na aldeia do Geru (1683-1758).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. (Org.). **Somos! Patrimônio Cultural de Pelotas:** séries iniciais. Pelotas/RS: Prefeitura Municipal, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pelotas:** uma história cultural: séries finais. Pelotas/RS: Prefeitura Municipal, 2009.

SCHENONE Héctor H. Tallistas portugueses en el Río de la Plata. In: **Anales del Instituto de Arte Hispanoamericano e investigaciones estéticas**. Nº 08. Buenos Aires, 1955.

\_\_\_\_\_. Iglesia Nuestra Señora del Pilar. IN:- **Patrimonio Artístico Nacional: Inventario de bienes muebles – Ciudad de Buenos Aires**. Buenos Aires: Academia Nacional de Bellas Artes: Fondo Nacional de las Artes, Tomo I, 1998.

SIMÃO, Márcia Buss; GOMES-DA-SILVA, Eliane. Pesquisa com crianças na Educação física: questões teóricas e desafios metodológicos. **Revista da faculdade de educação da UFG**, vol. 33, n.02, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/5274/4691> 7/06/12>. Acesso em 10 de julho de 2012.

SOARES, André L. (Org.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

\_\_\_\_\_; MACHADO, Alexandre; HAIGERT, Cynthia; POSSEL, Vanessa. (Org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

TUMELERO, Lires Irene. A inserção dos conteúdos de Educação Patrimonial e Arqueologia no Ensino Fundamental em Seara, SC. In:- SOARES, André L. (org.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

UDAONDO, Enrique. **Reseña Histórica del Templo de Ntra. Sra. Del Pilar**. Buenos Aires, 1918.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1 – Informações sobre os entrevistados**

- Entrevistas orais:

- Secretaria de Educação Municipal: professora Veralúcia Oliveira de Carvalho - Secretária de Educação Municipal; professor José Joilson de J. Oliveira - Coordenador Geral Pedagógico;
- Escola Municipal Valdete Dórea: Professora Walfiani Fonseca de Souza Araújo- Diretora; Maria de Fátima Macedo de Oliveira – professora de história do 9º ano; Tennyson Santos Sales – professor de Artes do 9º ano; Antonieta Oliveira Reis Aguiar- professora polivalente do 5º ano. Alunos: Marina (13 anos – 9º ano); Maria Eduarda (14 anos – 9º ano); Maristhela (13 anos – 9º ano); Bruno (10 anos – 5º ano); Carla (10 anos – 5º ano); Luana (10 anos – 5º ano);
- Escola Municipal Dr. Albano Franco: Prof. Gilvan Santana dos Santos – Diretora; Luciana Santana da Silva – professora de história e Sociedade e Cultura; Tennyson Santos Sales – professor de Artes do 9º ano; Sinézia (16 anos – 9º ano); Telma (15 anos – 9º ano); Ingrid (14 anos -9º ano);
- Escola Municipal Antônio Aguiar Velames: Prof. Maria Luzia Alves Lima – Diretora; Maria Raimunda Guimarães Maciel - professora polivalente do 5º ano. Alunos: Maria José (10 anos - 5º ano); Damião (11 anos – 5º ano); Givanilda (9 anos – 5º ano).

## Anexo 2 – Roteiro de entrevista com os alunos

- 01.** Dados pessoais: nome, idade, série, sexo.
- 02.** Você já visitou a igreja, exclusivamente, a fim de observá-la e conhecê-la melhor?
- 03.** A visita despertou vontade de conhecer mais sobre a história do município?
- 04.** Você achou que a igreja estava sendo bem cuidada?
- 05.** Você sabe quem foram os responsáveis pela sua construção? Em qual estilo de arte ela se enquadra?
- 06.** Considerando que o prédio da igreja foi dividido em vários cômodos, você pode citar o nome e a função de cada um deles?
- 07.** Fale sobre algum elemento da igreja que lhe desperta a atenção e qual sua significância?
- 08.** Qual a importância da igreja para a cidade?
- 09.** A igreja é representante da história do seu município?
- 10.** Você levaria um visitante para conhecer a igreja? Porque?
- 11.** Você sabe o que significado da palavra patrimônio?
- 12.** Em sua opinião, a igreja é um patrimônio cultural?
- 13.** O que está faltando para que a igreja seja vista não só como instituição religiosa, mas também como parte da identidade local?
- 14.** No seu ambiente escolar você tem observado alguma preocupação / participação da sua escola com a igreja enquanto patrimônio? Você acha importante essa participação? De que forma ocorre essa participação?
- 15.** O que pode ser feito para melhorar?
- 16.** Você sabe o que é educação patrimonial?
- 17.** De quem é a responsabilidade de preservar a Igreja enquanto bem cultural?
- 18.** Já participou de alguma experiência com a educação patrimonial?
- 19.** Você acha importante que a sua escola se preocupe com a história local?
- 20.** Você sabe se a igreja é tombada? E o significado de tombamento? Qual o órgão responsável pelo tombamento?
- 21.** E a comunidade tem consciência da importância da igreja na história local. Por quê?

### **Anexo 3 – Roteiro de entrevista com os professores**

- 01.** Dados pessoais: nome, idade, série e disciplina que leciona, formação, tempo que leciona na rede pública municipal...
- 02.** Você já visitou a igreja, exclusivamente, a fim de observá-la e conhecê-la melhor?
- 03.** A visita despertou vontade de conhecer mais sobre a história do município?
- 04.** Você achou que a igreja estava sendo bem cuidada?
- 05.** Você sabe quem foram os responsáveis pela sua construção? Em qual estilo de arte ela se enquadra?
- 06.** Considerando que o prédio da igreja foi dividido em vários cômodos, você pode citar o nome e a função de cada um deles?
- 07.** Fale sobre algum elemento da igreja que lhe desperta a atenção e qual sua significância?
- 08.** Qual a importância da igreja para a cidade?
- 09.** Como avalia seu conhecimento sobre a igreja?
- 10.** A igreja é representante da história do município de Tomar do Geru?
- 11.** Você levaria um visitante da cidade para conhecer a igreja? Por quê?
- 12.** Para você qual o significado da palavra patrimônio?
- 13.** Você considera a igreja como patrimônio cultural?
- 14.** O que está faltando para que a igreja seja vista não só como instituição religiosa, mas também como parte da identidade local?
- 15.** Como é a preocupação / participação da sua escola com a igreja?
- 16.** O que pode ser feito para melhorar?
- 17.** Você sabe o que é educação patrimonial?
- 18.** Já participou ou desenvolveu alguma experiência com a educação patrimonial?
- 19.** Qual a importância do interesse da sua escola com a história local?
- 20.** Em sua prática pedagógica já utilizou a igreja como recurso didático? De que forma?
- 21.** Você já desenvolveu algum trabalho com seus alunos, direcionado à igreja, juntamente com outro professor de outra disciplina?

- 22.** Cite exemplos de atividades pedagógicas que poderiam ser desenvolvidas utilizando a igreja?
- 23.** Qual o maior empecilho para a não realização de trabalhos práticos e teóricos sobre a igreja?
- 24.** Você sabe se a igreja é tombada? E o significado de tombamento? Qual o órgão responsável pelo tombamento?
- 25.** De quem é a responsabilidade de preservar a Igreja enquanto bem cultural?
- 26.** E a comunidade tem consciência da importância da igreja na história local? Por quê?
- 27.** Em sua opinião, qual o papel da educação municipal para a preservação do patrimônio local, especificamente com a igreja? Atualmente, quais as ações desenvolvidas nessa área?
- 28.** Você encontra respaldo na escola ou na secretaria municipal de educação para o desenvolvimento de atividades pedagógicas com a Igreja Nossa Senhora do Socorro?

**Anexo 4 – Modelo das Cartas de Cessão de direitos sobre  
depoimento oral – Professor e aluno**

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Eu, \_\_\_\_\_, Carteira de  
Identidade nº \_\_\_\_\_, emitida pelo  
\_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos  
de minha entrevista gravada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011,  
transcrita e autorizada para **Maria Socorro Soares dos Santos, RG  
1505895/SSP/SE**, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de  
prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo que  
terceiros a ouçam e usem citações dela, ficando vinculado o controle a Maria  
Socorro Soares dos Santos, que tem sua guarda.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá  
firma reconhecida em cartório.

Tomar do Geru/SE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Eu, \_\_\_\_\_, Carteira de  
Identidade nº \_\_\_\_\_, responsável pelo menor de idade  
\_\_\_\_\_, nascido no  
dia \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da  
entrevista gravada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011, concedida pelo  
menor, transcrita e autorizada para **Maria Socorro Soares dos Santos, RG  
1505895/SSP/SE**, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de  
prazos e limites de citações, desde a presente data. Com o compromisso de  
referenciar o entrevistado (a) pelo primeiro nome nas produções científicas. Da  
mesma forma, autorizo que terceiros a ouçam e usem citações dela, ficando  
vinculado o controle a Maria Socorro Soares dos Santos, que tem sua guarda.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá  
firma reconhecida em cartório.

Tomar do Geru/SE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---